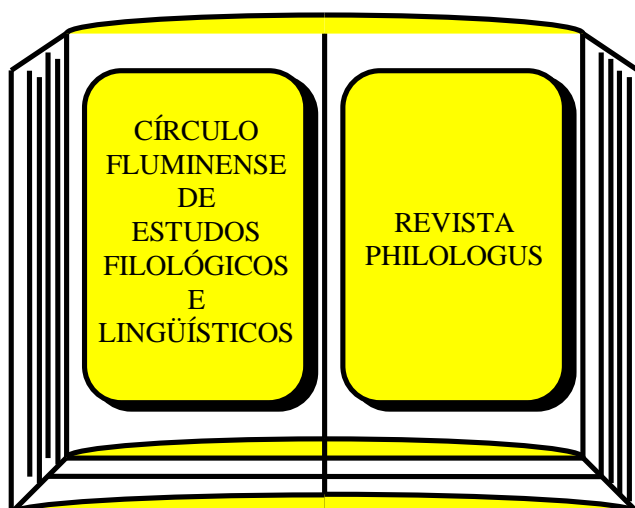


REVISTA PHILOLOGUS



Rio de Janeiro - Ano 2 - N.º 4
Janeiro/Abril - 1996

Expediente

A *Revista Philologus* é um periódico quadrimestral do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL) que se destina a veicular a transmissão e a produção de conhecimentos e reflexões científicas, desta entidade, nas áreas de Filologia e Lingüística por ela abrangidas.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Editor:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL).

Endereço provisório - Rua Tibagi, 499 - Bangu - Rio de Janeiro - Brasil - CEP: 21.820-270 - Tel.: (021) 331-9051.

Diretor-Presidente:

Prof. Emmanuel Macedo Tavares

Vice-Diretor:

Prof. Álvaro Alfredo Bragança Júnior

1.º Secretário:

Prof. Ruy Magalhães de Araujo

2.º Secretário:

Prof. José Pereira da Silva

Equipe de Apoio Editorial:

Constituída pelos Diretores e Secretários do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL). Esta Equipe é a responsável pelo recebimento e avaliação dos trabalhos encaminhados à publicação nesta *Revista*.

Redator-Chefe

Paulo Roberto da Silva Riehl

Distribuição:

A *Revista Philologus* tem sua distribuição endereçada a Instituições de Ensino, Centros, Órgãos e Institutos de Estudos e Pesquisa e a quaisquer outras entidades ou pessoas interessadas em seu recebimento mediante pedido e pagamento de taxas postais correspondentes.

Editorial

O Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL) apresenta, neste número de sua *Revista*, à p. 3 e seguintes, o artigo intitulado *A gramática do pobre*, em que o autor compara o uso da língua portuguesa em níveis diferentes: o formal (rico) e o corrente ou coloquial (pobre).

A *Contribuição do espanhol ao léxico português*, p. 12 e seguintes, é dedicada ao levantamento de vocábulos originários do espanhol (europeu e, especialmente, o fronteiriço) e emprestados ao português do Brasil.

Da p. 45 à 51 encontra-se a *Contribuição árabe na formação do português* em que o autor apresenta um resumo da contribuição arábica para o léxico da língua portuguesa depois de oito séculos de dominação sarracena na Península Ibérica.

O artigo que encerra este número, *Discurso e publicidade*, p. 52 e seguintes, é uma investigação dos aspectos argumentativos contidos no discurso publicitário, cujo objetivo é o de envolver e convencer o receptor da mensagem.

SUMÁRIO

3

A Gramática do pobre - *Salatiel Ferreira Rodrigues*.

12

Contribuição do espanhol ao léxico português - *Álvaro Alfredo Maceira Rodríguez*.

45 Contribuição árabe na formação do português - Tradução: *José Pereira da Silva*

52.Discurso e publicidade - *Maria Antônia da Costa Lobo*.

A GRAMÁTICA DO POBRE

Salatiel Ferreira Rodrigues

Mestre em Letras Vernáculas, UFRJ. Doutor em Letras Vernáculas, UFRJ

1. INTRODUÇÃO

Quem escreve e quem fala - continua o autor do excerto em epígrafe - "tem à sua disposição, para traduzir exatamente o pensamento, séries de palavras ligadas por um sentido comum, que acodem ao espírito, para as necessidades de expressão. Quando se evoca uma delas, sucede geralmente como quando se colhem cerejas: vêm as outras atrás".¹ São palavras ou modos de dizer, muitas das vezes equivalentes, possíveis de serem considerados sinônimos, ou apenas ligados entre si por uma noção comum que os põe na mesma competência semântica.

Verifica-se aí a extraordinária versatilidade da língua no exercício da comunicação, como é realizado na prática. Com efeito, a arte de bem comunicar-se reside essencialmente na escolha da expressão adequada para veicular as idéias e os sentimentos conforme o lugar, o momento e as circunstâncias.

O segredo da economia da língua situa-se, em grande parte, na seleção e uso que se faz do material lingüístico que melhor se ajusta àquilo que se quer exprimir.

As condições em que a fala se produz tem viva influência sobre a forma que ela toma para atender às necessidades do momento.

O político, por exemplo, quando discursa na Câmara, não usa as mesmas palavras que usaria ao conversar com o homem do açougue. Um executivo, falando com amigos no bar, não tem o mesmo discurso com que se comunica com o diretor da empresa. Ocorre que certas palavras e expressões são em princípio sinônimas, mas algumas formas são preferidas nos meios cultos, outras nos meios populares e com o tempo, cada qual em sua área de ação, vão se distanciando e adquirindo autonomia e direito de cidade. "Enfim, são termos usados em circunstâncias diferentes e basta este fato para os tornar desiguais".²

Esta diferenciação circunstancial é de hábito determinada pelos diversos meios sociais.

"Para prova disso, dá-se geralmente este exemplo: o dinheiro recebido em troca da prestação de serviços tem variadíssimas designações, conforme a escala social da pessoa que o recebe: *honorários*, *ordenado*, *mensalidade*, *soldo*, *pré*, *salário*, *féria*, etc. Seria extremamente reparável e incorreto dizer-se: 1) "O major recebeu o *pré*"; 2) "O *salário* do ministro é grande". É que as palavras evocam os meios sociais em que são geralmente empregadas, e não se pode confundir o seu uso sem nos expormos a graves mal-entendidos. O termo *pré* lembra logo o ambiente militar dos soldados e sargentos, *salário* sugere uma classe especial: a dos pequenos serviços. Isto é, as palavras, os sinônimos, são um espelho da sociedade: também se dividem em classes. No campo diz-se: *comer uma tigela de CALDO*; na cidade: *comer um prato de SOPA*. vem a dar na mesma; mas o *caldo* sugere o campônio, a *sopa* é própria do homem da cidade."³

Circunstancial é também a variação que se verifica entre a linguagem literária e a linguagem corrente. Ninguém relata um livro que leu usando as mesmas palavras e a mesma sintaxe do texto lido. O falante descontraído tem a seu dispor a flexibilidade da língua, a expressividade da metáfora, a dramaticidade, a liberdade de

uso da gíria e do chulo, o abuso das lexias, dos lugares -comuns e dos jargões.

No galpão da oficina, sob o telhado da olaria, no campinho de pelada do subúrbio, onde se ajuntam pessoas do mesmo sexo, quase sempre gente simples, os termos obscenos, escatológicos e vulgares são em geral de grande economia.

Seria mesmo de estranhar que os pedões que empurram o carrinho de concreto, os feirantes, os estivadores se entendessem através de termos elegantes e de uma sintaxe rebuscada. Isto porque a aquisição de um plano cuidado de expressão está em proporção direta com uma série de fatores entre os quais se alinham a escolaridade, o conhecimento acumulado, a convivência com os livros e o meio em que se vive. Associando-se de um lado a classe privilegiada com a sua escola, os meios de comunicação, os órgãos de informação que a assistem, a intimidade com a leitura e um padrão social melhorado, e, de outro lado, a massa trabalhadora, o habitante do bairro pobre e o passageiro do trem - cada divisão com a sua linguagem peculiar - pode-se dizer que o poder aquisitivo serve de marco divisor entre os dois modelos e, em consequência, o pobre tem a sua gramá-

tica, plena de características originais.

Para atenuar a dureza de certas expressões que lembram imagens agressivas ou desagradáveis o eufemismo é a solução. E ainda aqui grita alto o sentimento das conveniências sociais. Se é um homem de posição quem deixa de existir, o dicionário não lhe nega o verbo para suavizar a brutalidade do transe: *falecer*, *expirar*, *percecer*, *acabar*, *fechar os olhos*, *fazer a passagem*, *passar-se*, *entregar a alma a Deus*; mas se o finado é de poucos haveres, a língua não lhe falta, igualmente, com o termo ríspido e às vezes jocoso: *abotoar*, *apagar*, *defuntar*, *empacotar*, *espichar*, *bater as botas*, *comer capim pela raiz*, *cantar para subir*, *desinfetar o beco*, e muitos outros da mesma natureza. Rodrigues Lapa atentou para este "efeito por evocação" das palavras e exemplifica-o com estas quatro frases: a) O pobre homem morreu cheio de sofrimento; b) Às dez horas, o mario-la esticava o pernil; c) O estadista expirou com o pensamento no seu país; d) Faleceu ontem o Sr. José dos Santos Abreu".⁴

Percebe-se que, em cada frase, o verbo evoca a posição social, o pres-tígio, de cada personagem. "O pobre homem" é daquele tipo sobre quem o

vulgo afirma que "não cheira nem fede"; "O estadista" certamente ficará na história, porquanto "expirar" aparece-nos como um vocábulo literário, só usado nos livros"⁵; "O Sr. José dos Santos Abreu" foi reverenciado na forma eufemística "faleceu"; mas não se tem dúvida de que a expressão "esticar o pernil" relaciona o "mario-la" com as esferas baixas da sociedade.

A palavra evoca a classe social por afinidade. Não precisa necessariamente estar na boca da gente humilde para ser língua do pobre. Pode ser de uso da classe abonada, mas continuará pobre se ao pobre se refere. Na segunda frase do exemplo de Rodrigues Lapa, "esticar o pernil" aponta para um lado pobre (seja de dinheiro, seja de moral), mas quem pronunciou aquela sentença não era pobre, já que usou também um "mario-la"; se o fosse, teria dito *sem-vergonha*, *patife*, *bunda-mole ou bundão*.

Machado de Assis, já em 1873, reconhecia, em artigo publicado, que o povo tem uma maneira própria de se expressar e que este modelo popular merece atenção e respeito, uma vez que reflete o modo de ser da sociedade que lhe é contemporânea

"Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades

dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade.”⁶

Justifica-se assim o gosto declaradamente assumido por esses "modos de dizer" e pelas "locuções novas" surgidas "por influência do povo" que Machado sempre procurou documentar ao longo de toda a sua obra.

Não se pretende aqui defender, em hipótese alguma, que a gramática do pobre seja a do homem carente, de nenhuma ou quase nenhuma instrução. Quer-se entendê-la como a variante do povo nas ruas, nas fábricas, nos bares, nos trens, descontraída, em face de uma gramática formal que está nos jornais de elite, nas revistas, nas diversas situações em que não se pode dispensar uma linguagem cuidada. *Pobre* aqui está associado com povo, com popular, com coloquial, distenso, próprio das massas, do uso corrente da linguagem. *Rico*, a sua contrapartida, representa o uso cuidado da língua, a palavra escolhida, a expressão trabalhada, a preocupação com a forma e com a elegância do material fônico.

Muitas vezes é a frequência do uso que leva o falante a optar, mesmo inconscientemente, por esse ou aquele padrão verbal. O *rico* sente-se atingido diante de palavras ou expressões que não estão de acordo com as de seu uso, especialmente quando essas ferem o seu recato ou desagradam o seu gosto fonético. O *pobre* recebe como incômodas e pedantes as chamadas palavras bonitas ou palavras difíceis com que poucas vezes se deparam. A linguagem reflete o ambiente social em que um e outro se colocam. A presença de um termo em território que não lhe é próprio pode soar como fato estranho e desagradável. Isso, contudo, não impede que um mesmo falante use com regularidade os dois modelos de língua: seja *rico* nas situações tensas e *pobre* na descontração.

2 - O MODO DE DIZER DO POBRE

O rico é inconveniente, incômodo, cansativo

O pobre é chato, enchedor de saco, pentelho

Ricos trocam afagos

Pobres trocam amassos

O rico provoca uma desordem

O pobre faz uma bagunça

O rico agita o leque

O pobre sacode o abano

O rico lança por terra

O pobre joga no chão

O rico dá um desconto

O pobre tira uns trocados

O rico está deprimido

O pobre está capiongo

O rico está desalentado

O pobre está de crista caída

O rico fica deprimido

O pobre cai na fossa

Segredo de rico está oculto, abscondido

Segredo de pobre está debaixo dos panos

Refeição de rico é comida

Refeição de pobre é gororoba

O rico tem cognome, pseudônimo

O pobre tem apelido, nome de guerra

O rico se rende

O pobre baixa a crista

		O pobre cai em cima
O rico é delator	O rico é polivalente	
O pobre é dedo-duro	O pobre é pau para toda obra	O rico fica retraído
		O pobre fica encorujado
O rico vem em pessoa	O rico abandona os negócios	
O pobre vem em carne e osso	O pobre chuta os negócios para o alto	O rico é acriançado
		O pobre é bocó
O rico supera a crise		
O pobre sai do sufoco	O rico fica ancilosado	O rico é esquivo
	O pobre fica encaranguejado	O pobre é bicho-do-mato
O rico sai discretamente		
O pobre sai de fininho	Plano de rico falha, malogra	O rico se enfurece
	Plano de pobre vai para a cu- cuia, para o beleléu	O pobre vira bicho
O rico arrisca		
O pobre faz uma fezinha		O rico dispensa
	O rico está inquieto	O pobre deixa para lá
O rico penhora a jóia	O pobre está com o diabo no	
O pobre bota a jóia no prego	couro	O rico tolera, admite
O rico está debilitado em ex- tremo	O rico é extravagante	O pobre deixa passar, deixa correr
O pobre não agüenta uma gata pelo rabo	O pobre é acavalado	
		O rico faz exclusão
	O rico une-se em matrimônio	O pobre deixa de fora
	O pobre junta os trapos	
O rico se altera		O rico dissimula
O pobre fica puto	O rico é acéfalo	O pobre faz vista grossa
	O pobre é burro	
O rico investe com denodo		O rico faz ameaça
O pobre bota para quebrar	O rico assume a defesa	O pobre mostra os dentes
	O pobre compra a briga	
O rico tem suas economias		O rico volta depauperado
O pobre tem seu pé-de-meia	O rico fica melancólico	O pobre volta com a língua de fora
O rico é muito trabalhador	O pobre fica jururu	
O pobre é pé-de-boi		
	O rico ataca	O rico deplora

O pobre abre o berreiro		
	Descanso de rico é repouso	O rico está inspirado
O rico fica sem dinheiro	Descanso de pobre é deforete	O pobre está com a cachorra
O pobre fica depenado		
	O rico é granfino, vaidoso	O rico é autista, esquizofrêni-
O rico está financeiramente li-	O pobre é metido a sebo, me-	co
quidado	tido a besta	O pobre é doido, pirado, abilo-
O pobre está pelado, está na		lado
dependura	O rico é descontraído	
	O pobre é sebite	O rico é abstêmio
O rico fica despido		O pobre é careta
O pobre fica pelado	Pele de rico tem oleosidade	
	Pele de pobre tem sebo	O rico é conservador
O rico muda de repente		O pobre é quadrado
O pobre muda do dia para a	Braço de rico tem axila	
noite	Braço de pobre tem sovaco	Bens antigos de rico são anti-
		güidades
O rico foge num instante	Suor de rico é transpiração	Bens antigos de pobre são ve-
O pobre foge enquanto o dia-	suor de pobre é sovaqueira	lharias
bo esfrega um olho		
	O rico ganha uma insignifi-	Descuido de rico é abstração
O rico conversa, dialoga	cância	Descuido de pobre é bobeira
O pobre bate papo, leva um le-	O pobre ganha uma merreca	
ro		O rico é loquaz
	O rico fica indeciso	O pobre é falador
O rico tem um desentendimen-	O pobre fica abestado	
to		Rico que não paga é inadim-
O pobre tem um arranca -rabo,	O rico trabalha	plente
arranca -toco	O pobre dá duro	Pobre que não paga é mal-
		pagador
O rico elimina a testemunha	Caldo de rico é consomê	
O pobre queima o arquivo	Caldo de pobre é canja	O rico é impotente
		O pobre é brocha
O rico toma um drinque	O rico vacila	
O pobre toma uma truaca	O pobre dá bobeira	O rico põe os olhos

O pobre mete as botucas	O pobre é cegueta	O pobre tem pregas
O rico está desmotivado	O rico é deficiente mental	O rico é contumaz
O pobre está sem tesão	O pobre é biruta	O pobre é cabeçudo
O rico está obstinado	O rico tem rosto largo	O rico é jactancioso
O pobre é cabeça-dura	O pobre tem cara de bolacha	O pobre é papo-furado
O rico sonha, fantasia, faz cas- telos	O rico estimula os ânimos	O rico fica lívido, pálido
O pobre viaja na maionese, ra delira no ki-suco	O pobre bota lenha na foguei-	O pobre perde a cor
	O rico confessa	O rico fica ruborizado
O rico amola	O pobre solta a língua	O pobre muda de cor
O pobre enche o saco		Sobra de rico é resíduo
	O rico não diz o que pensa, o que sabe	Sobra de pobre é resto
O rico bajula		
O pobre puxa o saco	O pobre fica na moita	O rico está em situação rele- vante
O rico é inconveniente	O rico faz esgares	O pobre está na crista da onda
O pobre dá no saco, pentelha	O pobre faz mogangas	
		O rico está suspeitando de al- guma coisa
O rico fica aborrecido	O rico trai a mulher	O pobre está com a pulga atrás da orelha
O pobre fica de saco cheio	O pobre bota chifre	
O rico é vilão	O rico é traído	O rico acelera
O pobre é 171	O pobre é chifrado	O pobre pisa fundo
O rico anima excita	O rico faz um superesforço	
O pobre bota pilha	O pobre corta um dobrado	O rico desorganiza-se
		O pobre degradingola
O rico é deficiente físico	O rico fala demais	
O pobre é aleijado	O pobre fala pelos cotovelos	O rico se deixa envolver
		O pobre vai no arrastão, vai na onda
O rico é deficiente visual	O rico tem rugas	

O rico faz grande sucesso
 O pobre arrebenta a boca do
 balão

O rico pede arrego
 O pobre pede o penico

O rico tenta aproximação a-
 morosa

O pobre paquera, arrasta a asa

O rico enfeza-se
 O pobre sai vendendo azeite

O rico é preparado
 O pobre é cabeça feita

O rico deixa a casa desarru-
 mada

O pobre deixa a casa de per-
 nas para o alto

O rico é mal-acabado
 O pobre é feito nas coxas

O rico fica violento, colérico
 O pobre fica uma fera, uma
 arara

O rico dá um impulso
 O pobre dá um adiantito

O rico é avarento
 O pobre é unha-de-fome

O rico diligencia
 O pobre anda, vira, mexe

O rico é pouco inteligente
 O pobre é uma anta, uma mu-
 la, um camelo

3- CONCLUSÃO

Como se vê, esta pesquisa procu-
 ra mostrar que a língua dispõe
 ao mesmo tempo de duas possibilida-
 des de expressão que se substituem:
 uma para servir à forma, outra a ser-
 viço do plano expressional do falante.
 A comunicação poderia perfeitemen-
 te se fazer como dependente apenas
 de uma dessas duas modalidades lin-
 güísticas, se a realidade da língua es-
 crita não fosse outra na fala; se a
 forma tensa não fosse diferente da
 distensa; se o formal não estivesse
 longe do coloquial.

A palavra, como instrumento de uso
 social, recebe de acordo com a classe
 em meio à qual é utilizada, uma gra-
 dação que vai da noção técnica, cien-
 tífica ou literária até as mais baixas
 expressões chulas ou da gíria popular
 . Muitas das expressões populares
 arroladas neste trabalho estão classi-
 ficadas nos dicionários como *chulo*
 ou *gíria* . Partindo-se de que o verbe-
 te *chulo* tem no *Aurélio* a definição

de "usado pela ralé", e que esta é
 compreendida como "a camada mais
 baixa da sociedade", há forte razão
 para se relacionar linguagem popular
 com pobreza e com descuido, desca-
 so, desinformação. Mas *pobreza* não
 é aqui entendida apenas como redu-
 zida competência financeira, mas
 também como ausência de recomen-
 dáveis atributos morais. Se bem que o
 poder aquisitivo e a posição social
 têm atuação decisiva na seleção do
 material vocabular.

"A um homem da plebe que
 comete um furto, as gazetas
 não hesitam em explorar ao
ladrão , ao *gatuno* , o *roubo*
 que praticou; mas se um
 homem da alta sociedade
 cometeu o mesmo crime, então
 os redatores adoçam
 servilmente a frase e escrevem:
desvio de fundos , *fraude* ,
alcance , etc. O povo observou
 perfeitamente esta injustiça e
 fez sobre ela um provérbio
 admirável: "Quem rouba um
 pão é *ladrão* ; quem rouba um
 milhão é *barão*."7

O falante culto é quase sempre nobre
 de coração e praticante das boas ma-
 neiras. Evita tanto quanto possível
 encolerizar-se e ferir sentimentos a-
 lheios. Esta fineza no trato se reflete
 no modo de falar. Eça de Queiroz
 valorizou estas formas delicadas de
 expressão, tanto que as incorporou no
 conselheiro Acácio, caricata persona-
 gem de *O primo Basílio* , de quem diz
 o autor: "nunca usava palavras trivi-

ais; não dizia *vomitare*, fazia um gesto indicativo e empregava *restituere*".⁸

O homem do povo não tem qualquer reserva quanto à sensibilidade dos outros no ponto em que a linguagem possa intermediar. Sua preocupação é ser franco, direto, objetivo. Como ele próprio diz, "não tem papas na língua" e "lasca".

Procura evitar as proparoxítonas e palavras de origem erudita e tem uma preferência especial pelas locuções, metáforas, comparações e modos de dizer próprios da linguagem comum no dia-a-dia das massas falantes. Ele emprega *manducare* em lugar de *comedere*, *mutreta* por *estratagema*, *mané* por *desfibrado*, *cricri* por *tedioso*, *cu-de-boi* por *confusão*, *tomar o freio nos dentes* por *soltar-se* e assim por diante.

Essa diversificação lingüística já existia em latim, onde era levada a rigor. O *latim clássico*, a língua escrita, configurada na obra dos escritores latinos, "caracterizava-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com propriedade, a *urbanitas*".⁹ Era uma língua artificial, inflexível, imota, que não refletia a vida vibrante e dinâmica do povo romano.

"A literatura latina era uma espécie de círculo fechado às manifestações da vida popular. Os escritores punham sempre grande empenho em evitar o emprego de palavras ou expressões da plebe".¹⁰

Ao mesmo tempo havia o *latim vulgar*, "falado pelas classes inferiores da sociedade romana"¹¹ inicialmente e depois de todo o Império Romano.

"Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente".¹²

"Representava esse latim, pois, a soma de todos os falares das camadas sociais mais humildes. Era uma espécie de denominador comum, que se sobrepunha às gírias das várias profissões como um instrumento familiar de comunicação diária."¹³

Logo o *latim vulgar*, a que Serafim da Silva Neto achou melhor chamar de *latim corrente* ou *latim coloquial*¹⁴ foi o latim do povo, a língua que corria na boca das massas de falantes do grande Império. Não é possível supor que a *urbanitas* de Cícero, em contato com o *latim corrente*, não tenha recebido deste alguma contribuição, como também não se pode negar que a língua do povo contivesse elementos pertencentes à língua culta.

A situação continua no português. Quem escreve acredita estar escrevendo a boa língua, logo depurada de todos os vícios e vulgaridades que andam na boca do povo. Com isto, entre um e outro modo de dizer, separando-os, se instala um abismo.

A *Gramática do pobre* quer mostrar essa diferença. Não tem de a pretensão de ser exaustiva, mas a de destacar, com grande número de exemplos, que a língua é uma em situação formal e é outra no uso descomprometido do falar corrente.

4. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

4.1 RESUMO

Já os falantes do grande Império Romano tinham a seu dispor dois destacados modelos de expressão. Não eram duas línguas diferentes mas dois aspectos da mesma língua. No entanto, entre um e outro havia profundas diferenças. O *latim clássico* era a língua dos escritores e dos oradores. Distinguia-se pelo vocabulário apurado, pela correção gramatical e pelo estilo elegante. O *latim vulgar* ou *corrente* era a língua dos soldados e das camadas sociais mais humildes. Era falado pela imensa multidão das pessoas incultas, de todo indiferentes

às criações artísticas ou literárias. Os escritores empenhavam-se em evitar o emprego de palavras ou expressões da plebe. A situação continua no português. Quem escreve acredita estar escrevendo a boa língua, logo depurada dos vícios e vulgaridades que andam na boca do povo. *A Gramática do pobre* quer mostrar essa diferença. Não tem a pretensão de ser exaustiva, mas a de destacar, com grande número de exemplos, que a língua apresenta um aspecto em situação formal e outro no uso descomprometido do falar corrente.

4.2 ABSTRACT

The speakers of the Great Roman Empire had already two outstanding models of expression at their disposal. They were not two different languages, but two aspects of the same language. Therefore there were marked differences between them. Classical Latin was the language of writers and orators. It distinguished itself by an accurate vocabulary, by grammatical correction and by an elegant style. Vulgar or Current Latin was the language of the soldiers and of the lower social stratum. It was spoken by the immense multitude of illiterate people, wholly indifferent to literacy and artistic creation. The

writers used to strive to avoid the use of words or expressions of the populace. The same situation continues in Portuguese. Whoever writes believes that he or she is writing the good language, therefore, purified of the vices and vulgarities which are on everybody's tongue. *The Grammar of the poor* aims at showing this difference. It has no pretension to being exhaustive, but to emphasize, by providing a great number of examples, that presents an aspect in formal situation and another one in the relaxed use of current speaking.

5. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 1979. 179 p.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, III, 1959. p. 822
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1976. 357 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2.ed. revista e aumentada. 31. im-

pressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

JUCÁ (filho), Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/FAE, 1986. 804 p.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 9. ed. revista e aumentada. Coimbra: Coimbra Editora, 1977. 302 p.

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. S. Paulo: Formar, s/d. 248 p.

SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do latim vulgar, O Appendix Probi*, 3.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.

6. NOTAS

- i. LAPA, M. Rodrigues, (1977), p.22.
- ii. **Op. cit.**, p.24.
- iii. **Op. cit.**, p.26-27.
- iv. **Op. cit.**, p.37.
- v. **Id. ibidem**.
- vi. ASSIS, Machado de, (1959), p.822.
- vii. LAPA, M. Rodrigues, (1977), p.27.
- viii. QUEIRÓS, Eça de, (s/d), p. 24.

- ix. COUTINHO, Ismael de Lima, (1976), p.29.
- x. **Op. cit.**, p.31.
- xi. **Op. cit.**, p.30.
- xii. **Id. ibidem.**
- xiii. **Id. ibidem.**
- xiv. SILVA NETO, Serafim da, (1956), p.27. ♠

CONTRIBUIÇÃO DO ESPANHOL AO LÉXICO DO PORTUGUÊS

Alfredo Maceira Rodríguez

Mestre em Filologia Românica, UFRJ. Doutor em Lingüística, UFRJ

1. INTRODUÇÃO

1.1. Português e espanhol

O português e o espanhol são línguas que têm muito em comum porque ambas tiveram a mesma origem, surgiram no mesmo período histórico em áreas geográficas contíguas, em princípio limitadas à Península Ibérica. Ambas adquiriram seu patrimônio tradicional do latim hispânico, levado pelos romanos durante os vários séculos que ocuparam toda ou grande parte da Península.

1.2. Evolução do português e do espanhol

O espanhol originou-se no centro da Península, no reino de Castela, daí sua denominação de castelhano, mais tarde concorrendo com a de espanhol, devido a ter-se tornado a língua oficial de Espanha, sobrepondo-se a outras línguas do território espanhol.

O português também se consolidou como língua nacional de Portugal, recebendo influência moçárabe no sul do país.

1.3. Léxico do português e do espanhol

1.3.1. O português

O espanhol e o português compartilham a mesma fonte principal: o latim e o grego, este, via de regra, através do latim. Além disso, ambas as línguas receberam um bom número de vocábulos de origem árabe introduzidos nestas línguas devido à sua longa permanência na península e a diversos contatos, militares ou comerciais, que ocorreram entre o mundo muçulmano e o peninsular.

No século XIV e seguintes, Portugal por um lado e Espanha por outro lançaram-se à exploração e conquista de terras de outros continentes. Portugal expandiu-se para a Ásia e em seus contatos com outras culturas enriqueceu seu vocabulário, princi-

palmente com nomes de elementos da flora de línguas orientais. Posteriormente, no Brasil, o português foi enriquecido com vocábulos provenientes de línguas indígenas das tribos aqui encontradas e de línguas africanas das nações que contribuíram com o elemento escravo.

O português, como toda língua moderna, sofreu e sofre influência lexical de línguas geograficamente próximas, como o espanhol, ou que exerceram outros tipos de influência, como ocorreu em certas épocas com o francês e o italiano. Mais recentemente o inglês vem contribuindo para o enriquecimento vocabular do português e de outras línguas com elementos provenientes do próprio inglês ou de outras línguas das quais serve como veículo.

1.3.2. O espanhol

O espanhol obteve seu léxico inicialmente do latim hispânico, como o português. O árabe contribuiu também para enriquecer seu vocabulário, no entanto, o espanhol tem menos participação de termos de

línguas orientais do que o português porque Portugal teve mais contato direto com vários povos orientais. Por outro lado, no repertório vocabular do espanhol existe grande número de termos originários de diversas línguas indígenas americanas, entre elas o araucano, o taino e o náuatle.

2. LÉXICO DO ESPANHOL NO PORTUGUÊS

O português e o espanhol encontram-se na condição de línguas em contato na Península Ibérica e na América do Sul, o que contribui para empréstimos vocabulares, principalmente nas regiões fronteiriças e em suas proximidades. Os empréstimos vocabulares podem restringir-se a uma região e serem incorporados aos dicionários como tais ou até tornar-se de uso geral. No sul do Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, por ser uma região com atividades semelhantes às do outro lado da fronteira, é grande a influência do espanhol das regiões limítrofes, chamado por alguns de espanhol platino.

2.1. Levantamento do léxico de origem espanhola no português.

Utilizamos como base o dicionário Aurélio¹, indiscutivelmente o dicionário geral mais completo do português do Brasil. Embora não se trate de um dicionário etimológico, ele indica a etimologia, quando é conhecida, o que nos permite verificar em outras fontes. Listamos todos os termos indicados como procedentes do espanhol e comparamo-los com a etimologia que consta de outros dicionários do português e do espanhol, particularmente dos dicionários etimológicos. Sabemos que uma língua está em constante evolução e que, portanto, seu léxico se renova constantemente, pelo que não pretendemos esgotar o tema, mas contribuir para o conhecimento da origem do léxico do português, que em muitos casos quase não é percebido.

2.2. Léxico geral e léxico restrito

Podemos distinguir entre os vocábulos originários do espanhol amplamente conhecidos e empregados e aqueles que se restringem a uma atividade específica ou a uma região. Há palavras que em espanhol possuem diversos significados, mas que no português sofreram especia-

lização, ficando limitadas apenas a determinada acepção.

2.3. Os derivados

Os empréstimos vocabulares ocorrem predominantemente com substantivos ou verbos, os quais entraram na língua denominando a coisa ou atividade importada. Outras classes de palavras raramente ocorrem como empréstimos. A maior parte dos derivados desses empréstimos já se formam na língua objeto, no nosso caso no português. A seguir relacionamos os vocábulos rotulados como originários do espanhol no *Aurélio*, com uma definição sucinta. Os empréstimos de outras línguas, que entraram no português por intermédio do espanhol não os relacionamos aqui, por falta de espaço. Conservamos a denominação do espanhol (americano, hispano-americano, platino, etc.).

Abreviaturas e siglas

adj. = adjetivo

Agri. = Agricultura

Amaz. = Amazônia

amer. = americano

ant. = antigo	lus. = lusitanismo	S. = Sul (Brasil)
aum. = aumentativo	m. = masculino	SC = Santa Catarina
BA = Bahia	Marinh. = Marinharia	S.E. = Sudeste (Brasil)
Bot. = Botânica	Med. = Medicina	S.O. = Sudoeste (Brasil)
bras. = brasileirismo	MG = Minas Gerais	SP = São Paulo
C.O. = Centro Oeste (Brasil)	Min. = Mineralogia	Taur. = Tauromaquia
Cul. = Culinária	n. = número	tb. = também
deprec. = depreciativo	N. = Norte (Brasil)	Teat. + Teatro
der. = derivado	N.E. = Nordeste (Brasil)	t. d. = transitivo direto
desus. = desusado.	N.O. = Noroeste (Brasil)	t. d. e ind. = transitivo direto e indireto
dim. = diminutivo	O. = Oeste (Brasil)	t. ind. = transitivo indireto
esp. = espanhol	Pesc. = Pescaria	Tip. = Tipografia
Expl. = Explosivos	p. ex. = por exemplo	v. = verbo
f. = feminino	p. ext. = por extensão	Vest. + Vestuário.
fam. = familiar	PI = Piauí	Vet. = Veterinária
Fort. = Fortificação	pl. = plural	3. EMPRÉSTIMOS DO ESPANHOL
fr. = francês	plat. = platino	
Fut. = futebol	pop. = popular	
g. = gênero	PR = Paraná	
Geog. = Geografia	prep. = preposição	A
gír. = gíria	pron. = pronome	abadejo, badejo. [esp. <i>abadejo</i> .] S. m. Bras. Designação comum a peixes de várias espécies dos serranídeos. Adj. Bras. Pop. Enorme; extraordinário; belo.
GO = Goiás	prov. = provincianismo	abanico. [esp. <i>abanico</i>] S. m. Ant. Leque.
hisp.-amer. = hispano-americano	p. us. = pouco usado	
int. = intransitivo	RJ = Rio de Janeiro	
interj. = interjeição	RS = Rio Grande do Sul	
it. = italiano	s. = substantivo	
Liter. = Literatura		

- abanto.** [esp. *abanto*.] Adj. Lus. Touro covarde, que não reage às provocações do toureiro.
- abarrotar.** [esp. *abarrotar*.] V. t. d. Encher de barrote. Int. Assentar barrote. Pron. Empanturrar-se.
- abelharuco.** [esp. *abejaruco*.] S. m. Abelheiro (ave que se alimenta de abelhas nas colméias).
- abesana.** [esp. *abesana*.] S. f. Ant. Junta de bois. O primeiro sulco do arado.
- abichar.** [esp. plat. *abichar*.] V. int. Bras. Criar bicheira (o animal).
- abombar.** [esp. plat. *abombar*.] V. t. d. por imperícia. V. t. ind. Suspender. Bras. S. e GO. Cansar, esfalfar, estafar o cavalo a marcha (o cavalo) por cansaço, devido ao calor.
- achicar.** [esp. *achicar*.] V. t. d. Bras. RS. Tornar pequeno; diminuir.
- acoquinar.** [esp. plat. *acoquinar*.] V. t. d. e pron. Bras. S. Intimidar(-se); acovardar(-se); inquietar(-se).
- ademã, ademane** [esp. *ademán*.] S. m. P. us. Gesto; aceno. Fig. Aparência, aspecto, configuração.
- ademanes, ademães, ademãs.** [esp. *ademanes*.] S. m. .pl. Movimentos para exprimir idéias, acenos, gestos, trejeitos.
- aicuna!**ⁱⁱ [esp. plat. ¡ay, *cuna!* Interj. Indica entusiasmo, admiração, surpresa.
- alicantina.** [esp. *alicantina*.] S. f. Astúcia, manha, trapaça.
- aducha.** [esp. *aducha*.] S. f. Marinh. Voltas de um cabo ou amarra; partes em que se dobra uma vela; rolo ou meada de cabo ou amarra.
- alambrado.** [esp. plat. *alambrado*.] Adj. Cercado com arame. S. m. Cerca de arame. Terreno alambrado.
- alambrador.** [esp. plat. *alambrador*.] S. m. Fabricante de arame. Aquele que alambra.
- alambrar.** [esp. plat.ⁱⁱⁱ *alambrar*.] V. t. d. Cercar com arame.
- almácego.** [esp. plat. *almácigo*.] S. m. Bras. Alfobre (viveiro de plantas para transplantar).
- alão.** [esp. *alano*.] Grande cão de fila, usado na caça.
- alce.** [esp. plat.^{iv} *alce*.] S. m. Bras. RS. Folga; descanso; trégua; melhora do estado físico.
- algarobo.** [esp. plat. *algarobo*.] S. m. Algarobeira.
- algibe.** [esp. *aljibe*.] S. m. Cisterna.
- altanaria.** [esp. *altanería*.] S. f. Altivez; soberba. Caça de aves que voam muito alto.
- altaneiro.** [esp. *altanero*.] Adj. Que se eleva muito; que voa muito alto; soberbo; altivo.
- alumbrar.** [esp. *alumbrar*.] V. t. d. e pron. Iluminar(-se); deslumbrar(-se); maravilhar(-se); inspirar(-se).
- amapola.** [esp. *amapola* ‘papoula’.] S. f. Bot. Planta da família das cactáceas.
- amarilha.** [esp. *amarilla*.] S. f. Vetter. Caquexia aquosa nas bestas.
- amarilho.** [esp. *amarillo*^v.] S. m. Bras. Ligadura, atadura. Bras. PR e RS. Bot. Arbusto ou árvore da família das combretáceas.
- amarfílico.** [esp. *amarillo?*] Adj. Bras. Relativo à febre amarela.
- amistar.** [esp. *amistar*.] V. t. d. e pron. Tornar(-se) amigo; conciliar(-se); congraçar(-se).
- amistoso.** [esp. *amistoso*.] Adj. Próprio de amigo; propenso à amizade. Fut. Jogo que não pertence a uma competição oficial.
- ampulheta.** [esp. *ampolleta*.] S. f. Instrumento de vidro para medir o tempo, por meio da passagem de areia.
- angarilha.** [esp. *angarilla*] S. f. Revestimento de palha ou vime para proteger vasilhas.

- anillo.** [esp. *anillo*.] S. m. Bras. I-lhó. Anel de couro ou de metal pertencente à colhera, que enlaça o pescoço do animal.
- anonadar.** [esp. plat. *anonadar*^{vi}.] V. t. d. Reduzir a nada; aniquilar.
- antanho.** [esp. *antaño*] Adv. No ano passado. Antigamente; outrora.
- antojo.** [esp. *antojo*] S. m. Pôr diante dos olhos. Aparência enganosa. Desejo extravagante. Apetite caprichoso; desarrazoado.
- apaleiar.** [esp. *apaleiar*.] V. t. d. Espancar, bater com pau.
- apanhar.** [esp. *apañar*.] V. t. d. Colher, recolher; tomar; segurar. Roubar, furtar. Contrair doença. Levar pancada; perder em luta.
- aperar.** [esp. plat. *aperar*^{vii}.] V. t. d. Bras. S. Por os aperos. Encilhar com bons arreios. Vestir-se bem.
- aperos.** [esp. plat. *aperos*.] S. m. Pl. Bras. S. Conjunto de peças necessárias para encilhar o cavalo; arreios; jaez.
- apetrechos, petrechos.** [esp. *petrechos*.] S. m. pl. Munições e instrumentos de guerra. Aprestos.
- aplastar.** [esp. *aplastar*.] V. t. d. e pron. Fatigar(-se); cansar(-se); esfal-far(-se).
- apressurar.** [esp. *apresurar*.] V. t. d. e Pron. apressar(-se).
- aquerenciar.** [esp. amer. *aquerenciar*.] V. t. d. Bras. RS. Acostumar o anima a determinado lugar que não é seu pouso habitual. V. Pron. Habituar-se (animal ou pessoa) a certo lugar.
- arandela.** [esp. *arandela*.] S. f. Guarda-mão de lança. Peça que se ajusta ao castiçal. Bras. Suporte na parede para receber bico de gás.
- archote.** [esp. *archote*.] S. m. Facho breado para iluminar. Marinh. Certo trabalho de marinho.
- armadilha.** [esp. *armadilla*] S. f. Laço; engenho; logro.
- arenal.** [esp. plat. *arenal*.] S. m. Bras. S. areal.
- arranhar.** [esp. *arañar*.] V. t. d. Raspar de leve. Ferir de leve. Conhecer pouco uma língua. Tocar mal um instrumento. Ferir alguém com as unhas.
- arregalar.** [esp. prov. *arreguilar*] V. t. d. Abrir muito e esbugalhar os olhos por espanto, admiração, surpresa. etc.
- arreglar.** [esp. plat^{viii}. *arreglar*.] V. t. d. Bras. RS. Ajustar, combinar, concertar. Pôr em ordem.
- arreglo.1.** [esp. *arreglo*.] S. m. Teat. Adaptação de peça teatral.
- arreglo.2.** [esp. plat. *arreglo*.] S. m. Bras. RS. Ato ou efeito de arreglar. Ajuste, combinação.
- arriel.** [ar + esp. *riel*.] S. m. Argola de ouro usadas por certos povos nas orelhas e no nariz. Barra de ouro vazada. Alavanca de cavouqueiro.
- arrinconar.** [esp. plat. *arrinconar*.] v. t. d. e pron. Bras. Arrincoar; pôr em lugar estreito e sem saída; acantuar-se.
- arrocinar.** [esp. plat. *arrocinar*.] V. t. d. Bras. S. Tirar as manhas do cavalo; preparando-o para o serviço.
- assolear.** [esp. plat. *asolearse*.] V. int. e pron. Bras. S. Cansar-se o animal e, P. ext., a pessoa, por haver andado muito ao sol.
- asteca.** [esp. *azteca*] S. m. e adj. Indivíduo dos astecas, antigos habitantes do México. Dialeto náuatle.
- atochar.** [esp. *atochar*.] V. t. d. e int. Fazer entrar com força; encher com excesso; atulhar.
- atossicar.** [esp. amer. *atoxicar*.] V. t. d. Intrigar para o mal. Dar maus conselhos.
- atril.** [esp. *atril*.] S. m. Espécie de estante inclinado onde se coloca papel para ler comodamente.

aulido. [esp. *aullido*] S. m. Grito de animais; uivo.

B

bagual. [esp. plat. *bagual*^{ix}.] Adj. Potro arisco. Potro recém-domado. Cavalo que se tornou selvagem.

bagualada. [esp. plat. *bagualada*.] S. f. Manada de baguais. Grosseria; estupidez; indelicadeza.

bagualão. [esp. plat. *bagualón*.] S. m. Bras. S. Adj. e s. m. Cavalo ou potro recém-domado em que ainda não se pode confiar.

bah! [esp. plat. *¡bah!*] Interj. Barbaridade!

balança. [esp. *balanza*] S. f. Instrumento para pesar. Fig. Equilíbrio, prudência, ponderação. Astr. Libra. Bras. AM. Instrumento de pesca.

balandrão. [esp. plat. *balandrón*.] S. m. Bras. Fanfarrão.

balandronada. [esp. plat. *balandronada*.] S. f. Bras. RS. Fanfarrice.

balante. [esp. *balante*.] Adj. Que bala (de balar).

balboa. [esp. *balboa*.] Unidade monetária do Panamá.

baldosa, beldosa. [esp. *baldosa*] S. f. Tijolo grande e quadrado, susado para revestimentos.

baluma, valuma. [esp. *baluma*.] S. f. Marinh. Numa vela latina, o lado voltado para a popa da embarcação.

bandarilha. [esp. *banderilla*.] S. f. Farpa enfeitada que se crava no cachaço dos touros nas touradas.

bandarilheiro. [esp. *banderillero*.] S. m. Toureiro que bandarilha touros.

bandoleira. [esp. *bandolera*.] S. f. Correia usada a tiracolo, à qual se prende uma arma.

bandoleiro. [esp. *bandolero*.] S. m. Bandido.

barbecho, barbeito. [esp. *barbecho*.] S. m. Agr. A primeira lavra dada a um terreno.

bargante, bragante. [esp. *bergante*.] Adj.

Indivíduo de maus costumes; patife; velhaco; devasso; libertino.

barrilha. [esp. *barrilla*.] S. f. Min. Designação comercial dos carbonatos de sódio e potássio. Haste ou cinza da barrilheira.

basco. [esp. *vasco*.] Adj. e s. m. De ou relativo ao País Basco.

basto. [esp. *basto*.] S. m. No jogo do voltarete, o ás de paus.

batacaço. [esp. plat. *batacazo*.] S. m. Bras. RS. Nas corridas, cavalo que paga grande pule.

bastos. [esp. platô. *bastos*.] S. m. pl. Bras. S. As partes acolchoadas do lombilho, que se assentam no lombo das cavalgadas. O lombilho.

baunilha, ant. bainilha [esp. *vainilla*] Bras. Bot. Planta da família das orquidáceas, muito ornamental, da que se extrai a baunilha, usada em confeitaria e perfumaria. Essência preparada com favas de baunilha, ou sinteticamente.

belendengue. [esp. plat. *blandengue*.] S. m. Bras. RS. Miliciano de cavalaria que guarda as fronteiras.

bilbaíno. [esp. *bilbaíno*.] Adj. e s. m. De ou relativo a Bilbao (Espanha).

biruta. [esp. plat. *viruta*.] Bras. RS. S. f. de madeira. Aparelho que indica a direção dos ventos. Adj. Irrequieto; amalucado.

bisagra. [esp. *bisagra*.] S. f. Dobradiça.

biscainho. [esp. *vizcaíno*.] Adj. e s. m. De ou relativo a Biscaia (Espanha).

blasonar. [esp. *blasonar*.] V. t d. e int. ostentar; alardear.

bocha. [esp. plat. *bocha*.] S. f. Bras. S. Jogo em que cada parceiro atira três bolas de madeira.

bochinche, bochincho. [esp. plat. *bochinche*.] S. m. Bras. S.. Arrasta-

- cabritilha.** [esp. *cabritilla*.] S. f. duzido por temperatura elevada, sem ação do Sol.
- calhandra.** [esp. *calandria*, var. de *calandra*.] S. f. Espécie de cotovia (ave).
- calheta.** [esp. *caleta*.] S. f. Angra.
- calicida.** [esp. *callicida*.] S. m. Medicamento que destrói calos.
- camalote.** [esp. plat. *camalote*.] S. m. Bras. S. e C. O. Ilha flutuante que desce dos rios, formada de plantas aquáticas.
- camarilha.** [esp. *camarilla*.] S. f. Pessoas que cercam o chefe de Estado ou o chefe de serviço para influir em suas decisões.
- camorra.** [esp. *camorra*.] S. f. Associação de malfeitores do reino de Nápoles. p. ext. Associação de malfeitores.
- candado.** [esp. *candado*.] Parte do casco da besta.
- canhada.** [esp. plat. *cañada*.] S. f. Bras. S. Parte baixa da terra entre colinas ou coxilhas.
- cânhamo.** [esp. *cañamo*.] S. m. Bot. Árvore da família das moráceas. Fibra ou tecido de cânhamo. Maconha.
- canhão.** [esp. *cañón*, ou it. *cannone*.] S. m. Peça de artilharia.
- canibal.** [esp. *canibal*, ant. *caribal*.] S. m. Antropófago.
- capataz.** [esp. *capataz*.] S. m. Chefe de um grupo de trabalhadores braçais. Bras. Administrador de fazenda ou estância.
- capelada.** [esp. *capellada*.] S. f. Peça de couro que cobre a boca dos coldres.
- capincho.** [esp. plat. *capincho*.] S. m. Bras. RS. Capivara.
- capulho.** [esp. *capullo*.] S. m. Invólucro da flor.
- caramba!** [esp. ¡*caramba!*] Interj. Designa admiração, espanto ou ironia.
- caranguejo.** [esp. *cangrejo*.] S. m. Designação comum a várias espécies de crustáceos.
- caraquenho.** [esp. *caraqueño*.] Adj. e s. m. De ou relativo a Caracas (Venezuela).
- carchear.** [esp. plat^x. *carchear*.] V. t. d. Bras. RS. Roubar; despojar (os vencidos, os mortos). Apropriar-se indevidamente de animais ou coisas a pretexto de guerra.
- carcheio.** [esp. plat. *carcheo*.] S. m. Bras. S. Ato ou efeito de carchear.
- cardenilho.** [esp. *cardenillo*.] S. m. Verdete.
- Bras. RS. Couro de cabrito curtido, próprio para calçados.**
- cachucho.** [esp. *cachucho*.] S. m. Medula das penas. Papelote para o cabelo. Anel grosso ou com brilhante.
- caçoula, caçoila.** [esp. *cazuela*?]. S. f. Caçarola. Vaso de porcelana onde se queimam resinas ou plantas aromáticas.
- cadena.** [esp. plat. *cadena*.] S. f. Bras. Meio de se tirar dos chifres do touro, sem perigo.
- cadilho.** [esp. *cadillo*.] S. m. Bras. Tigelinha em que se recolhe a seiva da seringueira.
- caínca.** [esp. amer. *caínca*.] S. f. Bras. Bot. Arbusto da família das rubiáceas.
- cajetilha.** [esp. plat. *cajetilla*.] S. m. Bras. RS. Rapaz da cidade vestido no rigor da moda e um tanto presumido.
- calceta.** [esp. *calceta*.] S. f. Argola de ferro fixada ao tornozelo de um prisioneiro, ligada à cintura ou ao pé de outro prisioneiro.
- calceteiro.** [esp. *calcetero*.] Operário que calça as ruas com pedras.
- calentura.** [esp. *calentura*.] S. f. Patol. Acesso febril com delírio, pro-

- cargosear.** [esp. plat. *cargosear* im-
portunar'.] V. int. Bras. RS. Discu-
tir; teimar; gabar-se.
- cargoso.** [esp. plat. *cargoso*.] Adj.
Bras. RS. Teimoso; importuno; ma-
çador; gabola.
- carmelina.** [esp. *carmelina*.] S. f. Lã
de vicunha de qualidade inferior.
- carnear.** [esp. plat. *carnear*.] V. int.
Bras. S. Abater o gado e preparar as
carnes para secar; charquear. V. t. d.
Abater o boi e esquartejá-lo.
- carona.** [esp. plat. *carona*.] S. f.
Bras. Peça de arreios (manta). Bras.
Condução gratuita. P. ext. Pessoa
que viaja sem pagar; pessoa que pe-
netra às ocultas ou com entrada de
favor em espetáculos.
- carpeta.** [esp. plat. *carpeta*.] S. f.
Bras. S. Pano que cobre a mesa do
jogo.
- carretilha.** [esp. *carretilla*.] S. f. Pe-
quena roldana. Peça circular em
forma de cáscara. [esp. *cáscara*.] S.
f. O cobre em bruto.
- cáscara-sagrada.** [esp. *cáscara sa-
grada*.] S. m. Bot. Árvore da família
das ramnáceas, cuja casca é conside-
rada purgativa.
- cascariha, cascariha.** [esp. *casca-
rilla*.] S. f. Bras. Bot. Planta medici-
nal da família das euforbiáceas.
- castanholas.** [esp. *castañas*.] S. f.
pl. Castanhetas.
- castelhano.** [esp. *castellano*.] Adj. e
s. m. De ou relativo a Castela (Espa-
nha). Idioma castelhano ou espanhol.
- catimplora, cantimplora.** [esp. *can-
timplora*.] S. f. Vaso de metal para
resfriar água.
- catorra.** [esp. *cotorra*.] S. f. Bras.
Ave psitaciforme, da família dos psi-
tacídeos.
- caudilho.** [esp. *caudillo*.] S. m. Che-
fe militar. Cabo-de-guerra.
- cavalheiro.** [esp. *caballero*.] S. m.
Homem de sentimentos e ações no-
bres; homem de boa sociedade; cor-
tês.
- cedilha.** [esp. *cedilla*.] S. f. Sinal
gráfico.
- celada** [esp. *celada*.] S. f. Armadura
antiga.
- cendrado.** [esp. *cendrado*.] Adj. Que
tem cor de cinza.
- cenho.** [esp. *ceño*.] S. m. Aspecto do
rosto severo; Carrancudo. Rosto;
semblante.
- centelha.** [esp. *centella*.] S. f. Partí-
cula ígnea ou luminosa.
- cepilho.** [esp. *cepillo*.] S. m. Peque-
na plaina. Lima fina para polir me-
tais.
- cercanias.** [esp. *cercanías*.] S. f. pl.
Região situada em torno de uma po-
voação.
- cercilho.** [esp. *cercillo*.] S. m. Coroa
(tonsura) nos clérigos. Aparas áspe-
ras de pergaminho.
- cerdear.** [esp. plat. *cerdear*.] V. t. d.
Bras. RS. Tosquiar.
- cervilheira.** [esp. *cervillera*.] S. f.
Ant. Espécie de capacete para de-
fender a cabeça e a cerviz.
- cevadilha.** [esp. mexicano *cebadil-
la*.] S. f. Planta forrageira das gramí-
neas.
- chaira.** [esp. plat. *chaira*.] S. f. Bras.
S. Peça de aço para amolar facas.
- chairar.** [esp. plat. *chairar*.] V. t. d.
Bras. S. Afiar com chaira.
- chalana.** [esp. *chalana*.] S. f. Peque-
na embarcação de fundo chato.
- chamorro, chamurro.** [esp. *chamor-
ro*.] Adj. Tosquiado; tosado.
- chanfalho.** [esp. *chafallo*.] S. m. Es-
pada velha e ferrugenta; adaga; fa-
cão. Instrumento desafinado.
- changa.** [esp. plat. *changa*.] S. f.
Bras. Carreto feito por changadores.
RS Gorjeta. PR. Dinheiro.
- changador.** [esp. plat. *changador*.]
S. m. Bras. RS. Aquele que faz chan-
gas; ganhador; carregador.

- changar.** [esp. plat. *changar.*] V. t. d. Bras. RS Fazer changa.
- chifre.** [esp. ant. *chifle*, deriv. de *chiflar* 'assobiar'.] S. . m. Corno.
- chigarro.** [esp. *cigarro* 'charuto'.] S. m Pequena porção de fumo picado , enrolado em papel fino ou palha de milho.
- chaparro.** [esp. *chaparro.*] S. m. Chaparreiro (árvore).
- chilenas.**[esp. plat. *chilenas.*] S. f. pl. Bras. S. e GO. Grandes esporas.
- chileno.** [esp. *chileno.*] Adj. e s. m. De ou relativo ao Chile. Bras. S. Certo gado vacum.
- cincerro.**[esp. plat. *cencerro.*] S. m. Bras. MG e S. Campainha grande pendente do pescoço de animal para servir de guizo.
- chapetão.** [esp. esp plat. *chapetón.*] S. m. Bras. RS. Tolo; pacóvio.
- chiripola.** [esp. *chiripola.*] S. f. Pop. Confusão; trapalhada; que não se entende.
- chapetonada.** [esp. plat. *chapetonada.*] S. f. Bras. RS. Asneira; tolice; fanfarronada
- chirimola.** [esp. *chirimola.*] S. f. Pop. Confusão; trapalhada; que não se entende.
- chapim.** [esp. *chapín.*] S. m. Calçado antigo para mulheres; coturno; patim.
- chiripa.** [esp. *chiripa.*] S. f. Bambúrio, sorte. no jogo.
- chapuzar.** [esp. *chapuzar.*] V. t. d e pron. Atirar na água; agachar-se.
- chiste.** [esp. *chiste.*] S. m. Piada; pi-lhéria, dito gracioso.
- charqueada.** [esp. plat. *charqueada.*] S. f. Bras. Estabelecimento onde se charqueia.
- choronas.** [esp. *lloronas.*] S. f. pl. Bras. RS. Esporas de ferro usadas pelos domadores.
- charqueador.** [esp. plat. *charqueador.*] S. m. Bras. S. Aquele que charqueia.
- chorrilho.** [esp. *chorrillo.*] S. m. Sequência rápida e contínua.
- charquear.** [esp. plat. *charquear.*] V. t. d. e int. Bras. Preparar a carne para o charque.
- chulo.** [esp. *chulo.*] Adj. Grosseiro; baixo; rude.
- charqueio.** [esp. plat. *charqueo.*] S. m. Bras. RS. Charqueação.
- churrião.** [esp. *chirrión.*] S. m. Caruagem pesada.
- charro.** [esp. *charro.*] Adj. Rústico; grosseiro.
- churrigueresco.** [esp. *churrigueresco.*] Adj. De num estilo arquitetônico criado na Espanha.
- chavo.** [esp. *ochavo.*] S. m. Moeda insignificante.
- churro.** [esp. *churro.*] Adj. Churdo; sórdido; vil.
- ché!** [esp. plat. ¡*che!*] Interj. Bras. S. Exprime dúvida ou zombaria.
- ciar.** [esp. *ciar.*] V. int. Remar para trás.
- clavija.** [esp. *clavija.*] S. f. Cavilha de ferro que liga o jogo dianteiro ao traseiro do carro. Coluna de tear.
- clarim.** [esp. *clarín.*] S. m. Trompete usado para sinais militares. Aquele que toca esse instrumento.
- clavija.** [esp. *clavija.*] S. f. Cavilha de ferro que liga o jogo dianteiro ao traseiro do carro. Coluna de tear.
- clinudo.** [esp. *clinudo.*] Adj. Bras. S. Crinudo.
- cochonilha, cochonila, cochinilha.** [esp. *cochinilla.*] S. f. Bras. Inseto homóptero que segrega substâncias especiais, que servem de revestimento.

- cochino.** [esp. *cochino*.] S. m. Pop. Porco não cevado. P. ext.. Fig. Indivíduo imundo. Adj. Sujo; imundo.
- codilho.** [esp. *codillo*.] S. m. Incidente no jogo de voltarete. Fig. Logo; embuste.
- coentrilho.** [esp. *culantrillo*, ou dim. de coentro.] S. m. Bras. RS e SC. Árvore da família das rutáceas, cuja casca é tida como medicinal.
- cogote.** [esp. *cogote*.] S. m. Pop. Nuca; cachaço.
- cogotilho.** [esp. *cogotillo*.] S. m. Tosa nas crinas do cavalo.
- colcha.** [esp. *colcha*.] S. f. Coberta de cama, geralmente usada por cima dos lençóis.
- colhera.** [esp. *collera*.] S. f. Bras. S. Ajoujo para atrelar mutuamente dois animais.
- colmilho.** [esp. *colmillo*.] S. m. Dente canino; presa.
- colón.** [esp. amer. *colón*.] S. m. Moeda de Costa Rica.
- colorau.** [esp. *colora(d)o*.] S. m. Pó vermelho condimentício.
- compadrada.** [esp. plat. *compadrada*.] S. f. Bras. RS. Fanfarrice.
- conga.** [esp. *conga*.] S. f. Espécie de dança originária da América Central.
- copla.** [esp. *copla*.] S. f. Pequena composição poética para ser cantada.
- corcha.** [esp. *corcha*.] S. f. Casca de árvore; cortiça.; rolha.
- corcho.** [esp. *corcho*.] S. m. Vaso de cortiça.
- cordilheira.** [esp. *cordillera*.] S. f. Sistema de altas montanhas que se desenvolve por grande extensão. Bras. MT. Extensão de mato ao logo da barranca dos rios.
- córdoba.** [esp. nicaragüense *córdoba*.] S. f. Unidade monetária da Nicarágua.
- cornetim.** [esp. *cornetín*.] S. m. Pequena corneta de três chaves.
- corniso.** [esp. *cornizo*.] S. m. Arbusto, espécie de abrunheiro.
- coroça.** [esp. *coroza*?] S. f. Lus. Capa de palha usada no campo.
- coronha.** [esp. ant. *curueña*, hoje *cureña*.] S. f. Parte das espingardas e outras armas de fogo, onde se encaixa o cano.
- corozo.** [esp. *corozo*.] S. m. Marfim vegetal.
- correntino.** [esp. plat. *correntino*.] Adj. e s. m. Pertencente ou relativo a Corrientes (Argentina).
- corrilho.** [esp. *corrillo*.] S. m. Reunião facciosa; conciliábulo.
- cortina.** [esp. *cortina*.] S. f. Peça, geralmente de pano, que, suspensa, enfeita, protege ou resguarda algo. Teat. Pano de boca.
- corvina.** [esp. *corvina*.] S. f. Bras. Designação comum aos peixes teleosteos marinhos.
- coscós.** [esp. plat. *coscoja*.] S. m. Bras. S. Roseta de ferro que se põe no freio e faz rumor.
- cosquilhento.** [esp. plat. *cosquilla cócega*.] Adj. Bras. RS. Coceguento; cosquilhoso.
- cosquilhoso.** [esp. plat. *cosquilloso*.] Adj. Coceguento. Fig. Que se melindra facilmente.
- cosquilhudo.** [esp. *cosquilla* 'cócega'+ udo.] Adj. coceguento, cosquilhoso.
- costarriquenho,** costa-ricense. [esp. *costarriqueño*.] Adj. e s. m. De ou relativo a Costa Rica.
- costilhar.** [esp. plat. *costillar*.] S. m. Bras. RS. A região das costelas do gado vacum. Assado dessa carne.
- courear.** [esp. plat. *cuerear*.] V. t. d. Bras. RS. Extrair couro dos animais.
- coxilha.** [esp. *cuchilla*.] S. f. Bras. S. Campina com pequenas e contínuas elevações arredondadas, típica de planície.

- coxinilho, coxonilho.** [esp. plat. *cojinillo*.] S. m. Bras. RS. Manta que geralmente se põe sobre os arreios.
- cravija.** [esp. *clavija*.] S. f. Em carros de tração animal, barra de ferro que une os varais ou que fixa o eixo.
- crisol.** [esp. *crisol*.] S. m. Cadinho.
- cucharra.** [esp. plat. *cuchara*.] S. f. Bras. RS. Colher grosseira de chifre ou de pau.
- cursilho.** [esp. *cursillo*.] Encontro destinado a orientar os católicos adultos. Técnica específica de exercícios espirituais.
- cusco.** [esp. plat. *cusco*.] S. m. Bras. RS. Cão pequeno de caça, de raça ordinária. Fig. Pessoa sem importância.
- cusquenho.** [esp. *cusqueño*]. Adj. e s. m. De ou relativo a Cusco (Peru).
- D**
- datil.** [esp. *dátil*.] S. m. Tâmara.
- desenfrenar.** [esp. *desenfrenar*.] V. t. d. Bras. RS. Tirar o freio à cavalgadura.
- daiquiri.** [esp. amer. *daiquirí*.] S. m. Um tipo de coquetel.
- dengue.** [esp. *dengue*.] Adj. e s. m. Bras. Melindre feminino, faceirice.
- Birra. Patol. Certa doença transmissível por um mosquito.
- desaire.** [esp. *desaire*.] S. m. Falta de elegância; falta de decoro.
- desarrolhar.** [esp. *desarrollar*.] V. t. d. Bras. RS. Espalhar o gado que se acha arrolhado.
- descalabro.** [esp. *descalabro*.] S. m. Ruína, perda.
- deslumbrar.** [esp. *deslumbrar*.] V. t. d. Ofuscar. Int. Causar deslumbramento.
- desmoronar.** [esp. *desmoronar*.] V. t. d. Fazer vir abaixo; derribar, demolir. Pron. Vir abaixo; desabar.
- despojar.** [esp. *despojar*.] V. t. d. Roubar; saquear; privar da posse.
- dichote.** [esp. ant. dim. de *dicho*.] S. m. Dito picante; motejo; gracejo.
- dobla.** [esp. *dobla*.] S. f. Dobra, moeda antiga.
- doble.** [esp. *doble*.] Adj. 2g. Dobre. Bras. Dobro. Velhaco; fingido.
- donaire.** [esp. *donaire*.] S. m. Elegância; garbo; adorno.
- donjuanesco.** [esp. *donjuanesco*.] Adj. Que tem maneiras de D. Juan..
- donjuanismo.** [esp. *donjuanismo*.] S. m. mania de bancar D. Juan.
- douradilho.** [esp. *doradillo*.] S. m. Bras. S. Cavalo de pelo amarelo.
- ducado.** [esp. *ducado*, < it. *ducato*.] s. m. Moedas de ouro de diversos países.
- duende.** [esp. *duende*.] S. m. Entidade fantástica ou espírito sobrenatural.
- dulçor.** [esp. *dulzor*.] S. m. Doçura.
- durasnal.** [esp. plat. *duraznal*.] S. m. Bras. RS. Pomar de pessegueiros.
- duro.** [esp. *duro*.] S. m. Moeda espanhola de prata.
- E**
- eguariço.** [esp. plat. *yeguarizo*.] Adj. Bras. RS. Cavalo que só acompanha éguas. Homem mulherengo.
- emartilhar, martillar.** [esp. *martillo* 'martelo'?] V. t. d. Bras. S. Engatilhar espingarda. Martilhar.
- emassilhar.** [esp. plat. *enmasillar*.] V. t. d. Bras. RS. Emassar.
- embono.** [esp. *embono*.] S. m. Revestimento de madeira no casco de embarcação. Bras. N. e N.E. Grande viga de pau de jangada.
- embromar.** [esp. plat. *embromar*.] V. t. d. Bras. Protelar. Bras. Calotear. Bras. Zombar. Int. Bras. Contar fal-

- sidades; blasonar. Bras. Prometer muito e não cumprir. Andar devagar.
- empacar.** [esp. *empacar.*] V. t. d. P. us. Empacotar. Bras. Emperrar (o cavalo ou o burro). Bras. Fam. Não continuar, não conseguir.
- empalar.** [esp. *empalar.*] V. t. d. Submeter ao suplício da empalação.
- empanada.** [esp. *empanada.*] S. f. Certo tipo de empada grande.
- empacotar-se.** [esp. *empacotarse.*] V. pron. Bras. RS. Vestir-se com luxo; endomingar-se.
- empardar.** [esp. plat. *empardar.*] V. t. d. Bras. S. Reunir em pares ou iguais; irmanar.
- empilchar.** [esp. plat. *empilchar.*] V. t. d. Bras. RS. Cobrir de pilchas ou adornos.
- empolhar.** [esp. *empollar.*] V. t. d. Chocar (o ovo). Fazer germinar. Int. Criar pinto (o ovo).
- empurrar.** [esp. *empujar.*] V. t. d. Impelir com violência; empuxar; impingir.
- encalhar.** [esp. *encallar.*] V. t. d e int. Fazer dar em seco a embarcação. Não ter seguimento. Bras. Não vender, não ter saída. Bras. Pop. Ficar solteiro por não ter achado casamento, ficar para tia.
- ençampar.** [esp. *enzampar?*] V. t. d. Bras. MG e SP. Pop. Enganar, lo-grar, embair, intrujar.
- enclenque.** [esp. plat. *enclenque.*] Adj. 2g. Bras. S. adoentado, enfra-quecido; covarde, mole.
- endecha.** [esp. *endecha.*] S. f. Com-posição poética de 4 estâncias e 4 versos de 5 sílabas. Poesia fúnebre.
- enfrenar.** [esp. *enfrenar.*] V. t. d. Bras. S. Enfrear. Substituir o bocal pelo freio.
- entono.** [esp. *entono.*] S. m. Altivez; majestade; soberba; arrogância.
- entresilhado.** [entre + esp. *trasijado*] Adj. Magro; escanifrado.
- entreverar.** [esp. plat. *entreverarse*] V. t. d. Bras. RS. Misturar; confun-dir.
- entrevero.** [esp. plat. *entrevero.*] S. m. Bras. Mistura; desordem.
- entropilhar.** [esp. plat. *entropillar.*] Bras. S. Formar tropilha de animais. Reunir-se, juntar-se.
- entuviada.** [esp. *antuviada?*] S. F. Ant. Desordem; briga.
- erval.** [esp. plat. *yermal.*] S. m. Bras. PR e RS. Mata em que predomina a erva-mate.
- escalavrar.** [esp. V. t. d. *descala-brar.*] Golpear, arranhar, esfolar, danificar, esburacar, arruinar.
- escarcha.** [esp. *escarcha.*] S. f. Gea-da branca. Fio áspero de ouro ou prata, tecido em seda. Coisa áspera.
- escarchar.** [esp. *escarchar.*] V. t. d. Cobrir com escarcha. Adoçar com muito açúcar até cristalizar. Tornar áspero.
- escardilho.** [esp. *escardillo.*] S. m. Sacho para escardear.
- escarola.** [esp. *escarola*]. S. f. Endí-via, variedade de chicória.
- esclusa.** [esp. *esclusa.*] S. m. Repre-sa em rio ou canal; comporta.
- escoda.** [esp. *escoda.*] S. f. Martelo dentado utilizado pelos canteiros.
- escodar.** [esp. *escodar.*] V. t. d. la-vrar e alisar com a escoda.
- escorchar.** [esp. *escorchar.*] V. t. d. Tirar a casca, tirar a pele; roubar, despojar; cobrar preço exorbitante, onerar; esfolar.
- escotilha.** [esp. *escotilla*, ou fr. *es-cotille.*] Abertura no convés do na-vio.
- escovilha.** [esp. *escobilla*, ou pro-vençal *escovilh.*] S. f. Ato de escovi-lhar. Resíduo de ouro ou prata.

- escovilhar.** [esp. *escobillar.*] V. t. d. Limpar de impurezas (ouro ou prata).
- eslabão.** [esp. *eslabón.*] S. m. Veter. Tumor nos joelhos da cavalgada.
- esparramar.** [esp. *desparramar.*] V. t. d. Espalhar; dispersar; entornar; derramar. Int. e pron. Dispersar-se; espalhar-se. Bras. Fam. Sentar-se à vontade. Bras. SP. Cair do cavalo.
- espinilho** [esp. plat. *espinillo.*] S. m. Bras. Espinha-de-cristo, esponjeira.
- esquadriha.** [esp. *escuadrilla.*] S. f. Ant. Flotilha. Grupo de duas ou quatro aeronaves.
- esquila.**[esp. plat. *esquila.*] S. f. Bras. RS. Tosquia.
- esquilar.** [esp. plat. *esquilar.*] V. t. d. Bras. RS. Tosquiar.
- estambre.**[esp. *estambre.*] S. m. Estame, fio de tecelagem. Fig. Fio da existência.
- estampilha.** [esp. *estampilla.*] S. f. Estampa. Lâmina de metal destinada a estampar.
- estero.** [esp. plat. *estero.*] S. m. Bras. S. Terreno baixo e pantanoso junto a rios, lagos ou lagoas.
- estilha.**[esp. *astilla.*] S. f. Lasca de madeira; fragmento; pedaço.
- estremenho.** [esp. *estremeño.*] Adj. e s. m. Confinante, limítrofe. De ou relativo a Extremadura.
- estribilho.**[esp. *estribillo.*] S. m. Verso repetido.
- F**
- façanha.** [esp. ant. *fazaña*, hoje *hazaña.*] S. f. Ato heróico; proeza.
- facistol.** [esp. *facistol.*] S. m. Grande estante no coro das igrejas.
- fandango.** [esp. *fandango.*] S. m. certa dança espanhola.
- fanega.** [esp. *fanega.*] S. f. Bras. RS. Medida para secos equivalente a 100 quilos.
- farol.** [esp. *farol.*] S. m. Construção com luz nas costas para guiar os navegantes.
- fiambre.** [esp. *fiambre.*] S. m. Carne preparada para se comer fria.
- fidéus.** [esp. *fideos.*] S. m. pl. Aletria. Bras. RS. Provisão de alimentos frios para a viagem.
- figurilha.**[esp. *figurilla.*] Adj. 2g. Pessoa de pequena estatura quer seja natural, quer representada por desenho, pintura, escultura, etc.
- flaco.** [esp. *flaco.*] Adj. Bras. RS. Fraco.
- flechilha.** [esp. plat. *flechilla.*] S. f. Certa variedade de grama.
- flotilha.** [esp. *flotilla.*] S. f. Frota pequena.
- floxo.** [esp. plat. *flojo.*] Adj. Bras. RS. Frouxo; fraco; medroso. Campo de pastagens inferiores.
- formiguilho.**[esp. *hormiguillo.*] S. m. Certa doença cavalariça.
- fornilho.** [esp. *hornillo.*] S. m. Pequeno forno ou fogareiro. A Parte do cachimbo onde arde o fumo.
- frente.** [esp. *frente.*] S. f. Parte anterior de qualquer coisa; face., rosto, frente; fachada; testa.
- fueguino.** [esp. *fueguino.*] Adj. e s. m. De ou relativo à Terra do Fogo.
- fuleiro.** [esp. *fulero.*] Adj. Sem valor; insignificante; reles.
- fulheiro.** [esp. *fullero.*] Adj. e s. m. Que faz fulheira, que trapaceia no jogo.
- G**
- gacho.** [esp. *gacho.*] S. m. A parte posterior do cachaço do boi.
- gagino.** [esp. plat. *gallino.*] S. m. Bras. RS. Galo com plumagem semelhante à da galinha.
- gajeta.** [esp. plat. *galleta.*] S. f. Bras. RS. Espécie de bolacha.

- galápago.** [esp. *galápago.*] S. m. Úlcera na coroa do casco das cavalgadas.
- galapo.**[esp. *galapo.*] S. m. Coxim de sela do cavalo. Ligadura para feridas.
- galarim.** [esp. *gallarín.*] S. m. O dobro da parada no jogo. Ponto mais alto. Posição mais alta.
- galfarro.** [esp. *galfarro.*] S. m. Beleguim.
- galha.** [esp. *agalla.*] S. f. Barbatana dorsal dos peixes, na fala dos pescadores.
- galheta.** [esp. *galleta.*] S. f. Vaso pequeno do vidro em que se serve azeite e vinagre.
- galhofa.** [esp. *gallofa.*] S. f. Gracejo; risota; zombaria.
- gana.** [esp. *gana.*] S. f. Grande apetite ou desejo; fome; má vontade contra alguém.
- ganância.** [esp. *ganancia.*] S. f. Ambição de ganho.
- gandulo.** [esp. plat. *gandulo.*] Adj. Bras. RS. Que deseja tudo o que vê; pedichão. S. m. Parasito.
- gangarilha.**[esp. *gangarilla.*] S. f. Companhia de teatro volante com 2 ou 3 atores.
- gangolina.** [esp. plat. *gangolina.*] S. f. Bras. RS. Pop. Rolo; conflito; briga.
- garatusa.** [esp. *garatusa.*] S. f. Logro; engano propositado; artifício para iludir.
- garavato.** [esp. *garabato.*] S. m. Cambo. Vara com um gancho para apanhar frutas. Graveto.
- garavim.**[esp. *garvín.*] S. m. Toucado antigo de retrós, com labores de fio de ouro.
- gargantilha.** [esp. *gargantilla.*] S. f. Colar ou enfeite em volta do pescoço.
- garrancho.** [esp. *garrancho.*] S. m. Moléstia no casco das cavalgadas. Ramo tortuoso. Bras. Galho de árvore. Bras. Letra ruim.
- garrão.** [esp. plat. *garrón.*] S. m. Bras. RS. Jarrete do cavalo.
- garrar.** [esp. *garrar.*] V. int. Soltar-se da âncora a embarcação.
- garrocha.** [esp. *garrocha.*] S. f. Taur. Pau ou ferro farpado numa extremidade, substituído atualmente pela farpa ou bandarilha.
- garrotinho.**[esp. *garrotillo.*] S. m. Patol. Crupe diftérico. Veter. Doença de cavalos.
- garrucha.** [esp. *garrucha.*] S. f. Ant. Pau curto com que se armavam as bestas. Bras. Pistola de carregar pela boca.
- gaspacho.** [esp. *gazpacho.*] S. m. Cul. Sopa fria de origem espanhola.
- gatuno.** [esp. *gatuno.*] S. m. e adj. Ladrão. Que furta.
- gaúcho.** [esp. *gaucho.*] S. m. e adj. Bras. Rio-grandense-do-sul. Por ext. Natural do interior do Uruguai e parte da Argentina.
- gaviete.** [esp. *gaviete.*] S. m. Marinh. Peça de madeira ou de ferro que se destina a levantar pesos do fundo do mar.
- gitano.** [esp. *gitano.*] S. m. Cigano da Espanha.
- golelha.** [esp. *golella.*] S. f. Fam. Esôfago.
- golilla.** [esp. *golilla.*] S. f. Ant. Argolla pres a um poste à qual se prendia alguém pelo pescoço. Cabeção com volta engomada, que se usava com a beca.
- gozar.** [esp. *gozar.*] V. t. d. Desfrutar; fruir. Bras. Achar graça; rir de alguém. Bras. Chulo. Atingir o orgasmo.
- gozo.** [esp. *gozo.*] S. m. Prazer; satisfação. Bras. motivo de hilaridade; graça.

- granadilho.** [esp. *granadillo.*] S. m. Madeira de macaúba.
- granear.** [esp. plat. *granear.*] V. int. Bras. RS. Granar; criar grão o trigo.
- granizo.** [esp. *granizo.*] S. m. Chuva de pedra; saraiva.
- gravanço.** [esp. *garbanzo.*] S. m. Grão-de-bico.
- gringo.** [esp. plat. *gringo.*] S. m. Bras. Pop. Deprec. Estrangeiro. N.E. Mascate.
- guampa.** [esp. plat. *guampa.*] S. f. Bras. Corno. Copo ou vasilha para líquidos feita de chifre. Cachaça.
- guapear.** [esp. plat. *guapear.*] V. int. Bras. RS. Mostrar-se guapo; demonstrar ânimo, ousadia.
- guapetão.** [esp. plat. *guapetón.*] S. m. Bras. RS. Rapaz muito guapo.
- guapeza.** [esp. plat. *guapeza.*] S. f. Bras. RS. Qualidade de guapo.
- guapo.** [esp. *guapo.*] Adj. Animoso, corajoso, ousado, valente; elegante, garboso.
- guardim.** [esp. *guardín.*] S. m. Mari-nh. Cabo com duas penadas. Cabos ou aparelhos de força presos ao penol de um pau de carga.
- guascaço.** [esp. plat. *guascazo.*] S. m. Bras. RS. Golpe de guasca, guasca.
- guasquear.** [esp. plat. *guasquear.*] V. t. d. Bras. RS. Fustigar com a guasca.
- guatemalteco.** [esp. *guatemalteco.*] Adj. e s. m. De ou relativo à Guatemala.
- guerrilha.** [esp. *guerrilla.*] S. f. Luta armada realizada por meio de pequenos grupos, geralmente sem obediência às leis internacionais.
- guilha.** [esp. *guilla.*] S. f. Desus. Colheita abundante de cereais.
- gusano.** [esp. *gusano.*] S. m. Bras. Teredo (molusco com aspecto vermiforme).
- H**
- habanera.** [esp. *habanera.*] S. f. Dança de origem afro-cubana.
- haragano.** [esp. plat. *haragán.*] Adj. Bras. RS. Cavalo difícil de agarrar. Fig. Mandrião, velhaco.
- harto.** [esp. *harto.*] Adj. Forte, robusto, sólido. Adv. De sobra, muito, assaz.
- hechor.** [esp. plat. *hechor.*] S. m. Bras. RS. Asno que serve de garanhão numa manada de éguas.
- hediondo.** [esp. *hediondo.*] Adj. Depravado, vicioso, sórdido.
- hortaliça.** [esp. *hortaliza.*] S. f. Designação vulgar de várias plantas herbáceas comestíveis, geralmente cultivadas em hortas.
- hosco.** [esp. plat. *hosco.*] Adj. Bras. RS. Gado vacum de pelo escuro com o lombo tostado.
- I**
- inhato, nhato.** [esp. plat. *ñato.*] Adj. Bras. RS. Que tem nariz arrebitado e curto. Animal de nariz chato.
- invernada.** [esp. plat. *invernada.*] S. f. Bras. Pastagens rodeadas de obstáculos, onde se guardam animais.
- iucatego.** [esp. *yucatego.*] Adj. e s. m. De ou relativo ao Iucatã.
- J**
- jerra.** [esp. plat. *yerra.*] S. f. Bras. RS. Piquenique.
- joanete.** [esp. *juanete.*] S. m. Mari-nh. Cada um dos mastaréis que espigam dos mastaréis da gávea. Vergas que cruzam nos mastaréis. Velas que se largam nas velas do joanete. Med. Deformação crônica nas articulações do primeiro metatarsiano com a falange correspondente.

- joguete.** [esp. *juguete*, ou jogo + e-
te.] S. m. Mofa, zombaria; brinque-
do.
- jota.** [esp. *jota*.] S. f. Canção e dança
popular espanhola.
- junquilha.** [esp. *junquillo*.] S. m.
Bot. Erva ornamental da família das
amarilidáceas, originária das terras
temperadas.
- justilho.** [esp. *justillo*.] S. m. Espécie
de colete muito justo.
- L**
- laçoço.** [esp. plat. *lazazo*.] S. m.
Bras. RS. Golpe dado com o laço.
- lacaio.** [esp. *lacayo*.] S. m. Criado de
libré. Fig. Homem sem dignidade.
Bras. BA. Min. Quartzo cor de fu-
maça.
- lacrancar.** [esp. plat. *alacrancar*.] V. t.
d. Bras. RS. Lacerar, dilacerar.
- ladrilho.** [esp. *ladrillo* 'tijolo'.] S. m.
Peça de barro ou cerâmica para re-
vestimento de paredes e pavimentos.
Doce em pasta, em blocos.
- lâmparina.** [esp. *lâmparina*.] S. f.
Pequena lâmpada.
- lançoço.** [esp. plat. *lanzazo*.] S. m.
Bras. Golpe dado com lança.
- lechetez.** [esp. *lechetezna*.] S. m.
Bot. Espécie de arbusto da família
das euforbiáceas.
- lentejoula, lentejoila, lantejoula.**
[esp. *lentejuela*.] S. f. Pequena peça
de material brilhante que se cose
para dar-lhe aspecto cintilante.
- letrilha.** [esp. *letrilla*.] S. f. P. us.
Copla.
- levita.** [esp. *levita*.] S. f. Vest. Longo
rendigoto masculino, anterior à so-
brecasaca.
- lhama.** [esp. *llama* 'chama'.] Tecido
de fio de prata ou ouro.
- lhano.** [esp. *llano*.] Adj. Sincero,
franco, leal, simples, despretenoso,
amável, delicado.
- lhanos.** [esp. *llanos*.] S. m. pl. Planí-
cies extensas.
- lhadura.** [esp. *llanura*.] S. f. Lhane-
za, planura.
- limenho.** [esp. *limeño*.] Adj. e s. m.
De ou relativo a Lima (Peru).
- lisonja.** [esp. *lisonja*.] S. f. Louvor
afetado, adulação.
- livreta.** [esp. plat. *libreta*.] S. f. Bras.
Livrete.
- lobuno.** [esp. plat. *lobuno*.] Adj. e s.
m. Bras. MG e S. Animal cavalari-
vacum de pêlo escuro acinzentado.
- lombilharia.** [esp. plat. *lomillería*.]
S. f. Bras. S. Estabelecimento onde
se fabricam ou vendem lombilhos.
- lombilheiro.** [esp. plat. *lomillero*.] S.
m. Bras. S. Fabricante ou vendedor
de lombilhos.
- lombilho.** [esp. plat. *lomillo*.] S. m.
Bras. S. Apeiro que substitui a sela
comum, o selim e o serigote. Múscu-
lo lombar da rês.
- lonca.** [esp. plat. *lonja*.] S. f. Bras.
RS. Parte do couro cavalari-
vacum da região do flanco. Bras. MG e S.
Tira de couro para fazer trançados.
- lonquear.** [esp. plat. *lonjear*.] V. t. d.
Bras. RS. Preparar o couro para cor-
tá-lo em tiras para trabalho de tran-
çadas.
- lunanco.** [esp. plat. *lunanco*.] Adj.
Bras. RS. Animal, e por ext. pessoa,
com depressão de uma das ancas.
- lunaquear.** [esp. plat. *lunaquear*.]
V. int. Bras. RS. Tornar-se lunanco.
V. t. d. Causar esse defeito.
- lunarejo.** [esp. plat. *lunarejo*.] Adj.
Bras. RS. Animal que apresenta si-
gnal no pêlo.
- lunfardo.** [esp. plat. *lunfardo*.] S. m.
Bras. Ladrão, gatuno, marginal.
- M**

- maçanilha.** [esp. *manzanilla.*] S. f. Pequena maçã, maçãzinha.
- macanudo.** [esp. plat. *macanudo.*] Adj. Bras. RS. Admirável, muito bom; excelente, bacana.
- maceta.** [esp. plat. *maceta.*] Adj. 2g. Bras. RS. Veter. Animal cavalgar ou mumar que tem os machinhos mais grossos.
- machete.** [esp. *machete.*] S. m. Sabre de artilharia com dois gumes. Faca do mato.
- machucar.** [esp. *machucar.*] V. t. d. Esmagar, triturar, esmigalhar. Amarrorar, amarfanhar. Melindrar, ofender.; ferir.
- maciço.** [esp. *macizo.*] Adj. Compacto, sólido.
- maçorral.** [esp. *mazorral.*] Adj. 2g. Grosseiro, rude, maçorro.
- madrieno.** [esp. *madriño.*] Adj e s. m. De ou relativo a Madri (Espanha).
- malacara.** [esp. plat. *malacara.*] Adj. 2g. Bras. S. Equídeo de testa branca com uma listra do focinho ao alto da cabeça. Bras. SP. Equídeo que tem a cara assinalada por listras ou malhas brancas.
- málaga.** [esp. *málaga.*] S. m. Vinho proveniente de Málaga.
- malaguenha.** [esp. *malagueña.*] S. f. Canção e dança espanhola.
- malaguenho.** [esp. *malagueño.*] Adj. e s. m. De ou relativo a Málaga (Espanha).
- malevo.** [esp. plat. *malevo.*] Adj. e s. m. Bras. RS. Genioso, rancoroso. Cavalo que corcoveia. Bandido, malfeitor.
- mamarracho.** [esp. *mamarracho.*] Adj. e s. m. Mau pintor; pintura ruim, de má qualidade.
- manada.** [esp. *manada.*] S. f. Rebanho de gado grosso.
- mancenilha.** [esp. *manzanilla.*] S. f. Árvore da família da euforbiáceas, nativa da América Central.
- mancheço.** [esp. *mancheço.*] Adj. e s. m. De ou relativo à Mancha (Espanha).
- mandarina.** [esp. plat. *mandarina.*] S. f. Bras. Tangerina.(fruta cítrica).
- mândria.** [esp. *mandria.*] S. f. Qualidade ou modo do mandrião.
- mandrião.** [esp. *mandria + ão.*] Adj. Vadio; preguiçoso, indolente. S. m. Indivíduo preguiçoso.
- maneia.** [esp. plat. *manea.*] S. f. Bras. Correia que prende o cavalo pelas mãos para que não corra.
- manear.1.** [esp. plat. *manear.*] V. t. d. Bras. Prender com maneia ou corda.
- manear.2.** [esp. ant. *manear.*] V. t. d. Sacudir.
- mango.** [esp. *mango.*] S. m. Bras. RS. Relho de cabo tosco, feito de madeira.
- mangrullo.** [esp. plat. *mangrullo.*] S. m. Bras. Mil. Porto militar de observação em lugar elevado. Marinh. Armação metálica ou de madeira erigida para dar sinais.
- manguear.** [esp. plat. *manguear.*] V. t. d. Bras. RS. Guiar o gado para passar um rio a nado. Tentar enganar com manhas e artifícios.
- manica.** [esp. plat. *manija.*] S. f. Bras. RS. Boleadeiras.
- manilha.** [esp. *manilla.*] S. f. Argolas com que alguns povos enfeitam os pulsos. Grilheta. Tubos para canalização. Marinh. Vergalhão metálico em forma de U para diversos usos.
- maniota.** [esp. *maniota.*] S. f. Peia com que se prendem as mãos dos animais.
- manejo.** [esp. *manejo.*] S. m. Molho ou feixe que se pode abarcar com a mão. Bras. RS. Espécie de novelo que o traçador de laço faz.
- manola.** [esp. *manola.*] S. f. Moça espanhola do povo.

- manotear.** [esp. plat. *manotear.*] V. t. d. e int. Bras. RS. Dar manotaços (o cavalo).
- mantenedor.** [esp. *mantenedor.*] Adj. Que mantém. S. m. Aquele que mantém ou sustenta.
- mantilha.** [esp. *mantilla.*] S. f. Mantia para proteção de ombros e cabeça. Vêu fino de seda, rendas, etc.
- maragato.** [esp. uruguaio *maragato.*] S. m. Bras. RS. Participante da Revolução Federalista de 1893.
- mariposa.** [esp. *mariposa.*] S. f. Bras. Certos insetos lepidópteros noturnos e crepusculares. Borboleta.
- marisma.** [esp. *marisma.*] S. f. Terreno algadiço à beira de mar ou rio.
- marralheiro.** [esp. *marullero.*] Adj. Espertalhão; astuto, manhoso; preguiçoso, indolente.
- marrano.** [esp. *marrano.*] Adj e s. m. Designação injuriosa a mouros e judeus. Indivíduo excomungado; sujo; imundo. Bras. RS. Gado ruim.
- mascarilha.** [esp. *mascarilla.*] S. f. pequena máscara que cobre parte do rosto.
- matambre.** [esp. plat. *matambre.*] S. m. Bras. RS. Carne que cobre as costelas do boi, a primeira que se retira depois do couro.
- matungo.** [esp. plat. *matungo.*] Adj. Cavalo sem raça; cavalo forte. RS. Cavalo velho.
- maturrango.** [esp. plat. *maturrango.*] S. m. Bras. RS. Indivíduo que monta mal a cavalo. Aquele que não entende do trabalho do campo nem de cavalos e gado.
- maturranguear.** [esp. plat. *maturranguear.*] V. int. Bras. RS. Fazer coisa de maturrango.
- maula.** [esp. plat. *maula.*] Adj. 2g. Bras. RS. Homem ou cavalo ruim; mole; fraco; covarde.
- mazorca.** [esp. plat. *mazorca.*] S. f. Bras. Perturbação da ordem; tumulto. Fam. Barulho; baderna.
- medrar.** [esp. *medrar.*] V. int. Crescer.
- melena.** [esp. *melena.*] S. f. Cabelos longos e soltos. Crina; juba.
- meliante.** [esp. *maleante.*] Adj. e s. m. Malandro; vadio.
- melícia.** [esp. *melliza.*] S. f. Tipo de morcela doce, com mel.
- melindre.** [esp. *melindre.*] S. m. Delicadeza; amabilidade; recato, pudor. Facilidade de magoar-se; suscetibilidade. Aspargo. Bolo em que entra mel. Pl. Beijo-de-frade. Bras. Afetação, amaneiramento.
- menospreçar, menosprezar.** [esp. *menospreciar.*] V. t. d. Ter em pouca conta; desprezar; desdenhar.
- menospreço.** [esp. *menosprecio.*] S. m. Ato de menospreçar; menoscabo.
- mensual.** [esp. plat. *mensual.*] Adj. e s. m. Bras. RS. Mensal. O assalariado; o empregado.
- merengue.** [esp. *merengue.*] S. m. Suspiro (tipo de doce). Bras. MG. Alcinha dada aos franceses.
- merino.** [esp. *merino.*] Adj. e s. m. Raça de carneiros de lã fina. Tecido dessa lã.
- merma.** [esp. *merma.*] S. f. Bras. S. Quantidade que se perde no peso de uma mercadoria.
- mermar.** [esp. plat. *mermar.*] V. t. d. e int. Bras. S e ant. Perder em valor; diminuir.
- mescalina.** [esp. amer. *mescal* + *ina.*] S. f. Quím. Alcalóide alucinógeno encontrado em certos cactos.
- meseta.** [esp. *meseta*] S. f. Geog. Planalto de pequena conformação.
- milongueiro.** [esp. plat. *milonguero.*] Adj. e s. m. Bras. RS. Que canta milongas; manhoso; dengoso. Que tem lábia.
- minuano.** [esp. plat. *minuano.*] S. m. Bras. RS. Vento frio e seco do S. O.

- miquelete.** [esp. *miquelete*, *miguelete*] S. m. Guerrilheiro dos Pirineus. Antigo soldado espanhol de montanha.
- mocheta.** [esp. *mocheta*.] S. m. Arquit. Listel.
- mochila.** [esp. *mochila*.] S. f. Saco de viagem. Gualdrapa. Bras. Pequeno saco em que se dá ração às cavalgadas; bornal. Fig. Corcunda, corcova.
- mofatra.** [esp. ant. *mofatra*, hoje *mohatra*.]
- moldura.** [esp. *moldura*.] S. f. Peça com que guarnecem pinturas, etc. Caixilho. Arquit. Ornato de pedra, mármore, cimento, etc.
- moleja.** [esp. *molleja*.] S. f. Glândula carnosa nos animais; timo. Pâncreas das reses (no açougue).
- moleta.** [esp. *moleta*, ou fr. *mollete*.] S. f. Pedra de mármore com que se moem tintas.
- molinilho.** [esp. *molinillo*.] S. m. Pequeno moinho manual para moer café, etc. Círculo dentado com que se bate o chocolate.
- mongil.** [esp. *monjil*.] Adj. 2g. Monacal. Hábito de monja. Túnica talar.
- monha.** [esp. *moña*.] S. f. Laço com se adorna o pescoço dos touros.
- monho.** [esp. *moño*.] S. m. Topete postiço, em mulheres. Rolo de cabelo natural. Laço de fita com que se enfeita e prende o cabelo.
- morcilha.** [esp. plat. *morcilla*.] S. f. Bras. S. Morcela.
- moreno.** [esp. *moreno*.] Adj. Da cor trigueira do mouro.
- morocho.** [esp. plat. *morocho*.] Adj. Brasa. RS. Moreno; caboclo; mestiço.
- morrião.** [esp. *morrión*.] S. m. Antigo capacete sem viseira e com tope enfeitado.
- morrudo.** [esp. plat. *morrudo*.] Adj. Bras. S. Forte; corpulento; musculoso; bem criado; gordo.
- mosqueta.** [esp. *mosqueta*.] S. f. Bras. Bot. Bogari (planta trepadeira).
- mostrengo.** [esp. *mostrengo*.] S. m. Pessoa disforme. Aquilo que é desproporcional.
- muchacha.** [esp. *muchacha*.] S. f. Bras. RS. Moça. Fam. Moça esperta e ladina.
- muchachada.** [esp. amer. *muchachada*.] S. f. Bras. RS. Grupo de rapazes e moças.
- muchacho.** [esp. *muchacho*.] S. m. Bras. RS. Rapaz. Suporte em que descansa o cabeçalho da carreta.
- mulato.** [esp. *mulato*.] S. m. e adj. Filho de branco e preta ou vice-versa. Pardo. Min. Minério pardacento de prata ou cobre. Bras. PA. Rês com pelo alaranjado no dorso e preto no restante.
- muleta.** [esp. *muleta*.] S. f. Bastão para os coxos. Fig. Tudo o que serve de apoio. Pau com que o toureiro suspende a capa. Manivela de realejo. Lus. Pequeno barco de pesca.
- mulita.** [esp. plat. *mulita*.] S. f. Bras. RS. Espécie de tatu. Engano; logro; burla.
- munhão.** [esp. *muñón*.] S. m. Artilh. Eixo que serve para levantar ou baixar uma peça de artilharia. Astr. Extremidade cilíndrica do eixo de rotação de uma luneta.
- munheca.** [esp. *muñeca*.] S. f. Pulso. Bras. S. A mão. Bras. Folhas dos fetos das samambaias quando começam a desenvolver-se.
- munhoneira.** [esp. *muñonera*.] S. f. Artilh. Encaixe onde assenta o munhão.

N

naua. [esp. amer. *nahua*.] S.m. Nome de algumas tribos indígenas mexicanas. A língua dos nauas. Adj. Pertencente ou relativo aos nauas.

navarro. [esp. *navarro*.] Adj e s. m. De ou relativo a Navarra (Espanha). Navarrês.

nazarena. [esp. plat. *nazarena*.] S. f. Bras. S. Espora grande.

neblina, nebrina. [esp. *neblina*.] S. f. Névoa densa e rasteira; nevoeiro. Fig. Escuridão; trevas. Bras. N.E. Chuvisco. PI. Aguaceiro.

necear. [esp. *necear*.] V. int. Dizer necedades; tolices.

necedade. [esp. *necedad*.] S. f. Ignorância crasa; estupidez.

ninharia. [esp. *niñeria* 'ação própria de criança'.] S. f. Coisa sem valor; insignificância.

novilha. [esp. *novilla*.] S. f. Vaca nova; bezerra.

novilho. [esp. *novillo*.] S. m. Boi ainda novo.

O

oca. [esp. *oca* 'ganso'.] S. f. Glória (certo jogo de dados).

ojeriza. [esp. *ojeriza*.] S. f. Má vontade; aversão; antipatia.

olada. [esp. plat. *ollada*.] S. f. Bras. RS. Ocasão; oportunidade; momento propício.

olha. [esp. *olla* 'panela'.] S. f. Comida feita com legumes e várias qualidades de carnes.

olha-podrida. [esp. *olla podrida*.] S. f. Iguaria espanhola feita com carnes, legumes e temperos, cozinhada durante muito tempo. Fig. Miscelânea de coisas muito diferentes.

opalanda. [esp. *hopalanda*.] S. f. Grande opa talar, com mangas.

orchata. [esp. *horchata*.] S. f. Refresco de pevides de melancia. Bras. RJ. Pop. Indivíduo que usa terno branco em dia de chuva.

orelhano. [esp. plat. *orejano*.] Adj. Bras. S. Animal sem sinal de orelhas. P. ext. Animal sem marca.

orilha. [esp. *orilla*.] S. f. Borda; orla; margem.

ostaga. [esp. *ostaga*.] S. f. Marinh. Cabo com que se arria horizontalmente uma verga da gávea.

P

pacenho. [esp. *paceño*.] De ou relativo a La Paz (Bolívia).

paelha. [esp. *paella*.] S. f. Comida típica espanhola.

painel. [esp. *painel*.] S. m. Obra decorativa que recobre uma parede. Tabique usado em salas de exposição. Quadro onde se penduram chaves, ferramentas, etc.

pajonal. [esp. plat. *pajonal*.] S. m. Bras. RS. Terreno coberto de palha brava; capinzal.

palamenta. [esp. *palamenta*.] S. f. Marinh. Conjunto de objetos indispensáveis à utilização de uma embarcação.

palanca. [esp. *palanca*.] S. f. Estacaria coberta de terra para defesa; palanque. Instrumento usado pelos caldeiros.

palangana. [esp. *palangana*.] S. f. Tabuleiro de barro ou metal onde se serviam os assados. Grande tigela. Bras. N. e N.E. Xícara muito grande.

palear. [esp. plat. *palear*.] V. int. Trabalhar com pá.

palilho. [esp. *palillo* 'pauzinho'.] S. m. Rolo em que os tintureiros enfiavam as meadas por enxugar.

palmilha. [esp. *palmilla*.] S. f. Revestimento interior da sola do calçado. Parte da meia sola.

paloma. [esp. *paloma*.] S. f. Bras. Gír. Meretriz. Ant. Pomba.

palometa. [esp. plat. *palometa*.] S. f. Bras. Palombete (peixe teleósteo).

- panamenho.** [esp. *panameño*.] Adj. e s. m. De ou relativo ao Panamá. -
- pandeireta.** [esp. *pandereta*.] S. f. Instrumento musical que consta de um aro de madeira com guizos.
- pandeiro.** [esp. *pandero*.] S. m. Instrumento musical composto de um aro e sobre ele uma pele esticada.
- pandilha.** [esp. *pandilla*.] S. f. Conluio para ludibriar alguém. Bras. S. Grupo de animais grupo de malfeitores. S. m. Indivíduo que toma parte em conluio ou pandilha; biltre; canalha; pandilheiro.
- pandorga.** [esp. *pandorga*.] S. f. Música desafinada e sem compasso. Mulher muito gorda. Bras. Pipa, papagaio; tolo.
- pangaré.** [esp. plat. *pangaré*.] Adj. 2g. Bras. S e GO. Equídeo ou muar de tom amarelado.
- pantalha.** [esp. *pantalla*.] S. f. Abajur.
- panturra.** [esp. *panturra*.] S. f. Pança. Fig. Prosápia; soberba.
- panturrilha.** [esp. *pantorrilla*.] S. f. Barriga da perna. Fig. Chumaço que se põe sobre a barriga da perna.
- papafigo.** [esp. *papahígo*.] S. m. Marinh. Vela redonda inferior e mais baixa.
- papagalho.** [esp. *papagayo*.] S. m. Vento forte que sopra nas costas do México.
- papaia.** [esp. amer. *papaya*.] S. f. Mamoeiro; mamão.
- parcel.** [esp. *parcel*.] S. m. Escolho; recife; baixio.
- parol.** [esp. *parol* 'tacho'.] S. m. Bras. Manjedoura; cocho. Recipiente onde se junta o caldo de cana, nos engenho de açúcar. MG. Grande depósito de aguardente.
- parranda.** [esp. plat. *parranda*.] S. f. Bras. RS. Grupo de velhacos para burlar incautos. Roubo; ladroeira.
- parva.** [esp. *parva*.] S. f. Bras. RS. Meda de forragem de trigo ou de arroz.
- pastiçal.** [esp. plat. *pastizal*.] S. m. Bras. RS. Lugar onde o pasto é abundante.
- pastilha.** [esp. *pastilla*.] S. f. Pasta de forma circular que contém medicamento ou essência. Bras. Pequeno ladrilho para revestimento de pisos e paredes.
- patacho.** [esp. *patacho*.] S. m. Antigo navio a vela.
- patagão.** [esp. *patagón*.] Adj. e s. m. De ou relativo à Patagônia, patagônio.
- patalear.** [esp. plat. *patalear*.] V. int. Bras. RS. Dar com as patas; patear; espernear.
- patilha.** [esp. *patilla*.] S. f. Fio de prata ou de ouro achatado. Parte posterior do selim. Marinh. prolongamento da quilha para ré.
- patranha.** [esp. *patraña*.] S. f. Mentira; história mentirosa.
- pealar.** [esp. plat. *pealar*.] V. t. d. Bras. RS. Prender animais atirando-lhes o pealo. Fig. Armar cilada; enganar.
- pealo.** [esp. plat. *peal*.] S. m. Bras. RS. Laço que se atira ao cavalo. Passar **pealo** = enganar.
- pecadilho.** [esp. *pecadillo*.] S. m. Pecado leve; culpa sem importância.
- peceta.** [esp. plat. *peceta*.] S. m. Bras. RS. Tratante; velhaco. Cavalo pequeno e feio.
- pecha.** [esp. *pecha*.] S. f. Defeito; falha; balda.
- pechada.** [esp. plat. *pechada*.] S. f. Bras. RS. Embate entre dois cavaleiros. Choque; encontrão. Gír. Facada.
- pechador.** [esp. plat. *pechador*.] S. m. Bras. S. Aquele que costuma dar pechadas.
- pechar.** [esp. plat. *pechar*.] V. t. d. e int. Bras. S. Dar encontrão; abalroar.

- Pedir dinheiro. Esbarrar; encontrar-se.
- peçuelos.** [esp. plat. *pezuelos.*] S. m. pl. Espécie de alforje repartido ao meio, colocado sobre a garupa do animal.
- pelear.** [esp. plat. *pelear.*] V. int. Bras. SC, RS. Brigar, lutar, pelejar.
- pelechar.** [esp. plat. *pelechar.*] V. int. Bras. RS. Mudar o pêlo (o animal.).
- pelecho.** [esp. plat. *pelecho.*] S. m. Bras. RS. Ato ou efeito de pelechar.
- pelego.** [esp. *pellejo.*] S. m. Bras. A pele de carneiro com a lã. Tapete feito dessa pele. Deprec. Agentes do Ministério do Trabalho nos sindicatos operários. Fig. Pessoa subserviente; capacho. RS. Passo errado nas danças gaúchas.
- peleia.** [esp. plat. *pelea.*] S. f. Bras. SC e RS. Pugilato; contenda; batalha; peleja.
- pelota.1.** [esp. *pelota.*] S. f. Bola, bola de metal, etc.
- pelota. 2.** [esp. plat. *pelota.*] S. f. Bras. RS e MG. Embarcação ligeira, tosca e pequena, feita de couro de boi inteiriço.
- pendão.** [esp. *pendón.*] S. m. Bandeira; galhardete. Inflorescência do milho.
- penha.** [esp. *peña.*] S. f. Rocha isolada; penhasco; penedo.
- penhasco.** [esp. *peñasco.*] S. m. Penha elevada; Rochedo escarpado e extenso.
- pepino.** [esp. *pepino?*] S. m. Fruto do pepineiro.
- pericote.** [esp. *pericote*, dim. de *perico* 'antigo penteado'.] S. m. Bras. RS. Coque, cocó, periquito.2.
- perigalho.** [esp. *perigallo?*] S. m. Pele do queixo ou pescoço descaída. Bras, Marinh. Cabo usado para suspender o espinhaço dos toldos.
- periquito.1.** [esp. *periquito.*] S. m. Bras. Ave psitaciforme. Amaz. Erva da família das amarantáceas. N.E. Pequeno candeeiro de folha-deflandres; alcoviteiro; mexeriqueiro.
- periquito.2.** [esp. *periquillo.*] S. m. Bras. Nó que se dá com o próprio cabelo na cabeça dos meninos. Amaz. Nó que se dá nas extremidades das mortalhas dos indigentes.
- perra.** [esp. *perra.*] S. f. Cadela.
- perrexil.** [esp. *perejil* 'salsa'.] S. m. Aquilo que estimula o apetite; aperitivo. Casta de uva portuguesa.
- perrero.** [esp. *perrero.*] S. m. Bras. e lus. prov. Guarda de matilha. Enxota-cães.
- perrengue.** [esp. *perrengue.*] Adj. Bras. Covarde, fraco, lerdo, impronunciável, ruim, teimoso, birrento; que sofre de manqueira crônica, capenga. Animal que não presta serviço. S. m. RJ. Gír. Bate-boca, alteração, confusão.
- perro.** [esp. *perro.*] S. m. Cão. Deprec. Homem vil, canalha. Adj. Difícil de abrir e fechar; emperrado; resistente. Fig. Obstinado; teimoso.
- pesebre.** [esp. *pesebre.*] S. m. Lugar destinado na manjedoura a cada cavalgada.
- peseta.** [esp. *peseta.*] S. f. Moeda espanhola.
- pesquisa.** [esp. *pesquisa.*] S. f. Busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação. Estudo minudente e sistemático relativo a um campo qualquer do conhecimento.
- petiço.** [esp. plat. *petiso.*] S. m. Bras. S. Cavalo pequeno, curto e baixo.
- pertrechar.** [esp. *pertrechar.*] V. t. d. Prover de pertrechos; preparar aparelhos; aperceber.
- pertrechos.** [esp. *pertrechos.*] S. m. pl. Munições e instrumentos de guerra. Objetos necessários à execução de algo; aprestos.
- picana.** [esp. plat. *picana.*] S. f. Bras. RS e MT. Aguilhada.

- picanear.** [esp. plat. *picanear.*] V. t. d. Bras. RS. Ferir o boi com a picana; aguilhoar, aferretear.
- pícaro.** [esp. *pícaro.*] Adj. e s. m. Ardiloso; patife; astuto; velhaco; vigarista. Liter. Personagem travessa, bufona, ardilosa, que vive de expedientes.
- piçarra.** [esp. *pizarra.*]. S. f. Geol. Rocha sedimentar, argilosa, estratificada e endurecida. Bras. A última parte dos terrenos das lavras diamantíferas.
- piçarral.** [esp. *pizarral.*] S. m. Lugar onde há muita piçarra.
- picatoste.** [esp. *picatoste.*] S. m. Cul. Iguaria de carneiro, ovos e pão ralado.
- picote.** [esp. *picote.*] S. m. Certo pano grosseiro.
- picotilho.** [esp. *picotillo.*] S. m. Picote menos grosseiro e de melhor qualidade.
- píffio** [esp. *piffia.*] S. m. Golpe em falso no bilhar. Adj. Reles; grosseiro; ordinário; vil.
- pilar.** [esp. *pilar.*] S. f. Coluna simples, sem ornato, poligonal em uma construção.
- pilcha.** [esp. plat. *pilcha.*] S. f. Bras. RS. Adorno; adereço; jóia; objeto de valor.
- pileta.** [esp. plat. *pileta.*] Bras. RS. S. f. Tanque ou pia.
- pimpolho.** [esp. *pimpollo.*] Rebento de videira; sarmento; vergôntea. Fig. Meninote taludo; criança pequena e robusta.
- pinchar.** [esp. *pinchar.*] V. t. d. e int. Impelir; empurrar, derrubar; arremessar; atirar; lançar com força; saltar; pular.
- pirinola.** [esp. *perinola.*] S. f. Rapa (no jogo).
- pivete.** [esp. *pebete.*] S. m. Substância aromática que se queima para perfumar. Criança esperta. Bras. Gír. Menino ladrão ou que trabalha para ladrões.
- planilha.** [esp. amer. *planilla.*] S. f. Tip. Cada uma das duas páginas de uma carteira de identidade. Folha impressa padronizada. P. ext. Qualquer formulário impresso.
- plasta.** [esp. plat. *plasta.*] S. f. Bras. RS. pessoa inútil, moleirona.
- platal.** [esp. plat. *platal.*] S. m. Bras. RS. Vultosa soma de dinheiro.
- platense.** [esp. *platense.*] Adj e s. m. Platino.
- platina.** [esp. *platino.*] S. m. Quím. Metal muito nobre, usado em ligas preciosas e em aplicações científicas.
- platino.** [esp. *platino*] Adj. e s. m. De ou relativo à região do Rio da Prata.
- polha.** [esp. *polla.*] S. f. Franga. Ant. Galinha. Fig. Moça; rapariga.
- polhastro.** [esp. *pollastro.*] S. m. Grande frango. Fig. Rapagão. Sujeito espertalhão.
- polilha.** [esp. *polilla.*]. S. f. Pó finíssimo. Espécie de traça.
- polvilho.** [esp. *polvillo.*]. Pó fino. Farinha amilácea. Amido. Bras. Tapioca.
- polvorim.** [esp. *polvorín.*] Expl. Pólvora negra. Pó que sai da pólvora.
- ponte-suela.** [esp. *pontezuela* 'pontinha'.] S. f. Bras. S. Penduricalho que se põe no freio do cavalo.
- portenho.** [esp. *porteño.*] Adj. e s. m. De ou relativo a Buenos Aires.
- porto-riquenho.** [esp. *portorriqueño.*]. Adj e s. m. De ou relativo a Porto Rico.
- postre.** [esp. *postre.*]. S. m. Sobre-mesa.
- postreiro.** [esp. *postrero.*] Adj. Deradeiro.
- potentilha.** [esp. *potentilla.*]. S. f. Bot. Planta da família das rosáceas.

potril. [esp. *potril.*] S. m. Pátio ou alpendre onde se guardam potros para adestrar.

prego. [esp. *priego.*] S. m. Haste de metal pontiaguda para cravar. Alfinete grande. Cravo; broca. Pop. Casa de penhor. cachaça. Bras. Mentira; bebedeira. Gír. Indivíduo tolo, fácil de ser enganado. BH. Indivíduo de cor preta, negro.

presilha. [esp. *presilla.*] S. f. Tira de pano, couro ou plástico com uma espécie de casa na ponta para amarrar, prender. P. ext. Tira que serve para amarrar ou afivelar. Eletr. Terminal para efetuar conexões rápidas, não permanentes.

pucho. [esp. plat. *pucho.*] S. m. Bras. RS. Guimba.

pujar. [esp. *pujar.*] V. t. d. Superar; suplantar; sobrepujar.

pulha. [esp. *pulla.*] S. f. Gracejo escarninho; mentira; dito pouco decoroso; vergonha; ignomínia; ação de pulha. S. m. Indivíduo sem caráter, sem dignidade; pelintra. Adj. Vil, desprezível, acanhado; desmazelado, relaxado.

pulpeiro. [esp. plat. *pulpero.*] S. m. Proprietário de pulperia.

pulperia. [esp. plat. *pulpería.*] S. m. Bras. RS. Venda no campo.

pundonor. [esp. *pundonor.*] S. m. Sentimento de dignidade; brio. Suscetibilidade exagerada em questões de amor de amor-próprio; zelo da própria reputação.

putear. [esp. plat. *putear.*] V. t. d. Bras. RS. Chulo. Descompor com palavras obscenas, em geral ofensivas à mãe da vítima.

Q

quadrilha. [esp. *cuadrilla.*] S. f. Turma de quatro ou mais cavaleiros. Bando de ladrões. Contradança. Bras. Súcia; corja. RS. Grupo de cavalos de pêlo diferente. Matilha.

quadrilheiro. [esp. *cuadrillero.*] S. m. Que faz parte de quadrilha. Beleguim. Bras. S. Animal que faz parte da quadrilha.

quartear. [esp. plat. *cuartear.*] V. t. d. Dividir em quatro partes. Decorar com quatro cores. Bras. RS. Ajudar a desatolar. Taur. Fazer quarteio.

quarterão. [esp. *cuarterón.*] Adj. e s. m. Quadrado.

quartilho. [esp. *cuartillo.*] S. m. Ant. Med. A quarta parte da canada. Unidade de capacidade do sistema inglês (pint).

quatreiro. [esp. *cuatrero.*] S. m. Bras. RS e MT. Ladrão de gado.

quebraço. [esp. plat. *quebracho.*] S. m. Bras. Bot. Árvore da família das anacardiáceas, rica em tanino.

quetçal, quetzal. [esp. amer. *quetzal*] S. m. Moeda da Guatemala.

quício [esp. *quicio.*]. Gonzo.

quincha. [esp. plat. *quincha.*] S. f. Bras. RS. Cobertura de palha para casas ou carretas.

quinchador. [esp. plat. *quinchador.*] S. m. Bras. RS. Indivíduo que faz quincha ou cobre ranchos ou carretas com quincha.

quinchar. [esp. plat. *quinchar.*] V. t. d. Bras. RS. Fazer cobertura ou quincha.

quiteño. [esp. *quiteño.*]. Adj e s. m. De ou relativo a Quito (Equador).

R

rafa. [esp. *ráfaga.*] S. f. Ant. Maré forte.

raja. [esp. *raya.*] S. f. Estria, listra, raia.

rajar. [esp. *rayar.*] V. t. d. Estriar, listrar, raiar.

rajo. [esp. *raja.*] S. m. Parte dos pinheiros que se cota para extrair-lhes a resina.

- rana.** [esp. plat. *rana.*] S. f. Bras. indomável; difícil. S. 2g. Pessoa rebelde; insurgente; revoltoso. Bras. S. Gado pertencente ao Estado; cavalo feio e de má qualidade.
- rancheira.** [esp. plat. *ranchera.*] S. f. Bras. Dança popular, originária da Argentina.
- ranchito.** [esp. *ranchito.*] Grupo de pessoas em marcha; acampamento; bando. Refeitório nos quartéis; refeição para muitos. Bras. Casa ou cabana; casa pobre. RJ. Rancho carnavalesco.
- ranilha.** [esp. *ranilla.*] Veter. Saliência mole na planta do pé no cavalo.
- raposa.** [esp. ant. (leonês ou asturiano) *rabosa*, de rabo.] S. f. Mamífero carnívoro que habita a Europa, predador de aves. Fig. Pessoa astuta, sagaz, manhosa. Apelido que os legalistas davam aos rebeldes da Sabina. Lus. Reprovação em exame.
- rastrilho.** [esp. *rastillo.*] S. m. Bras. S. Grade ou ancinho para espicaçar e limpar a terra.
- realejo.** [esp. *realejo.*] Mús. Órgão portátil. Instrumento popular movido a manivela. Gír. Piano. Bras. N.E. Espécie de acordeão.
- rebelde.** [esp. *rebelde.*] Adj. 2g. Que se rebela contra a autoridade; insurgente; teimoso; indisciplinado;
- rebote.** [esp. *rebote.*] Bras. Esporte. Segundo salto das péla ou pelota.
- rebusnar.** [esp. *rebuznar.*] V. int. Des. Zurrar.
- recém.** [esp. *recién.*] Adv. Bras. SC, RS. Recentemente.
- rechonchudo.** [esp. *rechoncho* ‘membrudo, + udo.] Adj. Gorducho, gordo; nédio.
- redondel.** [esp. *redondel.*] S. m. Taur. Arena redonda onde se efetuam as touradas.
- redondilha.** [esp. *redondilla.*] S. f. Versos de cinco ou sete sílabas.
- refilão.** [esp. plat. *refilón.*] Adj. e s. m. Que ou aquele que refila. Tip. Dar o refilo à obra. Corte final nas laterais.
- regalia.** [esp. *regalía.*] S. f. Direito próprio do rei; privilégio; vantagem.
- regozijar.** [esp. *regocijar.*] V. t. d. e int. Causar regozijo a; alegrar; alegrar-se; congratular-se.
- regozijo.** [esp. *regocijo.*] S. m. Gozo intenso; contentamento ou prazer; grande satisfação.
- reiúno.** [esp. plat. *reyuno.*] Adj. Diz-se do que é fornecido pelo Estado. Ruim, reles, de baixa qualidade.
- reixa.** [esp. *reja.*] S. f. Tábua pequena; tabuinha. Grade de janela; gelosia.
- relumbrante.** [esp. *relumbrante.*] Adj. 2g. Que relumbra; reluzente, refulgente.
- relumbrar.** [esp. *relumbrar.*] V. int. Resplandecer; reluzir.
- remanchar.** [esp. *remanchar.*] V. t. d. Fazer borda com o maço na bigorna em fundo de panela ou semelhante.
- rengo.1.** [esp. amer. *rengue.*] S. m. Tecido transparente para bordados.
- rengo.2.** [esp. plat. *rengo.*] S. m. Veter. Doença nos quartos traseiros dos cavalos. Bras. Cavalo que manca.
- renguear.** [esp. plat. *renguear.*] V. int. Bras. S. Tornar-se rengo ou coxo (o cavalo); claudicar; coxear.
- rengueira.** [esp. plat. *renguera.*] S. f. Bras. S. Defeito de renguear; rengueira.
- renhideiro.** [esp. plat. *reñidero.*] S. m. Bras. S. Lugar onde se promovem brigas de galo.
- renhir.** [esp. *reñir.*] V. t. d. Disputar, pleitear.; discutir; altercar; pelejar; combater furiosamente.

- renzilha.** [esp. *renzilla.*] S. f. Pop. Rixa, quizila, rezinga.
- repechar.** [esp. plat. *repechar.*] V. t. d. e int. Bras. PR e RS. Galgar (uma ladeira, um cerro. Elevar-se.
- repecho.** [esp. plat. *repecho.*] S. m. Bras. PR e RS. Encosto, subida, ladeira.
- repolho.** [esp. *repollo.*] S. m. Variedade de couve.
- repostaria.** [esp. *repostería.*] S. f. Dependência nos palácios e casas nobres para o preparo de doces e licores. O pessoal e os objetos da copa.
- reslumbrar.** [esp. *reslumbrar.*] V. int. Dar passagem à luz; transparecer; transpirar; transluzir.
- resvalar.** [esp. *resbalar.*] V. t. d. e ind. Escorregar; fazer escorregar ou cair.
- retábulo.** [esp. *retablo.*] S. m. Construção com lances colocada acima ou atrás do altar, normalmente com ou mais painéis em baixo-relevo.
- retaco.** [esp. plat. *retaco.*] S. m. Bras. S. e GO. Indivíduo ou animal baixo, atarracado.
- retouçar.** [esp. *retozar.*] V. int. Correr; fazer travessuras; traquinar. Bras e lus. prov. Pastar, pacer.
- retovar.** [esp. plat. *retobar.*] V. t. d. Bras. RS. Cobrir com retovo.
- retovo.** [esp. plat. *retobo.*] S. m. Bras. RS. Forro de couro usado em cabos de relho; couro de bezerro com que se cobre outro animal para que a mãe do que morreu aceite amamentá-lo.
- retrecheiro.** [esp. plat. *retrechero.*] Adj. Bras. RS. Preguiçoso; lerdo; moleirão.
- riacho.** [esp. *riacho.*] S. m. Rio pequeno, mais volumoso que o regato e menos que a ribeira.
- revisar.** [esp. *revisar.*] V. t. d. Visar novamente. Fazer inspeção ou revisão. Tip. Ler prova tipográfica.
- rifenho.** [esp. *rifeño.*] Adj e s. m. De ou relativo a Rife, norte de Marrocos.
- rincão.** [esp. *rincón.*] S. m. Recanto, canto, ângulo.
- rinha.** [esp. plat. *riña.*] S. f. Briga de galos. Bras. P. ext. Briga; peleja; luta.
- rinhão.** [esp. *riñón.*] Ant. e pop. An. nat. Rim.
- riste.** [esp. *ristre.*] S. m. Peça metálica em que os cavaleiros firmavam o conto da lança, na horizontal.
- rocim.** [esp. *rocín.*] S. m. cavalo pequeno, fraco ou magro.
- rodilha.** [esp. *rodilla.*] S. f. Trapo para limpeza de soalhos e pavimentos. Pano enroscado usado na cabeça para pôr a carga em cima. Fig. Pessoa desprezível; rodilho. Bras. RS. Voltas feitas pelos laçadores.
- ronçaria.** [esp. *roncería.*] S. f. Qualidade de ronceiro. Aquele que se move com lentidão.
- roncha.** [esp. *rocha.*] S. f. Bras. N.E. Med. Mancha arroxada no corpo, originada, geralmente, de hemorragia subcutânea.
- roseta.** [esp. plat. *roseta.*] S. f. Bras. Bot. espinho-de-carneiro. Talos de capim seco, já muito catado pelos animais.
- rosilho.** [esp. *rosillo.*] S. m. Equídeo de pêlo avermelhado e branco, dando o aspecto de cor rosada.
- ruano, ruão.** [esp. *ruano.*] Adj. Cavalo de pêlo branco e pardo, ou de pêlo branco com malhas escuras arredondadas. Bras. Cavalo de pêlo claro e crinas amarelas.
- rubicano.** [esp. *rubicán.*] Adj. Cavalo negro, baio ou alazão, com pêlos entremeados de branco.
- rumba.** [esp. *rumba.*] S. f. Mús. Dança popular afro-cubana.

- rumbeador.** [esp. plat. *rumbeador.*] Adj. Que sabe orientar-se através dos campos.
- rumbear.** [esp. plat. *rumbear.*] V. int. Bras. S. Rumar.
- rumbo.** [esp. *rumbo.*] S. m. Náut. Cada uma das direções marcadas na rosa-dos-ventos; direção do movimento da embarcação; ângulo da direção. Caminho; direção.
- S**
- sabino.** [esp. plat. *sabino.*] Adj. Equívoco de pelo branco mesclado de vermelho e preto.
- safio.** [esp. *zafio.*] Adj. Grosso; rude; sáfaro.
- sainete.** [esp. *sainete.*] S. m. Isca que se dava aos falcões para os amansar. Gosto especial. Remoque; motejo. Teat. Comédia curta com dois ou três personagens.
- saladeiril.** [esp. plat. *saladeril.*] Adj. 2g. Bras. RS. Que se dedica à indústria do charque. Referente a saladeiro.
- saladeirista.** [esp. plat. *saladerista.*] S. m. Bras. RS. Dono de saladeiro ou charqueada.
- saladeiro.** [esp. plat. *saladero.*] S. m. Bras. RS. Charqueada.
- salmantino** [esp. *salmantino.*] Adj. e s. m. Salamanquense. De ou relativo a Salamanca (Espanha).
- salpicão.** [esp. *salpicón.*] S. m. Paio ou chouriço preparado com lombo de porco. Bras. Prato preparado com galinha desfiada.
- salsaparrilha.** [esp. *zarzaparrilla.*] S. f. Bras. Bot. Cipós da família da liliáceas de cuja raiz se extrai uma droga considerada eficiente depurativo.
- salseira.** [esp. *salseira.*] S. f. Recipiente em que se servem molhos; mo-lheira.
- samarra.** [esp. *zamarra.*] S. f. Vestuário grosseiro e antigo de peles de ovelha com lã. Deprec. Padre; religioso.
- sampar.** [esp. plat. *zampar.*] V. t. d. e i. Bras. S. Arremessar; atirar; aplicar.
- saludar.** [esp. *saludar.*] V. t. d. .Curar por meio de rezas. Benzer para curar.
- sancadilha.** [esp. *zancadilla.*] S. f. Rasteira; armadilha; cilada.
- sandio.** [esp. *sandío.*] Adj. Próprio de sandeu; disparatado; tolo.
- salvadorenho.** [esp. *salvadoreño.*] Adj. e s. m. De ou relativo ao Salvador.
- sanga.** [esp. plat. *zanga.*] S. f. Bras. SC e RS. Algirão (abertura por onde os peixes entram na rede ou na armação); pequeno regato; escavação no terreno.
- sangrador.** [esp. *sangrador.*] Adj. e s. m. Aquele que sangra.
- sangradura.** [esp. *sangradura.*] S. f. Sangria.
- sangrar.** [esp. *sangrar.*] V. t. d. e int. Tirar sangue; tirar líquido; esvaziar; esgotar; extorquir; tirar à força; enfraquecer. Tip. Recolher. Bras. N.E. Entalhar madeira para produzir ressaltos. Pop. Pedir dinheiro emprestado, sem intenção de pagar. Aceder a pedido de dinheiro.
- sangrento.** [esp. *sangriento.*] De que sai sangue. Coberto de sangue; sanguinolento; cruento. Adj. Bras. Diz-se da carne mal passada.
- sangria.** [esp. *sangría.*] S. f. Sangradura; perda de sangue; ato ou efeito de sangrar. Extorsão astuciosa ou fraudulenta. Bebida refrigerante preparada com vinho, água, açúcar, suco de limão e pedaços de frutas.
- santiaguês.** [esp. *santiagués.*] Adj e s. m. De ou relativo a Santiago de Compostela (Espanha).
- sarambeque.** [esp. *zarambeque.*] Lus. Dança antiga.

- sassafrás.** [esp. *sasafrás.*] S. m. Casca-preciosa; canela-sassafrás.
- saúco.** [esp. *saúco.*] S. m. A parte do casco das cavalgadas situada entre a tapa e a palma.
- sebruno, zebruno.** [esp. *cebruno.*] Adj. e s. m. Bras. Equídeo de pêlo plúmbeo.
- seguidilha.** [esp. *seguidilla.*] S. f. Dança popular espanhola.
- sencilha.** [esp. plat. *sencilla* 'simples, ingênua.'] S. f. Bras. RS. Dinheiro que no jogo de cartas se empresta por quem não joga, mas lucra.
- sencilheiro.** [esp. plat. *sencilhero* 'prestamista'.] S. m. Bras. S. Que dáencilha ou vive desse expediente.
- sereno.** [esp. *sereno.*] S. m. Espécie de guarda-noturno. Bras. RS. Guarda-noturno; vigia.
- serguilha.** [esp. *jerguilla.*] S. f. Tecido grosso de lã, sem pêlo.
- serranilha.** [esp. *serranilla.*] S. f. Canção pastoril dos antigos trovadores portugueses, serrana.
- serrazina.** [esp. *sarracina.*] S. f. Ato ou efeito de serrazinar. S. 2g. Pessoa que serrazina. Adj. 2g. Que serrazina; maçante, enfadonho; cacete, chato.
- serrim.** [esp. *serrín.*] S. m. Espécie de forragem.
- sesgo.** [esp. *sesgo.*] Adj. Oblíquo, torcido.
- silha.** [esp. *silla* 'cadeira'] S. f. Pedra em que assenta o cortiço das abelhas. Série de cortiços de abelhas. Desus. Cadeira.
- sinuelo.** [esp. plat. *siñuelo.*] S. m. Bras. Cincerro. p. ext. Gado manso, habituado ao curral.
- sisal.** [esp. hisp.-amer. *sisal.*] S. m. Fibra têxtil extraída do agave. Tecido feito com essa fibra.
- sobejo.** [esp. *sobejo.*] Adj. Demasiado, excessivo, enorme, inumerável. S. m. Sobra, resto. Pl. sobejos. Adv. De **sobejo** = de sobra.
- sobrecincha.** [esp. plat. *sobrecincha.*] S. f. Bras. S. Tira de couro para apertar os arreios de cima do coxinilho ou da badana.
- sobrecostillhar.** [esp. plat. *sobrecostillhar.*] S. m. Bras. A manta de carne que se tira de cima da costela da rês.
- socarrão.** [esp. *socarrón.*] Adj. e s. m. Velhaco, manhoso, astuto.
- sofrenada.** [esp. plat. *sofrenada.*] S. f. Bras. RS. Puxão forte nas rédeas para que o animal pare e recue.
- sofrenar.** [esp. plat. *sofrenar.*] V. t. d. Sofrear o cavalo para fazê-lo parar ou recuar.
- sogaço.** [esp. plat. *sogazo.*] S. m. Bras. RS. Golpe com soga. Soga muito bonita ou muito boa.
- sogueiro.** [esp. plat. *soguero.*] S. m. Encerra gramada menor que o potreiro, onde ficam presos os animais.
- solito.** [esp. plat. *solito.*] Adj. Bras. MG e S. Sozinho.
- sonador.** [esp. plat. *sonador.*] Adj. Bras. RS. Cavalo que emite, ao galopar, ruídos semelhantes ao de ressonar.
- sondareza.** [esp. *sondareza, sondareza.*] S. f. Marinh. Cabo calabroteado de linho. Qualquer cabo usado em aparelho de sondar.
- songamonga.** [esp. amer. *songa* 'burla' + monga (criado pela rima).] S. 2g. Fam. Pessoa sonsa, dissimulada.
- sonsonete.** [esp. *sonsonete.*] S. m. Inflexão especial com que se profere uma ironia.
- sorete.** [esp. plat. *sorete.*] S. m. Bras. Fezes em pedaços secos e duros.
- soriano.** [esp. *soriano.*] Adj e s. m. De ou relativo a Sória (Espanha).

- sotreta.** [esp. plat. *sotreta.*] Adj. 2g. e s 2g. Bras. S. Pessoa torpe; vil coisa imprestável.
- sovéu.** [esp. plat. *sobeo.*] Laço grosseiro e forte para pegar touros.
- sovina.** [esp. *sobina.*] S. f. Torno de madeira. Instrumento perfurante em forma de lima. S. 2g e adj 2g. Avaro.
- subasta.** [esp. *subasta.*] S. f. subastação.
- sumanta.** [esp. plat. *sumanta.*] S. f. Bras. S. Surra. a
- T**
- tabardilão.** [esp. *tabardillo?*] Bras. Veter. Epizootia dos eqüídeos.
- tabardilho.** [esp. *tabardillo.*] S. m. Patol. Febre acompanhada de exantemas.
- tablada.** [esp. plat. *tablada.*] S. f. Bras. RS. Espécie de feira de gado.
- tablilha.** [esp. *tablilla.*] S. f. Tabela. Meio indireto.
- tagante.** [esp. *tajante* ‘talhante’.] S. m. Azorrague antigo.
- taita.** [esp. plat. *taita* ‘papai’.] Adj. e s. m. Bras. RS. Valentão.
- talaveira.** [esp. *talavera*, do topônimo Talavera?]. S. m. Bras. Ant. e burlesco. Qualquer criado do paço.
- Bras. RS. Galego. Bras. RS. Que não sabe montar a cavalo.**
- tambeiro.** [esp. plat. *tambero.*] Adj. e s. m. Bras. S e MT. Touro ou boi habituado ao tambo (pouso). Bezerro. Gado manso.
- tapeçaria.** [esp. *tapicería.*] S. f. Tape. Fig. Terreno com verdura. A relva e flores que cobrem um terreno. Bras. Loja de tapetes.
- tapeceiro.** [esp. *tapicero.*] S. m. Fabricante e/ou vendedor de tapetes.
- tarca.** [esp. plat. *tarja.*] S. f. Bras. S. Pedaco de pano ou couro onde se anota, por meio de cortes, o número de reses marcadas.
- tárraga.** [esp. *tárraga.*] S. f. Dança espanhola do séc. XVII.
- taruca, taruga.** [esp. plat. *taruca.*] S. f. Vicunha.
- tauro.** [esp. plat *tauro* ‘jogador astuto’.] Adj. e s. m. Bras. RS. Valentão.
- tejadilho.** [esp. *tejadillo.*] S. m. Teto de veículos.
- tejo.** [esp. plat. *tejo.*] S. m. Bras. S. Jogo que consiste em arremessar moedas sobre um facão cravado no solo.
- telão.** [esp. *telón.*] S. m. Teat. Pano com anúncios que nos teatros pende diante do pano de boca.
- telilha.** [esp. *telilla.*] S. f. Tela fina.
- temblar.** [esp. *templar* ‘moderar, temperar’, confundido com *temblar* ‘tremar’.] V. t. d. Bras. Afinar uns instrumentos pelos outros.
- tembleque.** [esp. plat. *tembleque.*] Veter. Bras. Doença do gado causada por cogumelos tóxicos. Adj. Bras. RS. Trêmulo, bambo, fraco.
- terciopelo.** [esp. *terciopelo.*] S. m. Veludo.
- tertúlia.** [esp. *tertulia.*] S. f. Reunião familiar; agrupamento de amigos. Assembléia literária.
- tijolo.** [esp. *tejuelo.*] S. m. Produto cerâmica avermelhado muito usado em construções. Instrumento de ourives. Doce em pasta de forma semelhante a tijolo. Bras. Livro muito volumoso. Tip. Composição em que rareiam os claros. SP. Gír. Namoro.
- til.** [esp. *tilde.*] S. m. Sinal diacrítico.
- timpanilho.** [esp. *timpanillo.*] S. m. Tip. Caixilho de ferro, recoberto de estofo, encaixado no tímpano do prelo.
- tinalha.** [esp. ant. *tenalla*, hoje *tinja.*] S. f. Tina pequena para vinho; dorna.
- tiple.** [esp. *tiple.*] S. 2g. Mús. Soprano. Espécie de charamela na embocadura da palheta dupla.

- tiracolo.** [esp. *tiracuello*.] S. m. Correia que cinge o corpo, passando por cima dum ombro e por baixo do braço oposto.
- tirana.** [esp. *tirana*.] S. f. Mús. Canção e dança antiga. Bras. RS. Modalidade de fandango. BA. Cantiga de amor de ritmo lento. BA. Canto de trabalho; desafio.
- tocaio.** [esp. *tocayo* 'xará'.] Bras. MG e RS e lus. prov. Xará.
- tolano.** [esp. *tolano*.] S. m. Sulco no palato das cavalgadas.
- tolderia.** [esp. plat. *toldería*.] S. f. Bras. PR, RS. Grupo de toldos de índios.
- tolontro.** [esp. *tolondro*.] S. m. Patol. Tumor causado por contusão; tumor; caroço.
- tombadilho.** [esp. *tombadillo*.] S. m. Marinh. Superestrutura na popa, sobre a cobertura superior, destinada a câmaras e alojamentos.
- tomilho.** [esp. *tomillo*.] Bot. Erva da família das labiadas, de propriedades aromáticas intensas.
- tonadilha.** [esp. *tonadilla*.] S. f. Mús. Toada; canção ligeira e rústica.
- tonilho.** [esp. *tonillo*.] S. m. Mús. Tom débil.
- torçal.** [esp. *torzal*.] S. m. Cordão de fios de retrós. Cordão de fios de ouro e prata. Bras. Cabresto.
- tornado.** [esp. *tornado*.] S. m. Fenômeno meteorológico que produz remoinho e eleva pó, podendo causar grandes danos.
- tornilheiro.** [esp. *tornillero*.] Adj. e s. m. Soldado desertor.
- tornilho.** [esp. *tornillo*.] S. m. Castigo físico que se infligia aos soldados. Fig. Lance apertado; aperto.
- torresmo.** [esp. *torrezno*.] Toucinho frito em pedaços. Bras. Pão-de-galinha (larva). Bras. Criança gorda.
- torrija.** [esp. *torrija*.] S. f. Cul. Torrada embebida em vinho, coberta com ovos e açúcar.
- torvelino, torvelinho, torvelim.** [esp. *torbellino*.] Redemoinho.
- tosquiar.** [esp. ant. *tosquilar*, hoje *trasquilar*.] V. t. d. Cortar rente pêlo, lâ ou cabelo; tonsurar.
- touruno.** [esp. plat. *toruno*.] Adj. Bras. S. Boi mal castrado, que ainda procura as vacas.
- trampa.** [esp. *trampa*.] S. f. Ant. Trama; enredo; tramóia. Bras. RS. Armadilha para apanhar caça.
- tramppear.** [esp. plat. *tramppear*.] V. int. Bras. RS e ant. Trapacear; calotear.
- tramposo.** [esp. plat. *tramposo*.] Adj. Bras. RS e ant. Intrigante; intrometido; trapaceiro.
- trancelim.** [esp. *trencellín*, dim. de *trencillo*.] S. m. Galão ou trança fina de seda, ouro ou prata para costura; cordão delgado, de ouro.
- trancucho.** [esp. plat. *trancucho*.] Adj. Bras. S. Pop. Meio bêbado.
- trangalho.** [esp. *trangallo*.] S. m. Trambolho; toro ou ramo de madeira.
- tranquilha.** [esp. *tranquilla*.] Peça de madeira com que se aperta o cavalo, no manejo. O pau que se coloca no viés, no jogo da bola.
- tranquito.** [esp. *tranquito*.] S. m. Bras. RS. Tranco. Cavalo que anda bem, que é estradeiro.
- trapiche.** [esp. *trapiche*.] Armazém onde se guardam mercadorias. Bras. N.E. Pequeno engenho de açúcar, movido por animais.
- trecho.** [esp. *trecho*.] S. m. Espaço de tempo ou lugar; intervalo. Fragmento; extrato; porção de um todo.
- triquete.** [esp. *triquete*.] Us. na loc. adv. A cada **triquete** = A cada passo.

- trompeta.** [esp. *trompeta.*] S. 2g. Bras. RS. Pessoa, ruim, ordinária; desmancha-prazeres.
- tronchar.** [esp. *tronchar.*] V. t. d. Cortar rente; mutilar.
- troncho.** [esp. *troncho.*] Adj. Mutilado. Bras. Curvado para um lado; torto. S. m. Membro cortado; talo de couve-tronchuda. Bras. N.E. Pessoa perigosa; mau elemento.
- tronchudo.** [esp. *tronchudo.*] Adj. Que tem talos grossos. Fig. Que tem membros fortes.
- troneira.** [esp. *troneira.*] S. f. Fort. Intervalos onde se enfia a boca do canhão ou da bombarda; bombardeira.
- tropilha.** [esp. plat. *tropilla.*] S. f. Bras. MG, S e GO. Tropa de cavalos com o mesmo pelame que seguem uma égua-madrinha. Bando de pândegos; farristas.
- troquel.** [esp. *troquel.*] Forma para a cunhagem de medalhas e moedas.
- trouxa.** [esp. ant. *troja, troxa,* 'carga que se leva às costas'] S. f. Fardo de roupa; grande pacote. S. 2g. Gír. pessoa tola, inábil, fácil de ser enganada. Adj. 2g. Pessoa trouxa.
- trouxe-mouxe.** [esp. *a troche y mouche.*] Loc. adv. A **trouxe-mouxe** = Desordenadamente.
- truco, truque.** [esp. plat. *truco* e esp. *truque.*] S. m. Bras. S. Certo jogo de cartas.
- tumbeiro.** [esp. plat. *tumba* 'carne de má qualidade' + eiro.] Adj. e s. m. Bras. RS. Vagabundo que vive de estância em estância; parasito.
- turno.** [esp. *turno.*] S. m. Grupo de pessoas que se alternam; turma. P. ext. Divisões de horário de trabalho. Bras. Etapas de campeonatos esportivos.
- U**
- ufano.** [esp. *ufano.*] Adj. Que se orgulha de algo.
- umbral.** [esp. *umbral* 'soleira da porta'.] Ombreira; limiar, entrada.
- V**
- valenciana.** [esp. *valenciana,* de Valência ou Valença.] S. f. Pesc. Sistema de armação fixa de pesca.
- vaqueano.** [esp. plat. *vaqueano.*] S. m. Bras. MG, S e C.O. Prático; conhecedor do caminho.
- vaquilhona.** [esp. *vaquillona.*] S. f. Bras. RS. Novilha muito nova. Vaca que ainda não pariu.
- vasconço.** [esp. *vascuence.*] S. m. Basco. Fig. Linguagem ininteligível.
- vascongado.** [esp. *vascongado.*] Adj. e s. m. De ou relativo às Vascongadas (Espanha).
- vasquinha.** [esp. *basquiña?*] S. f. Ant. Saia pregueada na cintura. Casaco muito justo.
- veleta.** [esp. *veleta.*] S. f. Cata-vento.
- velhaco.** [esp. *bellaco.*] Adj. e S. m. Traíçoeiro; patife; ordinário; libertino. Bras. N.E. Animal que não se deixa prender com facilidade.
- velhori.** [esp. *vellorí.*] Adj. 2g. Animal cavalariço de cor acinzentada.
- velinho. [esp. *velillo.*] S. m. Tecido semelhante à gaze.
- venezolano.** [esp. *venezolano.*] Venezuelano.
- ventana.** [esp. *ventana.*] S. f. Bras. Ant. Gír. Ladra. Janela.
- ventanilha.** [esp. *ventanilla.*] S. f. Cada uma das aberturas da mesa de bilhar, por onde cai a bola.
- verdureiro.** [esp. plat. *verdulero.*] S. m. Bras. RS e MT. Verdureiro.
- vidala, vidalita.** [esp. plat. *vidala, vidalita.*] S. f. Canção popular argentina.
- vilancete.** [esp. *villancete.*] S. m. Composição poética, em geral curta e caráter campesino.

- vilancico** [esp. *villancico*.] S. m. Gênero de canção do século XVII, com tema amoroso e encomiástico.
- vislumbrar**. [esp. *vislumbrar*.] V. t. d. Alumiar frouxamente; entrever; conjecturar; começar a surgir.
- vislumbre**. [esp. *vislumbre*.] S. m. Luz tênue; aparência vaga; vestígio.
- vivaracho**. [esp. *vivaracho*.] Adj. Bras. S. Muito esperto; muito vivo; sagazíssimo.
- volantim**. [esp. *volatín*.] S. m. Andarilho.
- Z**
- zaga**. [esp. *zaga*.] S. f. Fut. Posição dos jogadores da defesa, entre a linha média e o gol.
- zagueiro** [esp. *zaguero*.] S. m. Fut. Jogador que ocupa a zaga; beque.
- zamba**. [esp. *zambra*.] S. f. Antiga dança espanhola, de origem mourisca.
- zampar**. [esp. *zampar*.] V. t. d. Comer muito com pressa e voracidade. Encher muito o estômago.
- zângano**. [esp. *zángano*.] S. m. Parasito. Agiota; desonesto. Agente de negócios particulares; zangão. Tolo, parvo, bobo.
- zaragata**. [esp. *zaragata*.] Desordem; confusão; algazarra.
- zaragatoa**. [esp. *zaragatona*.] S. f. Nome de duas ervas humildes. Pequena esponja ou pincel de fios de linho para aplicar remédios na garganta e no nariz. P. ext. Medicamentos aplicados com esses objetos.
- zarzuela**. [esp. *zarzuela*.] S. f. Teat. Obra dramática de origem espanhola, espécie de ópera-cômica.
- zorongo**. [esp. *zorongo*.] Dança espanhola muito viva.
- zorrilho**. [esp. *zorrillo*.] S. m. Bras. Mamífero carnívoro da família dos mustelídeos, semelhante à jaratitaca.
- zorro**. [esp. *zorro*.] S. m. Raposo. Criado velho. Pesc. Rede de pesca de arrasto. Bras. S. Pessoa astuta, velhaca.
- zumbar**. [esp. *zumbar*.] V. int. Fazer grande ruído; zoar; zumbir.

3. CONCLUSÃO

Encontramos um total de 892 entradas lexicais originárias do espanhol. Um poucas oferecem alguma dúvida quanto à sua origem, pois não se sabe ao certo se foram introduzidas pelo espanhol ou por outra língua. Nesses casos indicamos

a possível língua concorrente ou assinalamo-las com (?).

Do total de termos registrados, 230 pertencem ao espanhol americano no qual se destaca o espanhol platino, com 215 registros, correspondendo a 24% do total. Os termos originários do português platino refletem a cultura e atividades comuns do sul do Brasil, norte do Uruguai e norte da Argentina. Referem-se, na sua maior parte, ao gado vacum e eqüino, à lida com estes animais e à sua utilização econômica. Podemos verificar, por exemplo, que existem diversas denominações para cavalos e bois, de acordo com a cor do pêlo, manchas, etc.; devido à sua importância naquelas paragens.

Grande parte destas palavras são brasileirismos restritos ao Sul, mais especificamente ao Rio Grande do Sul. O próprio termo **gaúcho** tem esta origem, sofrendo apenas uma mudança prosódica (**gaucho**).

Muitos vocábulos rotulados como espanhol americano não são desconhecidos do espanhol peninsular.

Em nossa relação, verificamos que, embora exista um grande número de vocábulos de uso restrito, existem muitos outros que fazem parte do cotidiano da língua portuguesa. Pa-

lavras como cigarro, farol, gatuno, hortaliça, mulato, periquito, pesquisa, prego, sangrar, entre muitas outras, estão definitivamente incorporadas à língua comum, embora nem sempre se tenha noção de sua origem..

4. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

4.1. Resumo

Na língua portuguesa estão incorporados vários empréstimos vocabulares do espanhol. Alguns são de uso restrito de uma região e/ou atividade. No português do Brasil há predominância destes empréstimos na região Sul, porque se originam no espanhol das regiões do Rio da Prata, fronteiriças com o Estado do Rio Grande do Sul. Existem alguns termos do espanhol de outras regiões hispano-americanas, mas a grande maioria pertence ao espanhol sem qualquer especificação.

No nosso levantamento foram encontrados cerca de 900 vocábulos originários do espanhol. Seus derivados, no entanto, poucas vezes são tomados de empréstimo porque se processam no português.

4.2. Abstract

In Portuguese there are incorporated some borrowed words from Spanish. Some of them have restricted usage to one region and/or activity. In Brazilian Portuguese there is a predominance of those borrowings in the South region, because they originate in the Spanish of the River Plate region, bordering the State of Rio Grande do Sul. There are some words from the Spanish of other Spanish American regions, but the great majority of them belongs to the Spanish without any specification. In our research there were found about 900 words originated in Spanish. However, their derivatives rarely are borrowed because they are developed in Portuguese.

5. BIBLIOGRAFIA

CASARES, Julio. *Diccionario ideológico de la lengua española*. 2. ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1982.

COROMINAS. Joan. *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. 3. ed. muy rev. y mej. Madrid: Gredos, 1980.

DICIONÁRIO AURÉLIO Eletrônico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1994].

DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO da Língua Portuguesa. Feito sobre o plano de F. J. Caldas Aulete. 3. ed. actual. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948.

HAENSCH, Günther *et alii*. *La lexicografía*. Madrid: Gredos, 1982.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. 5. v.

ZAMORA VICENTE, Alonso. *Dialectología española*. 2. ed. muy aum. Madrid: Gredos, 1967. 5. HAENSCH, Günther *et alii*. *La lexicografía*. Madrid: Gredos, 1982.

6. NOTAS

- i. Vide nome completo na Bibliografia, item 3.
- ii. Só em Aurélio.
- iii. Tb. em Casares.
- iv. Idem.
- v. Só em Aurélio, com esta acepção.

.CONTRIBUIÇÃO ÁRABE NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS

José Pereira da Silva

Mestre e Doutor em Filologia Românica, UFRJ. Professor Adjunto de Língua Latina e Filologia Românica, UERJ. Dedicou-se à pesquisa na área de Ecdótica e Crítica Textual.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO

2- OS ÁRABES NA PENÍNSULA IBÉRICA

3- CARACTERÍSTICAS DA CONTRIBUIÇÃO ÁRABE

4- CONCLUSÃO

5- BIBLIOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

Foi importantíssimo a influência dos árabes na formação das modernas nações ibéricas ou delas provenientes.

A invasão e a dominação sarracena na Península Ibérica durante oito séculos, assim como a sua contribuição no desenvolvimento lingüístico lusofônico, será analisada resumidamente.

A importância dos moçárabes, como um encravamento racional e social entre os hispano-mouros, levará em

conta o fato de terem eles enfrentado a dominação muçulmana, influenciando os seus dominadores e sofrendo a dominação muçulmana, influenciando, assim como o fato de terem proporcionado uma evolução natural do neo-latim lusitano, equilibrando as influências, ora dos árabes e berberes que vinham do Sul, ora dos galegos e asturianos que vinham do Norte.

As diversas formas e os diversos caminhos pelos quais os lusitanos receberam a contribuição árabe em seu léxico, tanto quanto as épocas em que isto aconteceu, serão vistas.

Só no último capítulo, no entanto, apresentaremos o vocabulário com quase toda a contribuição árabe conhecida, que passa de 1.100 termos, incluindo-se algumas variantes.

Nesse capítulo, observamos que só registramos os vocábulos dos quais se conhece o significado e que se registram em, pelo menos uns três dicionários consultados, que são dos melhores e mais atualizados que existem em nosso idioma.

Após o vocábulo de entrada no verbete, acrescenta-se a variante ou as variantes (caso existam), seguida da classe gramatical. Depois vem o significado ou sinônimo e a indicação da fonte bibliográfica das informações.

Em alguns casos, é indicada a página da CMV e de SSN, logo após a respectiva abreviação. Só em casos especiais.

O trabalho está bastante limitado quanto ao tema, visto que não conhecemos um método prático e eficaz para distinguir os vocábulos árabes daqueles que já constituíram empréstimos anteriores à língua árabe. Outrossim, não é fácil estabelecer, com absoluta segurança, o caminho percorrido por um vocábulo árabe até o momento atual, em português. Deste modo, limitamo-nos a documentar a contribuição árabe, sem grandes preocupações com a época e o meio pelo qual aqui chegou.

Pelo menos, garantimos que a contribuição árabe em nosso léxico é

bem maior do que o que registramos, tendo sido quase toda a contribuição anterior ao século XIII, vindo depois os termos técnicos que nos chegaram indiretamente.

2. OS ÁRABES NA PENÍNSULA IBÉRICA

A Península Ibérica foi invadida pelos muçulmanos berberes e árabes, definitivamente, em 711. Os berberes, comandados por Tárique, chegaram à frente e conseguiram sufocar todas as pequenas resistências dos hispano-godos, que estavam muito enfraquecidos militar e politicamente. Ainda no mesmo ano ou no início do ano seguinte, um grande reforço muçulmano, comandado pelo general Musa, constituído de soldados árabes, veio garantir a conquista Tárique.

Na primeira década, o que é natural, houve muita repressão dos vencedores, com o que firmariam a sua autoridade de dominadores sobre os cristãos da península. Mas logo a seguir a vida de todos voltara a um ritmo normal.

Visando os impostos que engordariam os tesouros dos califas, impostos cobrados dos cristãos e judeus para que pudessem praticar livremente a

sua religião, a tolerância religiosa se estendeu a uma tolerância generalizada, com o que puderam conservar as suas próprias leis, seus usos e costumes, sua língua; tinham os seus próprios juízes, fiscais de costumes e cobradores de impostos; participavam da escolha de seus governantes municipais, e até a hierarquia eclesiástica era respeitada pelos muçulmanos.

Por chegarem à frente, porém, os berberes se achavam e com razão com maiores direitos do que os árabes. No entanto, foram empurrados para o interior da península, tendo de enfrentar constantemente os cristãos inconformados que se refugiaram ao Norte, além de ficarem com terras mais pobres.

Aliás, desde o início, desde que Tárique e Musa as encontraram no território ibérico, as relações entre os mouros berberes e os mouros árabes estiveram constantemente mal. As desavenças entre as duas facções dominantes jamais permitiram um longo período de paz entre os dominadores árabes.

Era tamanho o ódio reinante entre essas duas facções muçulmanas que fazia esquecerem o ódio comum que

ambas professavam contra os cristãos.

Estes, ao contrário, constituíam um grupo coeso e compacto. Magoados por estarem subjugados a seus inimigos de crença, mas esperançosos na reconquista que seus irmãos de fé preparavam nas Astúrias, os moçárabes constituíam um poderoso encravamento racial e social dentro da Espanha muçulmana.

Em relação a seus dominantes, as diferenças eram nítidas e marcantes. Mas, em relação aos cristãos inconformados que fugiram para as montanhas das Astúrias para reorganizarem a resistência, a unidade de crença e o passado comum eram elementos suficientes para neutralizar as pequenas divergências.

Os moçárabes foram muito arabizados em algumas regiões, como em Santarém, Évora, Mértola, Lisboa, Alcácer, Cacela, Ossómoda e Silves. Noutras regiões sofreram influências mínimas e, em compensação, os cristãos tiveram mais influências sobre os árabes do que estes sobre aqueles.

Esta interpretação de costumes era constante, mas, os inter-casamentos de mulheres cristãs ou moçárabes com homens árabes ou muçulmanos foi o mais importante processo de

fusão das raças e dos costumes durante a dominação sarracena na Península Ibérica. Como os filhos sofrem mais intensamente as influências da mãe, com quem aprendam a língua e os costumes mais elementares, os descendentes desses intercassamentos aprendiam o romance moçárabe e a religião cristã, além de se afeiçoarem à luta dos vencidos.

Como é natural, também os moçárabes sofreram influências dos sarracenos, apesar de seu conservadorismo e ser apego às tradições.

A tal respeito, diz Oliveira Martins:

A arabização dos cristãos não se traduz apenas nos hábitos exteriores: chegavam a perder o conhecimento da língua pátria, trocada pela árabe até ao ponto de os bispos reconhecerem a necessidade de mandar traduzir as Escrituras na língua do Corão.

O romance dos moçárabes apresentava inúmeros traços do árabe, seja no vocabulário, seja na pronúncia, mesmo entre aqueles que não cultivavam a língua dos muçulmanos.

Como os mouros, em geral, não se interessavam em aprender a língua dos cristãos, estes, muitas vezes, sentiam-se obrigados a falar a língua de seus dominantes.

Por serem os mouros muito superiores intelectualmente aos cristãos, os moçárabes acabaram por adotar inúmeras palavras de civilização dos árabes ou por eles divulgadas juntamente com as ciências, artes e técnicas greco-árabicas. Afinal de contas, não poderia deixar de ser importante a contribuição dos árabes, pois foram oito séculos de permanente e muito íntimo contato entre as duas línguas e as duas civilizações.

Apesar de tudo, é importante ressaltar que, embora muito superiores, os árabes não criaram situações artificiais em que os peninsulares fossem obrigados a usar a sua língua. E é por isso que a formação dos diversos idiomas ou dialetos ibéricos foi espontânea. A maior ou menor importância atual dos diversos dialetos é consequência de fatos sócio-culturais e políticos posteriores, com maior ou menor desenvolvimento das diversas literaturas regionais ou nacionais, que afetam diretamente o desenvolvimento do dialeto em que as divulgam.

O repovoamento da região entre o Douro e o Minho, no final do século IX, e a conquista definitiva de Coimbra, em 1064, foram dois momentos importantíssimos na formação lingüística dos portugueses. Princi-

palmente nestas duas épocas, embora isto tivesse acontecido diversas vezes em menor escala e em outras regiões, os moçárabes estiveram em íntimo e intenso contato com os galegos e asturianos, produzindo um nivelamento da falar dos cristãos do Norte com o falar dos cristãos do Sul, nivelamento este que se fez pela média criada nesta interação, com possível maioria de moçárabes.

Deste modo, apesar da enorme contribuição que recebemos da língua árabe, o seu predomínio não prejudicou a evolução de neo-latim, que se deu intensamente no Norte, mas acanhadamente no Sul, voltando à média após a reconquista, ou desde que ela começou.

É mesmo bastante provável que o romance moçárabe não tivesse sido tão diferente do galego-português, como se costuma imaginar. Basta que observemos esta estrofe, que foi transcrita por Serafim da Silva Neto, e que representa a lírica dos moçárabes, datada de 1040:

Vai-se meu corachon de mib

ai, Rab, si se me tornarás?

Tan mal meu doler li-l-habib!

Enfermo yed, quando sunarád?

Conforme opinião de Menéndez Pidal é até possível que tenha havido influência direta da lírica moçárabica na lírica galego-portuguesa que se desenvolveu a partir do século seguinte à documentação moçárabica conhecida.

3 - CARACTERÍSTICAS DA CONSTRUÇÃO ÁRABE.

Conhecidas as qualidades fonéticas dos elementos árabes que entraram para o nosso idioma, a grande maioria deles é descoberta por dedução, ficando por conta da pesquisa bibliográfica apenas a documentação desta procedência em textos antigo ou a sua abonação nos dicionários etimológicos.

Juntamente com as contribuições das línguas indígenas brasileiras e das línguas africanas dos negros que vieram como escravos para o Brasil-colônia, tais elementos árabes dão ao português o seu caráter peculiar entre as demais línguas românicas, inclusive entre as ibero-românicas.

Talvez seja a maior contribuição não-latina de nosso vocabulário, com mais de mil vocábulos, que entraram para o português em épocas e de maneiras muito diferentes.

Numerosos passaram por diversos países e foram acolhidos em nossos dicionários com a sua forma já bastante alterada em relação a sua origem. Outros, de origem não-árabica, foram adotados primeiramente por esse povo como vocábulos de civilização e divulgados no Oriente com as ciências, artes e técnicas greco-românicas, só chegando mais tarde ao português.

Desses arabismos tardios, posteriores ao século XII ou XIII, um grande número chegou-nos através do francês e do italiano, ou então, do turco, do persa e do concâni.

Em geral, é bom lembrar, todos os arabismos que entraram para o francês já haviam passado pelas línguas ibéricas, pelo menos em sua fase arcaica. Mas o mesmo não acontece em pelo menos em sua fase arcaica. Mas o mesmo não acontece em relação ao italiano, pois estes receberam influência direta dos sarracenos, quando estes dominaram a Sicília.

Ao contrário do que acontece com as línguas ibero-românicas, os arabismos franceses e italianos não subsistiram no falar comum, mas apenas em livros de erudição.

Em português, não só no vocabulário erudito ou de emprego meramente

histórico, mas também no vocabulário do dia-a-dia de seus falantes de hoje, é abundante e notável o emprego de arabismos.

Subsistem arabismos, em português, nos nomes de lugares e acidentes geográficos, na geografia e na agricultura, no comércio e na indústria, na arquitetura, na música e na astronomia, na matemática e na química, na botânica e na medicina, no vestuário, nos misteres populares e nas ocupações domésticas, etc.

Com raras exceções, todos são substantivos. Inclusive alguns derivados, que se formam com sufixos vernáculos, como: *adeleiro*, *albufeira*, *alcaçaria*, *alfridária*, *algarvio*, *algaravia*, *algibeira*, *algaravia*, *almirante*, *arsenal*, *azeitona*, *azulejo*, *almargem*, *borragem*, *fezanzal*, *galingal*, *marroquino*, *mesquinho*, *mocarraria*, *tafueira*, *tafularia*, *tafuraria*, etc.

Entre as palavras gramaticais somente uma sobreviveu. Se é que não têm razão os latinistas: *atá* ou *ataa*, que se tornou *até*.

Entre as interjeições, apenas três: *oxalá*, *arre* e *rua*. *Oxalá* quer dizer "queira Deus" ou "se Deus quiser"; *arre* serve para indicar cólera ou enfado, sendo empregada especialmente para incitar as bestas a andarem;

rua é usada exata e exclusivamente para expulsar alguém do recinto em que se encontra.

Algumas características dos vocábulos de origem arábica são facilmente observáveis, como veremos a seguir.

Algumas, por exemplo, possuem *X*-inicial, como é o caso de: *xá, xadrez, xairel, xaque, xaque-mate, xará, xarreta, xarifa, xaroco, xarofa, xarope, xarque, xáuter, xaveco, xávega, xeique, xeque, xequemate, xerife, xiíta*, etc.

Outros começam com *enx-*, como os seguintes: *enxaca, enxadrez, enxaqueca, enxara, enxaravia, enxarope, enxarrafa, enxávana, enxeco, enxedrez, enxerca, enxoval, enxovedo, enxovia*, etc.

Este grupo influiu nos representantes de numerosos termos latinos que principiam com *ex-*, como as seguintes, entre outros: *enxame, enxuto, enxugar, enxada, enxó, enxaguar, enxúndia* e *enxofre*, assim como as formas arcaicas *enxemplo* e *enxemplo*.

Um bom número se caracteriza pela terminação. Entre estas estão as palavras que terminam em *í* tônico: *aleli, alfaqui, alizari, arabi, aravi, azaqui, bafari, borni, candi, carmesi, faqui, garabi, granadi, guadame-*

ci, haji, hajdi, houri, huri, javali, maçari, maravedi, marroqui, meceri, mozmodi, mucuími, muculumi, mucuruí, muçurumi, mufti, muladi, nabri, nabri, rafidi, sufi, tabi, vali, etc.

Muitas vezes este sufixo é transformado em *il* ou em *im*.

Os seguintes casos correspondem aos que transformam o sufixo *í* tônico em *il*: *adail, aguazil, alacil, alguazil, alvazil, aguazil, anafil, anil, arrabil, candil, caitil, cordovil, granadil, guadamecil, manchil, mandil, maravedil, marroquil*, etc.

Entre os que mudam *í* em *im*, na última sílaba, encontram-se: *alabar-dim, alecrim, alfenim, alfolim, alfonim, alfonsim, anexim, baldaquim, benjoim, borzequim, cansim, carmesim, celamim, cequim, cetim, gergelim, guadamecim, haquim, jasmim, marfim, marroquim, mastedim, mastidim, mexelim, mirabolim, miramolim, muçurumim, muslim, muezim, talim*, etc.

Além desses, ainda existem os casos das palavras que terminam em sílabas como *-afe, -afre, -efe* ou *-aque*, que não são usadas em final de palavras latinas. Entre estas, citemos: *alcadafe, alfafe, anafafe, almocafre, alarefe, alcadefe, arzanefe, arzarnefe, arzenefe, azarnefe, magarefe,*

achaque, alfaque, almadraque, almanaque, atabque, tabaque.

Um número muito grande dos vocábulos que herdamos dos árabes começa com as sílabas *al-*, que é o artigo árabe, único e invariável em gênero e número.

Para que o leitor não che enfadonho demais a leitura, não arrolaremos aqui todos esses vocábulos, que são mais de 270, além de algumas dezenas de formas variantes, remetendo-o para o capítulo seguinte, onde poderá consultar o vocabulário e seu significado, além de algumas raras observações etimológicas.

Este mesmo artigo, tantas vezes repetido, ainda pode ser encontrado fundido aos nomes a que precede, reduzido simplesmente à vogal *a*.

Este fato acontece com mais frequência diante de consoantes sibilantes, como nestes casos que destacamos: *açacaia, açafata, açafate, açafrao, acelga, acém, acepipe, acéquia, achaque, acica, acicate, acitara, acoite, açorda, açotéia, açougue, açúcar, açucena, açude, assassino, axímex, axorca, azáfama, azagaia, azambujo, azar, azeite, azeitona, azêmola, azenha, azeviche, aziar, azimute, azinhaga, azinhavre, azougue, azul, azulejo, azumbre*, etc.

Além das consoantes sibilantes, também as consoantes dentais, as nasais e as vibrantes costumam acarretar a queda de *l* do artigo árabe, reduzindo-o ao mero *a*.

Antes das dentais, encontramos os seguintes casos: *adail*, *adarga*, *adarme*, *adarve*, *adelo*, *adiafa*, *adobe*, *adua*, *adufa*, *adufe*, *atabal*, *atabaque*, *atafal*, *atafona*, *atalaia*, *ataúde*, etc.

Antes de nasais, podemos mostrar os seguintes casos: *amálgame*, *anaciado*, *anadel*, *anafa*, *anafafe*, *anáfaga*, *anafaiá*, *anáfega*, *anafil*, *anaxir*, *andaima*, *andaluz*, *anexim*, *anil*, *anta*, *anúdava*, *anúduva*, etc.

Antes de vibrantes, existem, entre outros, os vocábulos seguintes: *arabalde*, *arrabil*, *arraia*, *arraial*, *arraião*, *arrais*, *arrátel*, *arrebique*, *arrecada*, *arrécova*, *arrefém*, *arriaz*, *arrixe*, *arroba*, *arrobe*, *arroz*.

Muitas palavras que entraram no português através do árabe provém de línguas conhecidas, como o latim e o grego, por exemplo. Outras, mesmo já sendo conhecidas pelos ibero-romanos, sofreram a influência árabe, alterando-se foneticamente, principalmente em seu início.

Entre as palavras latinas que sofreram esse tipo de influência, podemos

exemplificar com: *almoço*, de *ad-morsus*; *alerce*, de *larice*; *exedreia*, de *saturéia*; *açúcar*, de *sacchar*, etc.

Entre as palavras de origem grega, pertencem a esta categoria, entre outras: *alquimia*, de *chemeia*; *alixir*, de *xeron*; *triaga*, de *theriaca*; *temoço*, de *thermós*; *arroz*; de *oryza*; *alveitar*, de *hipp-iatros*.

Para que os estudiosos possam tirar maior proveito deste trabalho, caso se interessem pelo assunto, veja-se o capítulo seguinte, em que se encontram mais de mil vocábulos que constituem contribuição árabe, sucinta informação quanto ao significado e etimologia, além de indicação bibliográfica de cada vocábulo.

4- CONCLUSÃO

Analizada a história da invasão e da dominação muçulmana em território luso-espanhol do século VIII ao século XV, observado que realmente houve uma grande contribuição lingüística desse povo aos falantes de língua portuguesa e documentados 959 termos, fora as variantes e fora os termos insuficientemente justificados pelos filólogos e etimólogos (em vocabulário excluído desta publicação por causa da limitação necessária de espaço), res-

ta-nos uma fácil conclusão: é muito grande a contribuição árabe na formação do léxico da língua portuguesa.

Entre os vocábulos afastados por insuficiência de informações ou por informações contraditórias, estão todos os topônimos e antropônimos, que constituiriam algumas centenas de vocábulos, certamente. Mas não é só. Muito não entraram, simplesmente, porque não consultamos uma bibliografia suficientemente ampla para atingi-los, nem tivemos tempo de compulsar com mais calma os três dicionários usados. Além disso, ainda afastamos os seguintes termos: *alabão*, *alambor*, *alarefe*, *alberche*, *alcabideque*, *alerce*, *alfafe*, *alfarraz*, *aljustrel*, *almacave*, *almíbar*, *almocaté*, *almofazar*, *almofter*, *alpantesma*, *alplan*, *alporão*, *alquicel*, *anaxir*, *arrematar*, *arrieiro*, *azarnafe*, *belota*, *betelgeuze*, *caçarete*, *ciclatão*, *curca*, *curcuma*, *elefante*, *fasquia*, *fatá*, *gaziva*, *guedre*, *hárume*, *huçá*, *imalar*, *inama*, *mafamude*, *manzel*, *mibá*, *regalo*, *rigueifa*, *rematar*, *sequino*, *tercena*, *troupe*, *uçá*, *vadio*, *vega*, *chá-mate*, *zaguão*, *zalamá*, *zurame*, além de alguns outros; como os objetivos pátrios, por exemplo.

Tal número de arabismos é tão importante e notável numa língua que seria impossível um bate-papo informal de alguns minutos sem a presença de algum ou alguns deles.

É claro que os chamados "vocábulos de civilização" constituem um grande número desses termos. Mas não pára aí a contribuição árabe. Os arabismos estão profundamente infiltrados na linguagem popular de todos os recantos de Portugal e do Brasil. Principalmente de Portugal, é claro.

Apesar das naturais limitações já expostas na introdução, estamos certo de estarmos contribuindo com mais um tijolinho na construção da Filologia Portuguesa. Certamente é um tijolinho torto e defeituoso, mas, com certeza, aproveitável.

E isto já compensa as horas consumidas.

Gostaríamos de receber contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalhinho. Estamos contando com o Caro Leitor.

5- BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Antônio Geraldo da; Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho et alii. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. [Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982]. XXIX + 839 p. ♦

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; Assistentes: Margarida dos Anjos et alii. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1.ª ed. (10ª impressão). (Rio de Janeiro: Nova Fronteira (s. d.), XIX + 1499 p.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*; com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 3.ª ed. (Lisboa): Horizonte (1977), 5 v.

MARTINS, Oliveira. *História da civilização ibérica*. (s. 1). Europa-América (s. d.). 230

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1979. 672 p.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa*; segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e 1912/13; seguidas das "Lições práticas de português arcaico". (Lisboa): Martins Fontes (s. d.). 441 p.

6. NOTAS

iii. SILVA NETO, S., (1979), p. 334.

iv. MARTINS, O., (s. d.), p. 103.

v. SILVA NETO, S., (1979), p. 339.

vi. *Op. cit.*, p. 341.

vii. VASCONCELOS, C. M., (s. d.), p. 301.

viii. *Op. cit.*, p. 305.

Post Scriptum: Prometemos para o próximo número desta Revista o "Vocabulário português legado pleos árabes"

i. MARTINS, O., (s. d.), p. 90 et

p. SILVA NETO, S., (1979), p. 333-

4.

ii. **Op. cit.**, p. 90-92.

DISCURSO E PUBLICIDADE

Maria Antônia da Costa Lobo

Mestre e Doutoranda em Linguística e Filologia Românica, UFRJ. Pesquisadora-Colaboradora do CEFIL do Departamento de Linguística e Filologia - Faculdade de Letras, UFRJ.

1. INTRODUÇÃO

Poucos assuntos têm despertado tanta curiosidade da parte de estudiosos, quanto a publicidade e o contexto em que ela se insere.

Uma das ciências fornecedoras de um embasamento para esses estudos é a PSICO-SOCIOLOGIA, a par-

tir de seus teóricos e daqueles que dela se servem para o estabelecimento de teorias em análise do discurso.

Esse caminho favorece uma análise com atenção para o interesse pelas mensagens persuasivas, com estudo do ponto de vista voltado para o condicionamento das situações de comunicação e os mecanismos de compreensão/interpretação - reação

da fala persuasiva contida em um (con)texto.

Além disso, sabe-se que, na publicidade, há um propósito, em um texto com u'a mensagem, produzido por um enunciador (e/ou locutor), texto esse a ser usado por um sujeito falante, encenando, às vezes, um papel de narrador.

Ora, todo texto depende, por um lado, da situação de comunicação na qual e para a qual foi concebido; por outro, depende das diversas ordens ou MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO.

No caso, optou-se por um estudo desses citados modos, tomando-se por base a teoria de Patrick Charaudeau, referente à análise do discurso.

Quanto às fontes de pesquisa auxiliares na seleção do *corpus* aproveitado foram usados jornais - O GLOBO, em particular - e encartes publicitários.

Nos textos selecionados, verificou-se uma imbricação relativa aos meios de organização do discurso (enunciativo, narrativo, descritivo, argumentativo) e destacaram-se marcas de atos de linguagem que pudessem servir de complementação ao estudo visado.

Como conceituou Charaudeau, um ato de linguagem é:

“uma *mise-en-scène* da significação, da qual participam os parceiros (EU/TU), os quais estão ligados por um certo número de contratos e que têm um certo projeto de fala que determina a aplicação dessa *mise-en-scène*.”

EM SUMA:

ENUNCIACÃO
MISE-EN-SCÈNE
NARRACÃO
. EM NARRACÃO
DESCRICÃO
. EM DESCRICÃO
ARGUMENTACÃO → MUNDO REFERENCIAL →
. EM ARGUMENTACÃO

2. UMA TEORIA EM BUSCA DE APLICAÇÃO

Dentro da proposição de uma teoria da linguagem com capacidade de estabelecer as diferentes práticas de uma análise do discurso, afirma Charaudeau:

“Le langage est un phénomène - et donc un objet d'étude - qu'on ne peut pas amputer de sa dimension psychosocial.”¹

Assim, o ato de linguagem envolve: um contrato de fala, entre pelo menos dois parceiros; um estatuto social entre estes; um ritual social, relativo à linguagem em função dela; um gênero discursivo; um projeto de fala e um instrumento de análise.²

1. In *Éléments de sémiolinguistique d'une théorie du langage à une analyse du discours*.

2. No caso do presente trabalho, o texto publicitário.

A par disso, estabelece-se um ato, dito de linguagem, que se realizará com uma situação³, um como (a língua) e uma questão (a propósito de quê).

Na ocorrência, entram, desse forma, em ação quatro princípios, a saber:

- 1) interacional (EU/TU);
- 2) de influência (tentativa de manipulação do EU sobre o TU);
- 3) de pertinência (justificativa para tal); e
- 4) das regulações (resistência do TU).

O que representa o interacional?

Como se sabe, não há sujeito falante sem destinatário⁴.

Deve-se considerar que um ato de linguagem pretende atingir sempre o outro (e influir sobre ele).

No caso da pertinência, é impossível que se diga qualquer coisa, a qualquer momento e de qualquer modo - deve haver algo que justifique isso.

Na regulação, um (EU) quer vencer e o outro (TU) resiste - não há neutralidade no discurso.

3. Ou como Coseriu chamou o ENTORNO.

4. Base dialógica: EU/TU.

Enfim, com todos esses fatores influenciadores, o ato de linguagem

constitui-se em uma verdadeira “mise-en-scène” - bem à moda teatral - cuja aplicação é determinada pelo projeto de fala.

Dessa forma, muitas questões podem surgir, tanto da parte do emissor, quanto por parte do receptor (Tu_i - tu interpretador ou interpretante; Tu_d - tu destinatário).

Por parte do segundo: o que há atrás da mensagem lingüística? A quem é, verdadeiramente, endereçada essa mensagem? Quem a produziu, realmente? De que circunstâncias situacionais é ela testemunha?

No que se refere ao primeiro (Eu_c - sujeito comunicador; Eu_e - sujeito enunciativo do ato de linguagem), surgem dúvidas como: quem é meu interlocutor? O que posso supor que ele pense (a) de mim? Quais são os elementos das circunstâncias situacionais que me constroem ou me limitam? E qual é minha margem de liberdade?

Contudo, há uma justificativa, abrangendo todas essas dúvidas - a linguagem é um fenômeno, cuja dimensão social não pode ser excluída.

E mais: ao se analisar um ato de linguagem - independente de qual seja ela - não se deve visar à língua como termo de análise, mas aos traços da

organização sócio-cultural nos quais o discurso se enraíza ou se insere - as circunstâncias simbolizam os meios auxiliares com vistas ao entendimento do real sentido.

3. PUBLICIDADE E DISCURSO

3.1. Os modos de organização do discurso no *corpus* selecionado

Cada modo de organização possui uma função de base e quatro princípios.

A função de base corresponde à finalidade discursiva do projeto de fala do locutor, que, às vezes, se confunde com o enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo.

No enunciativo, verificam-se três tipos de relações:

- . do Eu_e ao Eu_c (transferência/opacidade);
- . do Tu_i ao Tu_d (inclusão/exclusão);
- e
- . do Eu_e e do Tu_d ao propósito (objetivo/subjetivo).

O enunciativo é uma categoria de discurso que testemunha a forma pela qual o sujeito-falante age sobre a “mise-en-scène” do ato de comunicação, estabelecendo uma relação de

influência entre locutor (EU) e interlocutor (TU).

O narrativo supõe que a tomada de consciência de uma FALTA acione, em um indivíduo, uma BUSCA que o coloque como AGENTE desta, cujo objeto (buscado) representará a falta preenchida. Logo, o resultado positivo (R+).

O descritivo constitui-se em uma estratégia com vistas ao argumentativo, que facilita o trabalho junto aos demais princípios.⁵

No argumentativo, observa-se a construção de uma proposição, a qual simboliza o raciocínio de base (conjunto da argumentação), que é

5. No trabalho aqui focado, a finalidade volta-se para o estudo do discurso na publicidade e a descrição se faz necessária - e muito!!!

sempre causal (Se F, então P) e irá desenvolver um ato de persuasão, o qual tenderá a confirmar a existência de uma relação entre F e P.

Logo:

- . propósito: F x P → R+
- . proposição: se você quer (ou precisa de) R+, então busque P.

. persuasão: a) o valor de sedução de R+, então busque P.
 b) só P dará a você R+.

Por um lado, a argumentação é endereçada à parte de raciocínio do interlocutor (capacidade de refletir e de compreender).

configuração explícita, como será verificado a seguir.

Desse modo, é lícito afirmar-se que todo texto que se apresenta, em sua roupagem externa, como uma argumentação, se baseia igualmente em uma organização narrativa e enunciativa, e vice-versa.

Por outro, a argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que depende de uma situação com mira persuasiva.

Apresentação do *corpus* publicitário selecionado.

O aspecto argumentativo de um discurso se acha freqüentemente oculto no implícito dele.

No caso específico dos textos publicitários, é lícito afirmar-se que raramente são argumentativos em sua

Ao *corpus* selecionado para o presente estudo foi atribuída uma numeração de um (1) a quatro (4), de acordo com a análise feita e apresentada nos itens 3.3. e 3.4.

3.3. APLICAÇÃO COM VISTAS A UM ALVO: O RESULTADO POSITIVO (R+)

3.4. AS MARCAS DE ATOS DE LINGUAGEM NO CORPUS SELECIONADO

Para se atingir um alvo (= resultado +), algumas etapas devem ser ultrapassadas e algumas estratégias ou recursos devem ser, igualmente, aplicados. E isto é o que será observado a seguir.

No começo do *corpus*_ 1, constata-se a presença de uma proposição argumentativa de estrutura enunciativa-narrativa: “O apartamento que você tem na cabeça, pelo dinheiro que você tem no bolso.”

Como quem argumenta o faz com o objetivo de convencer alguém, a estruturação publicitária parte, em seguida, para a descrição de dois tipos de imóveis: “São excelentes apartamentos com sala, dois quartos, cozinha, uma ou duas varandas, banheiro social, área de serviço e dependências de empregada.” Ou então:

No *corpus* 6, a atenção é chamada, inicialmente, pela marca metonímica, registrada em *cabeça* por *pensamento* e (dinheiro) no *bolso* por *bolsa*, no Banco, ou na gaveta. Até mesmo porque, popularmente, há quem afirme:

- Isto não me sai da cabeça!

Ora, por se tratar de um discurso de caráter predominante e sobejamente argumentativo, até as marcas registradas nesse discurso estão nos operadores argumentativos OU (marca de opção), AINDA e NÃO SÓI (implícito) entre “ótimo terraço” e “o prédio tem...”, mas, igualmente, no convite para a comprovação do que é enunciado: “Venha conhecer.”

Os qualificadores, empregados como auxiliares des-

“apartamentos duplex com varanda e ainda um ótimo terraço.”

“O prédio tem elevador, garagem, área de recreação que você quer.”

Entra aí em ação o sujeito-falante, em um diálogo com o sujeito-destinatário (alvo da publicidade): “que você quer.” E ele continua alocutivamente: “Venha conhecer.” Está-se diante de um apelo, ao TU_d, reforçando-se o expresso anteriormente: “Esse é o apartamento que você quer ter.” E o mais importante na concepção do EU falante: “e pelo preço que você pode pagar.”

Enfim, argumentativamente, na conferência de autoridade, o nome de Francisco Xavier Imóveis, acompanhado do lembrete: “Apartamentos prontos.”

EM RESUMO:

a falta: não ter um apartamento (posição relativa ao destinatário - visão do enunciador/locutor);

a busca: centrada em suprir essa falta;

produto: o apartamento (duplex ou não);

persuasão: desde que você queira, eis o apartamento que não lhe sai da cabeça;

resultado (+): para o sujeito-falante, a venda do imóvel.

No *corpus* 2, vêm-se dois personagens em plano aproximado, ambos de frente. A posição em que eles aparecem, associada ao depoimento de cada um (“Eu trabalho em dois hospitais, tenho consultório). Sem falar nos plantões, nas emergências. Tenho que cuidar dos meus assuntos pessoais daqui mesmo” - o médico. E “Minha vida, meu trabalho, tudo acontece

critivos, mesmo que revestindo a mensagem subjetivamente, funcionam muito bem na argumentação produzida: “São *excelentes* apartamentos...”, “...ainda um *ótimo* terraço”, “...uma *bela* portaria.”

Acrescente-se a tudo isso um contexto situacional do Rio de Janeiro, influenciando, também, na mensagem publicitária argumentativa - se faz necessário que não haja perturbação para o comprador, após efetuada a compra. Logo, “...toda a *tranquilidade* que você quer.”

Outra marca que bem acentua o discurso narrativo-argumentativo em questão é a passagem de “você quer” para “você quer *ter*?”

Sim, porque, às vezes, é provável que esteja implantado no receptor da mensagem o desejo de *querer*, sem a expressão de outra ação concomitante. Dessa forma, é necessário reverter essa situação discursiva e precisar o verdadeiro significado.

Logo, a justificativa para a adjunção de *ter* a *quer(er)* (= *quer ter*).

No *corpus* 2, inicialmente, o sujeito-falante estrutura o discurso, a partir da justificativa implícita do porquê ser cliente BRADESCO, jogando pelo menos com o exemplo de dois profissionais: médico (atestado pelo jaleco e estetoscópio ao pescoço) e músico (atestado pelo saxofone).

Todavia, podem ser depreendidas várias marcas mais explícitas, funcionando como auxiliares à estruturação enunciativo-narrativo-argumentativo, como:

◇ o jogo apositivo (BDN = Bradesco, Dia e Noite);

à noite. Não sei o que seria de mim sem essa facilidade.” - o músico) outorga-lhes o estatuto de anunciantes. Essa presença física de cada um como sujeito-falante confere ao enunciado uma ilusão de diálogo com o sujeito e o (TU) destinatário.

Ora, é sabido que a linguagem só existe e só toma corpo através do(s) indivíduo(s) que a utiliza(m).

Em uma etapa posterior, há uma alteração na construção enunciativa, com a passagem do comportamento elocutivo (que, então, envolvia o próprio EU_e, marcado pelas modalidades subjetivas de opinião) para o delocutivo. Nessa ocasião, faz-se crer que o propósito se emite sozinho, sem intervenção (direta) do sujeito-falante.

Assim, entra-se no âmbito do discurso descritivo: “Telebradesco Residência, Telebradesco Empresa, Tele-saldo Bradesco, ou Fax Fácil Bradesco, acesso à conta-corrente, Poupança, Fundo de Aplicação Financeira, Carteira de Cobrança e Ações Escriturais...”

O referido âmbito passa a funcionar como reforçador do discurso argumentativo, com vistas ao alcance relativo a um maior número de clientes.

Todavia, o modo argumentativo não pára aí, já que há outros fatores contribuintes para a estruturação do mesmo: “nas unidades do BDN - Bradesco Dia e Noite”, a chance de tornar possível a resolução de problemas oriundos das necessidades impostas pelo sistema econômico vigente no país (“em todo o Brasil, a qualquer hora, inclusive, sábados, domingos e feriados...”)

Assim, é lícito afirmar-se que:

1. FALTA: necessidade de algum lugar onde o clien-

◇ o aspecto antitético Dia e Noite, mostrando um equilíbrio e a não-interrupção funcional do Banco;

◇ os locativos: “em casa ou no escritório”, “em todo o Brasil”, e “nas salas de auto-Atendimento”;

◇ os temporais: “a qualquer hora”, “inclusive aos sábados, domingos e feriados”; “horários ampliados” e “De dia ou à noite”;

◇ o semantismo verbal do *fazer*, *aplicar*, *resgatar* (no FAF Fácil), *consultar*, *obter* (extratos), *pagar* (contas), *transferir* (fundos), *solicitar* e *retirar* (talões de cheques).

Quantas ações podem ser executadas! É o dinamismo vital;

◇ os operadores argumentativos:

◆ “*tem gente* (que está no Bradesco, porque o dia é curto)”, equivalendo a *uns*;

◆ *outros* (porque a noite é longa).

Ora, *uns* + *outros* = muitos, remetendo a “*todo mundo* (tem um bom motivo para ser cliente)” (E você? O que espera?);

◇ as ocupações profissionais de cada enunciador; e

◇ as respectivas posições deles, nas fotos, deixando antever o fundo das mesmas: computador com tela à amostra - Telebradesco - e o letreiro luminoso com a razão social - Bradesco - acompanhada de um lembrete: BRADESCO DIA E NOITE.

Com tudo isso, a argumentação foi positiva ou nega-

te possa realizar operações financeiras com tranqüili-

dade, sem muito desperdício de tempo e com segurança, independente de uma hora determinada (“a qualquer hora”, afirma o sujeito-falante no texto publicitário);

2. BUSCA: o TU (interpretador e destinatário = cliente quer evitar tudo isso); e

3. OBJETO (R+): BRADESCO que preenche as necessidades da falta.

Logo, com tantas vantagens, por que deixar de ser cliente BRADESCO?

O discurso do *corpus* 3 estrutura-se, de início, com base em uma advertência: “A hora de pagar a conta não se chama alta por acaso. Faça um Hospitaú.”

Do começo dela até “por acaso”, a ausência de indicadores discursivos que remetam (diretamente) ao sujeito-falante assinala que este não se acha presente explicitamente. Mas eis que o Tu_d é, de repente, envolvido, de forma direta, na ação, de maneira alocutiva, alocação essa marcada pelo emprego do imperativo: “Faça (um Hospitaú)”.

Desde então, há uma retomada da delocução, via narração, tendo por finalidade o aspecto argumentativo: “Nos dias de hoje, nem injeção na testa é de graça. Muito menos hospitais, médicos e exames.”

Mesmo dentro da narração, há um instante em que o TU* é, de novo, chamado diretamente pelo sujeito-falante, cujo percurso lingüístico constitui-se em um apelo à comparação: “do mesmo modo que você faz seguro para seu carro e sua casa, você também precisa pensar num seguro para sua saúde. Que, afinal, é muito mais importante que os dois.”

tiva - convenceu ou não?

Pela extensão textual, muitas marcas foram utilizadas na organização discursiva do *corpus* 3.

O imperativo é uma delas: “Faça; ligue (ou) procure.”

Ora, é por esse primeiro imperativo - faça - que o desejado pelo sujeito-falante é inserido no discurso deste *corpus*: um Hospitaú. Quem pratica uma ação faz alguma coisa, lógico.

Contudo, uma das marcas mais destacadas está no uso de **você** com valor semântico correspondente à segunda pessoa do singular (TU), reforçado por possessivos: “sua (casa), seu (carro) e seu (seguro)” - identificação de protagonista(s).

O semantismo verbal é acentuado em “precisar (de)”, a fim de conduzir a um preenchimento expresso em “pensar em um seguro”.

No âmbito semântico, ainda, é lícito destacar a importância atribuída ou imposta à saúde, escorada na mola-mestra que é o dinheiro.

Enfim, não poderiam ser desprezadas as marcas depreendidas com base em operadores argumentativos, como: “por isso...”, “afinal é *muito mais* importante que os dois” e “para começar”. Esta última expressão deixa antever outras vantagens do Hospitaú pela posição em que aparece no (con)texto situacional.

O locativo (“lançados) *neste país*” serve de índice, para que não se pense em outro plano de saúde, bem como não venham a ser estabelecidas outras comparações.

E antes que o destinatário pense em qualquer outra opção, como plano de saúde, o sujeito-falante intervém, afirmando: “O Hospitáú é um dos melhores seguros-saúde já lançados no país.”

Ora, após uma imposição discursiva narrativo-argumentativa, é indispensável que as vantagens do produto sejam apresentadas, a fim de que haja aceitação do mesmo pelo Tu_d . Outrossim, com a finalidade de alcançar o objetivo maior (R+), envolvem-se pessoas ligadas ao mencionado Tu_d : “O Hospitáú tem novos planos onde você pode escolher as garantias, que mais interessam, podendo combinar e montar da maneira que você e sua família acharem melhor.”

E, dessa maneira, pode pensar o Tu_d : “Que liberdade de escolha! Não só para mim, mas também para os familiares!”

Prosegue, assim, a organização discursiva com a descrição detalhada das vantagens oferecidas e essenciais na aquisição de um Hospitáú: “livre escolha de médicos e hospitais, quitação do plano por 5 anos em caso de falecimento do titular, ampla cobertura para internação hospitalar (inclusive UTI), quimioterapia, transplantes, implantes, despesas com doadores e muitas outras doenças que a maior parte dos planos exclui.”

De novo, detecta-se a tentativa de convencimento relativamente à aquisição mencionada, jogando ainda com o recurso à comparação: “a maior parte dos planos exclui.”

* Vide explicação contida nas marcas deste *corpus*.

Todavia, as vantagens não cessam aí, pois “o Hospi-

No *corpus* 4, constata-se um tipo de estruturação discursiva marcada pela redução frástica e pela pontuação intensa, correspondente a um pleno englobamento de idéias com vistas ao reforço argumentativo.

Por um lado, essa estruturação é, ainda, acentuada a partir de um mecanismo matemático, resultante, exatamente, do jogo aí aplicado: a mencionada redução frástica contém pequenas parcelas, cuja soma das mesmas leva ao resultado esperado pelo sujeito-falante.

Assim, “em frente ao mar + a areia macia + o passeio tranqüilo + prazer de viver + dia e noite + todo dia + Barra Summer Dream + aqui está o sonho + um lugar para morar do jeito que você sempre quis viver + amplos apartamentos e coberturas + todos com vistas para o mar” = + R₁;

“Guarita de segurança + circuito interno de TV + gerador + completa estrutura de lazer + central telefônica + localização mais valorizada da Avenida Sernambetiba + qualidade e tradição SERVENCO + 2500 m² de praça ajardinada” = + R₂.

LOGO: (+ R₁) + (+ R₂) = + R₃.

Por outro lado, a estruturação discursiva contém alguns elementos a destacar. Considerando-se alvo (= levar o Tu_d a comprar um dos imóveis em questão), é indispensável acentuar que o “Barra Summer Dream” é “um lugar para morar do jeito que você (Tu_d) sempre quis viver”. E em “*amplos* apartamentos e coberturas - todos com vista para o mar”.

Ora, *sempre, sonho de verão* (Summer Dream) e *am-*

taú oferece garantias opcionais”, muitas delas “ineditas”: “medicamento após alta hospitalar, fisioterapia fora do período de internação, prótese e órtese e tratamento odontológico em caso de acidente.” E mais: “não existe carência.”

Depois de tudo isso, só resta apelar outra vez. Para tal, nada melhor do que o alocutivo, via imperativos: ligue/procure (um dos corretores credenciados abaixo). Entra, então, em ação uma lista longa dos credenciados.

O discurso se fecha com um slogan acentuadamente argumentativo: “Hospitaú. O seguro saúde com uma saúde de ferro.” Saúde de ferro é aquela esperada e desejada por todos.

Até uma ligação grátis com vistas à compra do Hospitaú está incluída nas oportunidades oferecidas: “0800-194321.” Com a autoridade da “Itaú Seguros”, claro!

E aqui se constata o pensamento de Patrick Charaudeau:

“A linguagem até em sua materialidade a mais concreta (o significante) é o lugar de recuperação de práticas psico-sociais.”

O *corpus* 4 abrange uma publicidade que tem como ponto de partida um texto que exige (para análise) algumas referências extra-discurso, em consequência do contexto em que se insere.

Convém assinalar, de imediato, que o discurso publicitário, aparece fracionado em quatro partes interligadas, a saber:

. a primeira delas inicia-se com um apelo ao comportamento alocutivo (“Escolha”) envolvendo o Tu_d, ca-

los integram uma lista básica de marcas argumentativas.

Além disso, prazer/conforto/hedonismo estão presentes em: “piscinas/sauna/play-ground/bar/quadras esportivas/salas de jogos/gerador.”

Até a marca visual, através das diversas colorações usadas na citada publicidade* integram a relação de argumentos:

- o preto: estruturação narrativo-discursiva;
- o bege e o azul, na composição da planta do imóvel propriamente dito;
- o azul e o branco, na simbologia marinha com as respectivas ondas típicas da praia da Barra da Tijuca; e
- verde, na grama (2500 m² de praça ajardinada), na condução ao repouso.
- E mais: a estrela do mar, como ícone da sorte no sincretismo e nas crendices do povo brasileiro.
- EM SUMA:
- FUNCIONALIDADE + BELEZA = UM VERDADEIRO MUNDO À PARTE, o mundo dos sonhos.
- Daí o “VIVA A VIDA NA BARRA”.
- * A publicidade original era colorida e aqui é feita uma análise lingüística calcada no aspecto cromático.

racterizado como você;

. a segunda, com uma descrição puramente referencial: “área privativa: apt.º 03-137 m², 3 e 4 quartos com varandões e vista para o mar”;

. a terceira, que pode, igualmente, ser chamada de referencial, visa a apresentar vantagens, das quais o Tu_d (destinatário-comprador) poderá desfrutar: “Guarita de segurança, circuito interno de TV, gerador... central telefônica”;

. a quarta simboliza uma retomada do discurso apresentado na terceira, com poucas variantes, como “acabamento requintado.”

Apesar disso, outras considerações devem, ainda, ser feitas, tomando-se por base o modo de organização argumentativo, já que é conhecida a finalidade da publicidade: convencer o Tu_d a sentir a necessidade de adquirir um dos imóveis nela incluídos.

Em “Escolha para morar tudo aquilo que você sonhou para viver”, detectam-se ações (escolher/morar/sonhar/viver) a serem praticadas por alguém, em função de um tudo. E mais: no Barra Summer DREAM, sob a figura de uma estrela do mar.

Para a estruturação discursiva, o sujeito-falante, que a pratica, se serve de um contexto pragmático (= importância, quanto ao status de residir na Barra da Tijuca) e do aspecto lingüístico, existente no estrangeirismo conferido por SUMMER (verão) e DREAM (sonho).

No interior do encarte, onde a (con)textualidade prossegue, encontram-se elementos auxiliares discursivos que podem reforçar a carga semântica contida no so-

inho: “Em frente ao mar. A areia macia. O passeio tranqüilo. Prazer de viver.” (ligação epicurista). Dia e noite. Todo dia.” (= sem qualquer interrupção!). “Aqui está o sonho.” Essa argumentação associa-se, permanentemente, à idéia de sonhar e desejar sempre.

Mesmo a descrição tem o seu valor, ao ser assinalada a sua presença justificada: “Amplios apartamentos e coberturas, cercados por varandões, 2 vagas de garagem” - estas como elemento refletor de um contexto pragmático: aquele que reside em um bairro como a Barra da Tijuca será, obrigatoriamente, pelo status social, proprietário de pelo menos dois automóveis.

Além disso, importa, igualmente, frisar: “Todos com vista para o mar”, dentro de um refrão publicitário: “BARRA SUMMER DREAM.”

Mas não é apenas isso. O contexto de situação (pragmático) exige e reflete muito mais, no que se refere:

- 1) à segurança: “Guarita de segurança, circuito interno de TV e central telefônica.”
- 2) à tranqüilidade: “Gerador” - sem maiores dependências da Companhia de energia elétrica;
- 3) ao conforto e ao epicurismo: completa estrutura de lazer: piscinas, 2 saunas, playground, bar, escolhinha de arte, quadras polivalentes, sala de jogos e 2500 m² de praça ajardinada, satisfazendo os mais diversos desejos.

De forma semelhante, na exigência contextual pragmática, a chance (como proprietário) de o Tu_d apregoar: “meu imóvel tem a localização mais valorizada da Avenida Sernambetiba.”

Como a argumentação exige ou sempre que possível

deve apresentar a autoridade - conferida - ela aí está:

“Qualidade e tradição SERVENCO”.

Só resta ao sujeito-falante convidar o TU_d ou ordenar-lhe que “Venha ver 2 apartamentos decorados pelo Rio Design Center.” Mas onde? “Na Avenida Sernambetiba, 3604. E toda a garantia de não fazer um mal negócio (MG 500 e R. Jardim Imóveis, nas vendas; e, na construção, a SERVENCO.).

Enfim, integram, também, o discurso argumentativo três imagens, onde aparecem estampados, respectivamente: “os apt.^{os} 03 (- 137m²), 02 (- 167m²)” e a fachada com a localização de um outro condomínio, o “Atlântico Sul”. Associada à terceira imagem ainda foram colocadas a figura de uma “estrela do mar” e o slogan: “Viva a vida na barra.”

4. CONCLUSÃO

Após a aplicação de parte da teoria de análise do discurso de Patrick Charaudeau, é fundamental que sejam feitas observações, algumas das quais podendo dar origem mesmo a estudos e/ou análises *a posteriori*.

Como afirma o citado teórico, é plenamente constatado em todo o *corpus* aqui apresentado o seguinte:

“Pour le locuteur, parler est donc affaire de stratégie, tout comment va-t-il/doit-il parler (ou écrire), étant donné ce qu’il perçoit de

l’interlocuteur, ce qu’il imagine que ce locuteur perçoit, et ce qu’il attend de lui, du savoir que l’interlocuteur et lui ont en commun, et des rôles que ce locuteur-là et son interlocuteur doivent jouer.”*

Isto pode ser verificado através de modalizações dos sujeitos-falantes, cujas presenças são, na maioria das vezes, depreendidas, implicitamente, em cada *corpus*, via marcação vertical: 1: MX Arte criação; 2: Centrum; 3: DM9; e 4: SERVENCO. O implícito está na indeterminação, ao menos momentânea, dos referidos sujeitos-falantes.

Ora, essas modalizações não são gratuitas. O sujeito- que fala - argumenta. Quem argumenta exerce o jogo do verdadeiro e da universa-

* In *Grammaire du Sens*, p. 643.

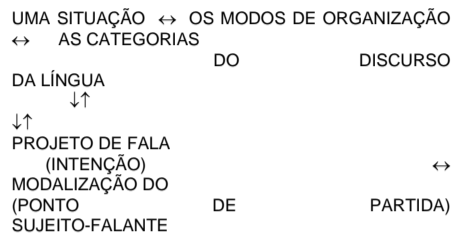
lidade das explicações. E sabe-se que um objetivo está presente nisto: fazer com que o outro (TU_i/TU_d) entre no próprio universo de discurso do EU (sujeito-falante) com o uso de estratégias de sedução e de persuasão.

Em verdade, em cada *corpus* aqui incluído, encontram-se intenções (implícitas e explícitas). Estas, por

sua vez, são justificadas, em consequências de inserções textuais.

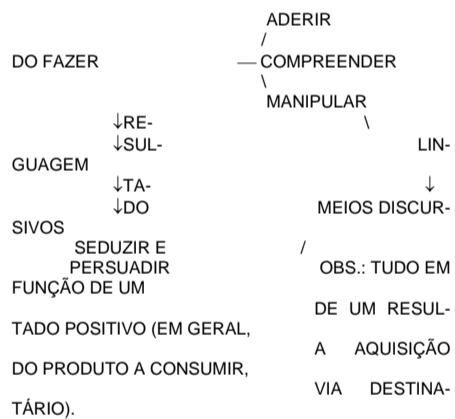
É preciso não esquecer que um texto - mormente o publicitário - é uma unidade maior que é um resultado material de um ato de comunicação.

Ligado ao mesmo, observam-se:



Outrossim, foi constatado que os modos de organização (enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo), além de funcionarem como superestruturas, dependem da finalidade com que se fala. (O sujeito que narra, por exemplo, exerce essencialmente o papel de uma testemunha que é tomada como o vivido.)

E aqui cabe uma outra alusão ao papel da intenção, na publicidade:



O fato é que a organização textual discursiva funcionou o tempo todo como interativo-argumentativa, com a atribuição, pelo sujeito-falante, de um comportamento por parte do citado destinatário - é o emissor convencendo o outro. Esse convencimento ou tentativa disso foi considerado (a) o objetivo primordial em cada *corpus* estudado.

Com isso, constatou-se que a linguagem, até em sua materialidade a mais concreta, era o lugar de representação de práticas psico-sociais (cf. *corpus* 2, em especial), chegando mesmo - às vezes - à massificação brutal: problemática do recebimento sem maiores retribuições.

Neste último caso, um bom exemplo é o discurso apresentado em todo o *corpus* 3. Esse discurso se autojustifica, apenas, em consideração a um contexto sócio-econômico-pragmático, só entendido a partir de uma instituição de uma medicina estabelecida como cara, com intuito de uma valorização e de um estabelecimento de uma relação de dependência (paciente/médico).

Há, realmente, necessidade de tudo isso?

O que existe, em verdade, por trás de uma publicidade de tipo semelhante?

Por que uma volta para a medicina terapêutica, ao invés da profilática?

Quem ganha e quem perde com tal situação?

Uma certeza existe: é o (re)mexer com o psico-social, que pode mudar muita coisa, até mesmo o comportamento humano.

Até que ponto é normal e regular uma preocupação apenas centrada em problemas que poderão ou não ocorrer?

Outra prova relativa ao contexto sócio-cultural (pragmático) encontra-se no *corpus* 4: a presença de “varandas/dependências de empre-

gada/garagem/área de recreação/toda a tranquilidade que você quer.”*

Além disso, os modos de organização discursiva estão sempre centrados no AGORA//LÁ/AQUI, em função de um tempo e de um local para a aquisição do produto apresentado pela mencionada organização, de acordo com o princípio da oportunidade. E os comportamentos discursivos, ora alocutivos - como o que envolve o Tu_d (marcado pelo imperativo, pelo interrogativo) - ora elo-

cutivos (envolvendo o Eu_e (diretamente), marcando-o pelas modalidades subjetivas de opinião), ora delocutivos (englobando tournures im-
personais, sem marcas explícitas) muito auxiliaram.

Consoante o que afirmei:

entre a língua e o mundo, chegando à pragmática. O que se diz resulta da relação de sentidos estabelecidos por elas em um contexto social, político, histórico, econômico etc...”**

Em suma, o conjunto (marcas, modos de discurso, incluindo comportamentos elocutivos, delocutivos e alocutivos) é o sustentáculo da organização enunciativa para o alcance do objetivo publicitário desejado e esperado.

No mais, é importante concordar com o princípio no qual a publicidade se encaixa (cf. CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*, p. 643):

“O texto é a manifestação material (verbal e semiológica, oral, gráfica, gestual, icônica etc...) da mise-en-scène de um ato de comunicação em uma situação determinada, para servir ao projeto de fala de um locutor determinado.”

“...é impossível esquecer que a unidade de base da leitura só pode ser um conjunto de unidades semânticas estruturadas, e que a semântica se ocupa da relação do signo com as coisas denotadas, da relação

* É o dinheiro movendo o ser humano (mormente aquele que necessita aparentar um **status** social, via automóveis) e a marca do estado de violência encontrado, atualmente, no Rio de Janeiro com o tranque-se para ter tranquilidade.

associadas ao esquema estímulo/resposta.

5.2 - RESUMÉ

Ce particle interroge les aspects les plus permanents, les plus mobiles et les plus fluctuants, cherchant les frontières où s'implique lui-même ou il se trouve impliqué. Il s'agit d'explorer et de montrer l'argumentation dans ce type de discours même: tout ce qu'elle contient s'inscrit d'après une logique projective. Cette logique, à son tour, a pour but d'entourer et de convaincre le precepteur au moment de la présentation du message. Une technique toute spéciale et perceptible est mise-en-oeuvre par l'énonciateur qui s'en sert des traits langagiers insérés au schémas stimulus/réponse.

6. BIBLIOGRAFIA

1. ANSCOMBRE, Jean-Claude. *Argumentation et topoi*. In *Argumentation et valeurs*. 5.^{ème} Colloque d'Albi, 1992.

** In *Relações sintáticas, semânticas e pragmáticas: uma aplicação*, p. 47.

5. RECAPITULAÇÕES SUMÁRIAS

5.1 - RESUMO

Este artigo interroga-se a propósito dos aspectos mais constantes, mais móveis e mais fluctuantes do discurso publicitário, buscando as fronteiras nas quais se implica ou se encontra implicado. Trata-se de explorar e de mostrar a argumentação aí encontrada: tudo o que ela contém se inscreve a partir de uma lógica projectiva. Esta, por sua vez, tem por objetivo envolver e convencer o receptor no momento em que a mensagem se apresenta. O enunciador aplica uma técnica toda especial, perceptível pelas marcas de linguagem

2. BERNÁRDEZ, Enrique. *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid: Espasa-Calpe S. A., 1982.
3. CHARAUDEAU, Patrick. Éléments de sémiolinguistiques d'une théorie du langage à une analyse du discours. In *Langage en situation* (Pratiques sociales et interaction), Connexions, 38, France, /s.d/
4. _____. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
5. LOBO, M. A. Costa. *Relações sintáticas, semânticas e pragmáticas: uma aplicação*. Rio de Janeiro: 1993.
6. _____. *Meios e instrumentos de transporte: uma abordagem onomasiológica*. Rio de Janeiro: 1993.
7. LOPEZ, Alonso & Sere de Olmos. *Où en est la linguistique?* Colloque Linguistique, n.º 23, Didier Érudition, Paris, 1992. ♦

Revista Philologus — CiFEFiL

Instruções Editoriais

1. A *Revista Philologus* do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos (CiFEFiL) tem por finalidade básica a publicação de trabalhos nas áreas de Filologia e Lingüística. Devem os mesmos, de preferência, pertencer a autores filiados ao CiFEFiL: esta filiação se dá por meio da aceitação, por parte dos interessados, dos estatutos do Círculo, bem como pela aprovação dos trabalhos, julgados de valor, pela Equipe de Apoio Editorial (EAE) e pelo pagamento de uma taxa mínima de adesão, de acordo com os estatutos do Círculo. Outrossim, são aceitas contribuições e intercâmbios externos segundo julgamento da EAE, supramencionada, e pagamento da referida taxa;

2. Os artigos, que forem apresentados, podem ser inéditos ou não e de responsabilidade do(s) autor(es), sendo

seus originais apreciados e avaliados pela Equipe de Apoio Editorial;

3. Cabe à EAE a revisão, para publicação, dos trabalhos aceitos, e eventuais modificações no texto que serão apresentadas ao(s) autor(es);

4. Não cabe ao CiFEFiL a exclusividade de publicação dos artigos, em conformidade, portanto, com o item 2., *supra*;

5. Cada trabalho apresentado ao CiFEFiL deve seguir estas normas:

5.1. os originais devem estar datilografados em papel offício branco A-4 (210 x 297 mm), espaço duplo, margens de 3 cm nos quatro lados - com excepcional tolerância de 1,5 cm na margem direita da folha -, e, com o mínimo de 10 e máximo de 25 folhas batidas e revisadas;

5.2 na folha de rosto do trabalho devem constar:

- título do artigo;

- nome(s) do(s) autor(es);

- breve *curriculum* do(s) autor(es), enfocando as atividades mais ligadas ao artigo;

- resumo informativo em português e em inglês com, no máximo, 150 palavras, em coluna dupla e redigido segundo a NBR-88 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT);

5.3. a composição do texto deverá conter a seqüência: *Introdução, Desenvolvimento, Conclusão*, ou, obedecer o sistema de numeração progressiva da NBR-69;

5.4. as notas não-bibliográficas devem ser resumidas e colocadas,

após entrada no texto através de letra ou número, no pé de cada página;

5.5. as notas bibliográficas devem ser transcritas, logo após a *Conclusão* e em ordem alfabética, de acordo com a NBR-6023;

5.6. as citações, formal (transcrição) ou conceptual (paráfrase), devem ter, obrigatoriamente, a identificação completa das fontes. Esta identificação deve estar localizada nas notas bibliográficas e segundo o item 5.5, *supra*;

5.7. a bibliografia deve ser colocada após as notas bibliográficas ou, na falta destas, depois da *Conclusão*, e, se o(s) autor(es) julgar(em) importante sua inclusão como parte informativa da temática global do artigo;

5.8. as ilustrações, tabelas e gráficos devem ser enviados em original e cópia no tamanho A4 com respectivas legendas, indicações no texto do lugar de seu aparecimento e numeração de páginas;

5.9. não serão aceitas fotografias de nenhum tipo.

6. Esta Revista, pelo menos e excepcionalmente em seus primeiros números, terá a sua composição executada em computador através do programa editor de textos Word for Windows, versão 6.0. Em vista disso, o constante do item 5.8. *supra*, e de acordo com suas qualidades de reprodução, será inserido na Revista através de xerocópias. ♦